



UFPB

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROLING - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO



LEONARDO ADRIANO EUGÊNIO DE LIMA

“A BARBIE AGORA É PRETA, TRAVESTI E ENGORDOU”
UMA ANÁLISE CRÍTICA E INTERSECCIONAL DO DISCURSO E DAS ESCOLHAS DE
TRANSITIVIDADE EM LETRAS DE RAP DE BIXARTE

JOÃO PESSOA

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROLING - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO



“A BARBIE AGORA É PRETA, TRAVESTI E ENGORDOU”
UMA ANÁLISE CRÍTICA E INTERSECCIONAL DO DISCURSO E DAS ESCOLHAS DE
TRANSITIVIDADE EM LETRAS DE RAP DE BIXARTE

Dissertação apresentada na etapa de pré defesa junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba, como um requisito para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Linguística e Práticas Sociais.

Linha de pesquisa: Linguística Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Alexandre Silva Bezerra

Coorientador: Prof. Dr. Anderson Alves de Souza

JOÃO PESSOA

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732b Lima, Leonardo Adriano Eugênio de.
"A Barbie agora é preta, travesti e engordou" : uma análise crítica e interseccional do discurso e das escolhas de transitividade em letras de rap da Bixarte / Leonardo Adriano Eugênio de Lima. - João Pessoa, 2023.
130 f. : il.

Orientação: Fábio Alexandre Silva Bezerra.
Coorientação: Anderson Alves de Souza.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Análise crítica do discurso. 2. Estudos identitários. 3. Interseccionalidade.
4. Sistema de transitividade. 5. Gênero e sexualidade. 6. Raça e classe social.
I. Bezerra, Fábio Alexandre Silva. II. Souza, Anderson Alves de. III. Título.

UFPB/BC

CDU 81'42(043)



**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE
LEONARDO ADRIANO EUGÊNIO DE LIMA**

Aos trinta e um dias do mês de julho de dois mil e vinte e três (31/07/2023), às catorze horas, realizou-se, via Plataforma Zoom, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada “A *BARBIE AGORA É PRETA, TRAVESTI E ENGORDOU*”: UMA ANÁLISE CRÍTICA E INTERSECCIONAL DO DISCURSO E DAS ESCOLHAS DE TRANSITIVIDADE EM LETRAS DE RAP DE BIXARTE”, apresentada pelo(a) mestrando(a) **LEONARDO ADRIANO EUGÊNIO DE LIMA**, Licenciado(a) em Letras pelo(a) **Universidade Federal da Paraíba - UFPB**, que concluiu os créditos para obtenção do título de MESTRE(A) EM LINGUÍSTICA, área de concentração **Linguística e Práticas Sociais**, segundo encaminhamento do(a) Prof(a). Dr(a). Jan Edson Rodrigues Leite, Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e segundo registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Programa. O(A) Prof(a). Dr(a). Fábio Alexandre Silva Bezerra (PROLING-UFPB), na qualidade de orientador(a), presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os(a)s Professores(as) Doutores(as) Anderson Alves de Souza (Coorientador/PROLING-UFPB), Carla Lynn Reichmann (Examinadora/PROLING) e Flávia Santos de Araújo (Examinadora/UFPB). Dando início aos trabalhos, o(a) senhor(a) Presidente Prof(a). Dr(a). Fábio Alexandre Silva Bezerra convidou os membros da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(à) Mestrando(a) para apresentar uma síntese de sua Dissertação, após o que foi arguido(a) pelos membros da banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, ao qual foi atribuído o conceito APROVADO. Proclamados os resultados pelo(a) professor(a) Dr(a). Fábio Alexandre Silva Bezerra, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, a presente ata foi lavrada e assinada por todos os membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 31 de julho de 2023.

Observações

O trabalho está excelente, de caráter inovador, contribuindo para a área de Linguística Aplicada e dialogando com abordagens interdisciplinares, tais como estudos culturais, estudos de gêneros e de sexualidades. É um texto com voz autoral marcada de um jovem pesquisador que se posiciona na academia a partir de uma vivência que ultrapassa seus limites.

Documento assinado digitalmente
gov.br FABIO ALEXANDRE SILVA BEZERRA
Data: 01/08/2023 18:20:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Dr(a). Fábio Alexandre Silva Bezerra
(Presidente da Banca Examinadora)

Prof(a).Dr(a). Anderson Alves de Souza
(Coorientador)

Prof(a). Dr(a). Carla Lynn Reichmann
(Examinadora)

Prof(a). Dr(a). Flávia Santos de Araújo
(Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, aos Orixás, aos encantos e aos encantados da Jurema Sagrada que não me deixam cair, sendo minha fonte de força, proteção, inspiração e fé.

Aos meus pais e familiares, em especial à minha mãe, Maria do Céu, que sempre me incentivou e forneceu todos os meios para que eu pudesse chegar até aqui. Essa conquista dedico à senhora.

Aos amigos e amigas que fiz no meio acadêmico, em especial ao Edvaldo Lira, que me incentivou a realizar a inscrição para concorrer a esta vaga para o Mestrado. Sem você, nada disso seria possível, minha eterna gratidão, meu amigo.

À Ana Flora e Thayse Dias, por todo carinho, cuidados e partilhas durante o processo de nossas pesquisas. Nossos encontros e diálogos tornaram, por diversas vezes, este processo mais leve. Sou grato por ter vivido e compartilhado esses momentos ao lado de vocês.

A todo pessoal que faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguística Sistêmico-Funcional, Análise Crítica do Discurso e Multimodalidade/Multiletramentos (GEPLAM), que a partir de nossos encontros, tornaram-se essenciais no processo de amadurecimento das ideias desta pesquisa.

Um agradecimento em especial ao meu orientador Fábio Bezerra, por ser um Professor/Orientador exemplar, que nos apoia, busca ajudar sempre que necessário e mostra compreensão com os nossos processos. O senhor realmente vem sendo muito importante em minha trajetória no mundo acadêmico.

A Anderson Souza, meu co-orientador nesse processo, que de maneira muito gentil, trouxe grandes contribuições para essa pesquisa.

Às professoras Carla Reichman e Flávia Araújo pelo aceite para participar da banca de defesa, assim como pelas belas e grandes contribuições que trouxeram com seus olhares para esta pesquisa.

À Bianca Manicongo/Bixarte, por nos presentear com sua arte belíssima, que tanto informa, quanto emociona, que nos faz vibrar, cantar, dançar e refletir. Foi uma honra analisar suas canções, e, assim, ter tido a oportunidade de trazer sua voz e tudo o que você representa para esta pesquisa.

À Fúria Negra, que de forma muita atenciosa, me auxiliou por diversas vezes, tirando inúmeras dúvidas nesse processo de pesquisa, sendo essencial para essa construção. Minha gratidão.

À Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ – PB), pelo suporte com a bolsa integral que me possibilitou realizar todas etapas e concluir esta pesquisa.

A todas e todos docentes do Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING - UFPB), pela excelência em seus trabalhos, assim como pela dedicação, seriedade e respeito com todos/as discentes.

De maneira geral, expresso meus agradecimentos a todos e todas aqueles e aquelas que fizeram parte de alguma forma dessa caminhada.

Por fim, um salve e meus agradecimentos a todos e todas aqueles e aquelas que fazem a cultura Hip Hop acontecer/existir, principalmente a todos e todas que vêm fortalecendo a cena em João Pessoa e na Paraíba. Dando voz e vez a todas periferias. Meu respeito e admiração por todos e todas vocês.

RESUMO

A presente pesquisa está inserida no campo pesquisa da Linguística Aplicada Transviada (BEZERRA, 2023), e tem como objetivo investigar em que medida os discursos produzidos pela artista Bixarte, em suas letras de rap, criam, reforçam ou desestabilizam representações normativas de identidades de gênero e sexualidade (BENTO, 2017), raça e classe social (ALMEIDA, 2019; NASCIMENTO, 2016; SOUZA, 2021). A pesquisa foi desenvolvida de maneira inter/transdisciplinar, considerando os aportes teóricos e metodológicos da Análise Crítica do Discurso, especificamente do modelo tridimensional proposto por Fairclough (1992, 2001, 2003) em diálogo com o Sistema de Transitividade, ferramenta de análise textual proposta na Gramática Sistêmico-Funcional desenvolvida por Halliday e Matthiessen (2014), enfatizando a perspectiva interseccional (CRENSHAW, 2002; AKOTIRENE; 2019; BUENO, 2020). Em termos metodológicos, esta pesquisa apresenta-se em uma perspectiva de natureza qualitativa e de caráter interpretativista. Os dados analisados foram retirados de duas canções da artista, sendo a primeira faixa “Revolução” do EP Revolução e a segunda faixa “Gordo Week”, da Mixtape Faces. Os resultados das análises revelaram uma grande mobilização de figuras materiais, mentais e relacionais em ambas as canções, permitindo acessar as práticas discursivas e sociais que evidenciaram a disputa pelo poder entre os discursos articulados nas canções da artista. Notadamente, os atos discursivos performados pela artista propõe a desconstrução de instituições e estruturas hegemônicas constituídas a partir dos saberes, crenças e modos de vida do homem branco cis-hétero europeu, que por meio da imposição colonial, estabelece normas que findam com o silenciamento, a exclusão, o apagamento e a morte de identidades de pessoas negras, gordas e/ou gays ou bichas, lésbicas ou sapatão, travestis, assim como de mulheres e homens transexuais que, muitas vezes, de maneira conjunta, ocupam os espaços periféricos das cidades. Além disso, o discurso da artista configura uma nova representação social para estes corpos, conferindo o poder emancipatório da linguagem.

Palavras-chave: Rap. Bixarte. Análise Crítica do Discurso. Sistema de Transitividade. Interseccionalidade. Estudos identitários. Gênero e sexualidade. Raça e Classe Social.

ABSTRACT

This research is inserted in the research field of Applied Linguistics Transviada (BEZERRA, 2023) and, aims to investigate to what extent the discourses produced by the artist Bixarte, in her rap lyrics, create, reinforce, or destabilize normative representations of gender identities and sexuality (BENTO, 2017), race and social class (ALMEIDA, 2019; NASCIMENTO, 2016; SOUZA, 2021). The research was developed in an inter/transdisciplinary way, considering the theoretical and methodological contributions of Critical Discourse Analysis, specifically the three-dimensional model proposed by Fairclough (1992, 2001, 2003) in dialogue with the Transitivity System, a textual analysis tool proposed in Systemic-Functional Grammar developed by Halliday and Matthiessen (2014), emphasizing the intersectional perspective (CRENSHAW, 2002; AKOTIRENE; 2019; BUENO, 2020). In methodological terms, this research presents itself in a perspective of qualitative nature and of interpretative character. The analyzed data were taken from two songs written by the artist. The first track is “Revolution” from the EP Revolution and the second track is “Gordo Week”, from Mixtape Faces. The results of the analyzes revealed a great mobilization of figures of physical, mental and relational actions in both songs, allowing access to the discursive and social practices that evidenced the dispute for power between the discourses articulated in the artist's songs. Notably, the discursive acts performed by the artist propose the deconstruction of institutions and hegemonic structures constituted from the knowledge, beliefs and ways of life of the European cis-hetero white man, who, through colonial imposition, establishes norms that end with the silencing, the exclusion, erasure and death of identities of black, fat and/or gay or queer people, lesbians, transvestites, as well as transgender women and men who, often jointly, occupy the peripheral spaces of cities. In addition, the artist's discourse configures a new social representation for these bodies, conferring the emancipatory power of language.

Key-words: Rap. Bixarte. Critical Discourse Analysis. Transitivity System. Intersectionality. Identity studies. Gender and sexuality. Race and Social Class.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa do EP REVOLUÇÃO.....	17
Figura 2 - Capa da MIXTAPE FACES	17

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Faixas do EP REVOLUÇÃO	17
Quadro 2 - Faixas da MIXTAPE FACES	18
Quadro 3 - Canção Revolução	20
Quadro 4 - Canção Revolução	20
Quadro 4.1 – Participantes dos Processos Materiais.....	60
Quadro 5 - Participantes dos Processos Materiais	61
Quadro 6 - Participantes dos Processos Mentais.....	61
Quadro 7 - Participantes dos Processos Relacionais Atributivos.....	62
Quadro 8 - Participantes dos Processos Relacionais Identificativos.....	62
Quadro 9 - Participantes dos Processos Relacionais Possessivos	62
Quadro 10 - Participantes dos Processos Verbais	63
Quadro 11 - Participante dos Processos Comportamentais.....	63
Quadro 12 - Participante dos Processos Existenciais.....	64
Quadro 13 - Canção Revolução	68
Quadro 14 - Processos Canção Revolução.....	67
Quadro 15 - Canção Revolução	68
Quadro 16 - Canção Revolução	69
Quadro 16.1 - Canção Revolução	69
Quadro 17 - Canção Revolução	69
Quadro 18 - Canção Revolução	69
Quadro 19 - Canção Revolução	69
Quadro 20 - Canção Revolução	69
Quadro 21 - Canção Revolução	69
Quadro 22 - Canção Revolução	70
Quadro 23 - Canção Revolução	70
Quadro 24 - Canção Revolução	75
Quadro 25 - Canção Revolução	75
Quadro 26 - Canção Revolução	76
Quadro 27 - Canção Revolução	76

Quadro 28 - Canção Revolução	76
Quadro 29 - Canção Revolução	76
Quadro 30 - Canção Revolução	76
Quadro 31 - Canção Revolução	78
Quadro 32 - Canção Revolução	78
Quadro 33 - Canção Revolução	79
Quadro 34 - Canção Revolução	79
Quadro 35 - Canção Revolução	79
Quadro 36 - Canção Revolução	79
Quadro 37 - Canção Revolução	79
Quadro 38 - Canção Revolução	79
Quadro 39 - Canção Revolução	81
Quadro 40 - Canção Revolução	81
Quadro 41 - Canção Revolução	81
Quadro 42 - Canção Revolução	82
Quadro 43 - Canção Revolução	82
Quadro 44 - Canção Revolução	82
Quadro 45 - Canção Revolução	82
Quadro 46 - Canção Revolução	82
Quadro 47 - Canção Gordo Week.....	88
Quadro 48 - Canção Gordo Week.....	88
Quadro 49 - Processos Canção Gordo Week.....	85
Quadro 50 - Canção Gordo Week.....	88
Quadro 51 - Canção Gordo Week.....	88
Quadro 52 - Canção Gordo Week.....	88
Quadro 53 - Canção Gordo Week.....	88
Quadro 54 - Canção Gordo Week.....	89
Quadro 55 - Canção Gordo Week.....	89
Quadro 56 - Canção Gordo Week.....	89
Quadro 57 - Canção Gordo Week.....	91
Quadro 58 - Canção Gordo Week.....	91
Quadro 59 - Canção Gordo Week.....	91
Quadro 60 - Esquema de definições.....	122
Quadro 61 - Definições dos termos na sigla LGBTQIAP+	123

Quadro 62 - Conceitos de práticas LGBTQIAP+fóbicas.....	124
--	------------

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	6
1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Perguntas e objetivos	12
1.2 Justificativa	13
1.3 Metodologia	14
1.3.1 Seleção do corpus	14
1.3.2 Modelo tridimensional da ACD	18
1.3.3 Análise de transitividade	19
1.4 Linguagem e sociedade: diálogos contemporâneos na Linguística Aplicada	20
2. BIXARTE, UM GRITO DE VITÓRIA	26
2.1 Hip Hop	31
2.2 Rap	34
3 PERSPECTIVA ANALÍTICA: INTERSECCIONALIDADE	38
4 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA	52
4.1 Análise Crítica do Discurso	52
4.2 Gramática Sistêmico-Funcional	57
4.2.1 O Sistema de Transitividade	59
5 ANÁLISE DOS DADOS	65
5.1 Canção Revolução	66
5.1.1 Processos Materiais	68
5.1.2 Processos Mentais	78
5.1.3 Processos Relacionais	81
5.2 Canção Gordo Week	85
5.2.1 Processos Materiais	88
5.2.2 Processos Relacionais	91
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	103

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Família brasileira, dois contra o mundo.
Mãe solteira de um promissor vagabundo.
(Racionais MC's – Negro drama)

Dedico estas palavras iniciais ao propósito de apresentar-me enquanto indivíduo social e, assim, melhor situar o/a leitor/a desta pesquisa, além de explicitar a minha relação com as temáticas aqui abordadas e investigadas. Dessa forma, apresento um pouco de minha trajetória dentro da cultura Hip Hop, assim como meu interesse em realizar análises sobre a linguagem dentro dos parâmetros de uma Linguística Aplicada Transviada (BEZERRA, 2023).

Natural de João Pessoa/PB, cresci em um bairro periférico localizado na Zona Oeste da cidade. Bairro este que é marcado pelo esquecimento dos poderes públicos e mergulhado em casos de violência relacionados ao tráfico de drogas, assim como pela violência institucional praticada pela polícia.

Foi nesse cenário que tive meus primeiros contatos com a cultura Hip Hop, mais especificamente com o elemento do rap por meio das canções performadas pelos Racionais MC's, grupo que tem forte presença e influência nas periferias de todo Brasil. Foi a partir desse contato com o rap que recebi (ainda, que, sem perceber) minhas primeiras injeções de conteúdo sobre a estratificação da classe social, questões raciais e de toda exclusão e violência promovida pelo Estado contra pessoas negras e periféricas, temas que não eram tão debatidos como são atualmente.

Apesar de, naquela época, ainda não relacionar as músicas do grupo ao estilo rap e ao Hip Hop, desde que passei a ouvi-las, percebia que essas canções traziam à tona muitas das realidades que eram visíveis em meu próprio bairro, fosse pela falta de assistência pública, fossem as condições precárias de saneamento básico, a violência relacionada ao tráfico de drogas, a violência policial, as destruturações das famílias, os vícios por drogas como o crack, assim como os efeitos provocados pelo alcoolismo, entre tantos outros fatos que me fizeram criar uma grande conexão com o gênero musical.

Em meados do ano de 2009, adentrei ao mundo da cultura Hip Hop não mais apenas enquanto telespectador/ouvinte, mas como praticante de um de seus elementos. Foi a partir do contato com a dança breaking, que pude mergulhar de fato na cultura, conhecendo parte de sua história, assim como suas bases artísticas. Na época, eu mal tinha noção da importância e da influência que aquela dança e aquela cultura teriam sobre o desenvolvimento de minhas subjetividades, assim como das minhas relações sociais.

Foi por meio do contato com o breaking, com o rap e com a cultura Hip Hop que pude tornar-me um ser mais crítico e consciente sobre meu corpo, sobre minhas ações, sobre a comunidade em que estava (estou) inserido, sobre a forma como a política acontece e como as políticas públicas nos atingem.

No ano de 2012, motivado pela dança, tive a oportunidade de fazer um curso de língua inglesa através de uma bolsa de estudos oferecida na escola em que estudei. Naquele momento, o entusiasmo com a dança me levou a estudar inglês com o propósito de compreender as canções as quais costumávamos dançar, bem como com a esperança de, em algum momento, ter a oportunidade de dançar em algum evento fora do país.

Infelizmente, a viagem para um evento internacional não veio, mas o fato é que tal escolha me trouxe a oportunidade de realizar a licenciatura do curso de Letras – Inglês pela Universidade Federal da Paraíba, curso que concluí no ano de 2020. Durante este período de formação acadêmica, o rap e o Hip Hop fizeram-se presentes em minhas pesquisas, apresentações e em debates que eram promovidos pelos/as professores/as. Além disso, com a intenção inicial de observar a ‘função social’ que o rap exerce em nossa sociedade, passei a buscar por teorias linguísticas que pudessem me auxiliar nesse sentido.

Durante essas buscas, deparei-me com a ferramenta de análise do sistema de transitividade, teoria apresentada pelo Professor Anderson Souza, meu coorientador nesta pesquisa, que foi meu orientador no processo do Trabalho de Conclusão de Curso, no qual me propus a investigar representações identitárias relacionadas à raça, a partir das escolhas de transitividade realizadas nas canções do rapper Thiago Elniño.

Atualmente, imerso no campo da Linguística Aplicada Transviada (BEZERRA, 2023), busco alinhar de maneira inter/transdisciplinar os saberes produzidos na Linguística Sistêmico-Funcional, utilizando, especificamente, o sistema de transitividade, dessa vez, em harmonia com o arcabouço teórico da Análise Crítica do Discurso, a fim de investigar, de maneira interseccional, questões identitárias de gênero e sexualidade, raça e classe social, em letras de rap de Bixarte considerando os aportes teóricos das teorias sociais.

Assim, considero que meu envolvimento com a cultura Hip Hop caracterizou-se enquanto um caminho frutífero, do qual continuo a colher os frutos, a destacar esta pesquisa. De certa forma, parece clichê, mas é, simplesmente, a mais pura realidade quando afirmo que fui salvo pela cultura Hip Hop, pois, ao observar a realidade de muitos jovens do bairro onde cresci, sei que não foi (é) por acaso que, atualmente, tenho a possibilidade de estar cursando uma pós-graduação em um dos melhores programas do país.

Ter a oportunidade de alinhar tais teorias linguísticas, estando inserido em um campo de conhecimento como a Linguística Aplicada Contemporânea e Transviada, intencionando observar o uso da linguagem no rap, tem sido uma enorme alegria, principalmente por reconhecer, dentro deste campo de pesquisa e nos arcabouços teóricos que venho utilizando, interesses semelhantes aos que são difundidos na cultura Hip Hop, a destacar o uso da linguagem de maneira consciente com o propósito de desestabilizar estruturas hegemônicas e, com isso, trazer à tona realidades e identidades que muitas vezes são esquecidas, apagadas, invisibilizadas, sendo essa a maneira que venho encontrando de me manter engajado com a crítica e com as práticas estabelecidas dentro da cultura Hip Hop.

1 INTRODUÇÃO

Com o advento das globalizações (SANTOS, 2000) e o avanço tecnológico no século XXI, as múltiplas formas de observar, entender e usar a linguagem tornaram-se essenciais para estabelecermos redes de representações, contatos e informações que nos situam geográfico-sócio-historicamente. Em um mundo cada vez mais conectado e atravessado por informações, em que as representações semióticas se estabelecem por meio de diferentes sistemas, é inconcebível que a linguagem não seja tomada de maneira consciente enquanto ferramenta que tem o poder de desestabilizar estruturas hegemônicas, que se mantêm no poder pelo domínio de instituições e de aparelhos ideológicos (FAIRCLOUGH, 2001), que promovem discursos capazes de materializar desigualdades e exclusões de determinados grupos e sujeitos em nossa sociedade.

Se é por meio da linguagem que nos expressamos, representamos o mundo e a nós mesmos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), é por meio dela que, também, devemos reivindicar nossos direitos mais básicos, assim como o próprio direito à vida. Entretanto, da mesma maneira, é por meio da linguagem que estruturas desiguais são criadas, difundidas e naturalizadas em nosso convívio social, colocando determinados sujeitos às margens da sociedade, negando-lhes o direito a uma vida digna, livre e sem violência.

Sendo assim, entendo a linguagem como uma maneira de atuar sobre o mundo, alinhando-me a Fairclough (2001, p. 91) quando conceitua discurso como “um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente, sobre os outros”, caracterizando o uso da linguagem enquanto uma prática social, que não apenas representa, mas que constitui o mundo em significados, construindo identidades e relações sociais, assim como os sistemas de conhecimento e crença.

Os estudos críticos do discurso de base anglo-saxã (FAIRCLOUGH, 1992; 2001; 2003) propõem o estudo empírico da linguagem, visando a desnaturalização de discursos que instituem violências, vulnerabilidades, descasos e exclusões a determinados grupos e sujeitos em nossa sociedade. Desta maneira, interessa-me refletir sobre o uso da linguagem como meio de se contestar tais desigualdades e violências, contrapondo discursos hegemônicos, que disputam a “sustentação de um *status* universal para determinadas representações particulares do mundo material, mental e social” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 46).

Para tal reflexão, lanço um olhar crítico sobre letras de rap, gênero musical de origem estadunidense, que tem como característica ser um dos elementos que compõe a cultura Hip Hop. De acordo com Moassab (2008), “o hip-hop é uma voz que se impõe face às construções

simbólicas homogeneizantes produzidas pelo pensamento dominante” (p. 16). Além disso, a autora destaca a importância do rap, enquanto manifestação verbal, na luta contra representações sociais produzidas pelo sistema hegemônico.

O rap surgiu no final da década de 1970, nas periferias de Nova Iorque – Estados Unidos, onde os jovens afrodescendentes e latinos viviam em um contexto social caótico provocado pelas altas taxas de desemprego, violência e falta de assistência do governo. Buscando uma forma de contrariar e denunciar essa realidade, estes jovens passaram a utilizar o rap enquanto meio artístico para levantar suas bandeiras políticas, abordando questões raciais e sociais, denunciando exclusões e preconceitos (PESSOA, 2017). Dessa forma, o discurso produzido no rap logo tornou-se uma ferramenta para a construção de uma nova identidade para os grupos e sujeitos inseridos nesse cenário de exclusão (SANTOS; CARVALHO; SIQUEIRA, 2013).

A sigla “R.A.P” se refere ao termo em inglês “*Rhythm and Poetry*”, que em português pode ser traduzido para “Ritmo e Poesia” ou “Ritmo, Atitude e Protesto” como destaca Eddine (2018). Portanto, em sua tradução literal, a sigla remete ao teor poético-literário das letras, enquanto a segunda tradução engloba a musicalidade, a ação e o que é subversivo no rap.

Suas marcas linguísticas, por vezes, demonstram-se poéticas tomando forma por meio de versos, estrofes e rimas, mas também se estruturam como contos, nos permitindo entrar em contato com lugares e realidades distintas, personagens (ou o Eu lírico) que narram/expõem suas histórias, seus cotidianos e a vida social. Com isso, essa expressão artístico-política fornece material que pode e vem sendo analisado criticamente, levando em conta suas estruturas literárias, as leituras descritivas de nossa sociedade, dos grupos sociais e dos sujeitos que a compõem, assim como as relações estabelecidas entre linguagem, história, cultura e sociedade.

Dessa forma, o rap tem sido tomado enquanto objeto de investigação e reflexões por pesquisadores sociais, historiadores, linguistas e de áreas adjacentes, que buscam entender a relação entre linguagem, sociedade, cultura e política (OLIVEIRA, 2015); suas características literárias (RIBEIRO, SILVA, 2021; SALGADO, 2015); a interface do rap frente à educação (MACEDO, 2010; MESSIAS, 2015); na Psicologia Social em diálogo com estudos sobre Juventude e Gênero (RODRIGUES, 2013); por meio de teorias linguísticas, observando a relação entre linguagem, representações sociais e identidade (CAMARGOS, 2019; GOMES, 2018; LIMA, 2020; SILVA, 2020), assim como a relação entre o texto linguístico e as melodias, observando como questões históricas e sociais estão relacionados com a estética particular do rap (SEGRETO, 2014). Sendo estes apenas alguns exemplos das mais diversas pesquisas que veem observando o rap enquanto objeto de pesquisa.

Em seu início, o rap era majoritariamente demarcado por homens cisgêneros heterossexuais, mas com a expansão global da cultura Hip Hop e do rap, outros sujeitos e grupos marginalizados passaram a ocupar esta posição enquanto MCs¹. Atualmente, o cenário do rap apresenta-se mais inclusivo e diverso. De acordo com Fabrício e Moita-Lopes (2019, p. 139, tradução minha), “o rap praticamente se espalhou por todo o mundo: da periferia das grandes cidades aos grupos indígenas”².

No cenário nacional, encontramos rappers mulheres, LGBTQIAP+ e indígenas. Alguns nomes que podem ser citados são as MCs Negra Li, que atua no rap desde o final da década de 1990, Drika Barbosa e Tássia Reis, mulheres negras recentes no rap; O grupo Quebrada *Queer* e artistas como Rico Dalasam, Linn da Quebrada e Bixarte representam o *Queer rap*. Além disso, os grupos Brô Mcs e Oz Guarani atuam realizando um rap indígena.

A presença desses grupos sociais no cenário do rap significa uma expansão de corpos e ideias para a cultura Hip Hop, além de proporcionar novos discursos e novas lutas frente ao sistema que insiste em privilegiar determinados corpos e manter outros à margem da sociedade.

Os discursos produzidos por esses artistas em suas músicas envolvem denúncias contra as violências de gênero, raça, etnia e classe social, expondo o racismo, o machismo, a LGBTQIAP+fobia, indo contra os moldes das colonizações e os seus efeitos, ou seja, a colonialidade, que, segundo Quijano (2009, p. 73), “é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista”, assim como, também, criticam fortemente a falta da presença e de apoio do Estado, que coloca estes corpos em risco.

Estes novos discursos presentes no rap mostram-se relevantes por trazerem à tona realidades ignoradas por parte da população, fazendo estes corpos visíveis a quem os desconhece, aproximando quem vive situações semelhantes e criando outras possibilidades além de violências e exclusões.

Além disso, corpos tocados por questões raciais e étnicas, e/ou de gêneros e sexualidades dissidentes e/ou vindo de classes sociais vulneráveis lidam com violências diversas que tomam formas e atravessam suas identidades de maneira interseccional (BUENO, 2020), de modo que a soma destes marcadores sociais em um corpo significa o distanciamento do direito à uma vida segura e digna. Dessa maneira, os problemas e violências sofridas por um

¹ No surgimento do rap, eram os DJs que costumavam ficar com microfone para falar com o público, deixando algumas mensagens enquanto tocavam as músicas, entretanto, pela dificuldade em realizar ambas as atividades, o microfone foi sendo passado para outras pessoas. Estes, por sua vez, ficaram conhecidos por MCs ou “Mestres de Cerimônia” (PESSOA, 2017).

² Original: *rap has virtually spread everywhere around the globe: from the periphery of big cities to indigenous groups.*

homem cis, gay, negro e periférico diferem dos problemas e violências sofridas por uma mulher trans, hetero, negra e periférica.

Nesse sentido, considerando o poder constitutivo da linguagem, os aspectos críticos e subversivos característicos em letras de rap, interessa-me observar em uma perspectiva interseccional (BUENO, 2020; CRENSHAW, 2002), como aspectos sociais relacionados a gênero e sexualidade (BENEVIDES, 2022; BEZERRA, 2022; BORBA, 2019; BUTLER, 2003), raça e classe social (ALMEIDA, 2021; NASCIMENTO, 2016; SOUZA, 2021) são representados nas canções da Bixarte e quais são os possíveis sentidos criados a partir de suas letras, tendo em vista sua identidade travesti, negra, nascida na periferia da cidade Santa Rita/PB.

1.1 Perguntas e objetivos

Diante do exposto, busco lançar um olhar sobre quais temáticas são recorrentes nos discursos produzidos pela artista Bixarte MC, assim como discutir a maneira que estes temas se relacionam de forma interseccional, a partir das análises das escolhas léxico-gramaticais realizadas nas letras das músicas. Dessa forma, para guiar a pesquisa, estabeleço a seguinte pergunta geral: *Como os discursos produzidos pela artista Bixarte em suas letras de rap criam, reforçam ou desafiam representações normativas de identidades de gênero e sexualidade, raça e classe social?*

O objetivo geral da pesquisa, portanto, é investigar em que medida os discursos produzidos por essa artista, em suas letras de rap, criam, reforçam ou desafiam representações normativas de identidade de gênero e sexualidade, raça e classe social. A análise será realizada a partir do modelo tridimensional da Análise Crítica do Discurso (ACD) proposto por Fairclough (1992, 2001, 2003) e do Sistema de Transitividade oriundo da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) desenvolvida por Halliday e Matthiessen (2014).

Para obtenção da resposta da pergunta geral que guia a pesquisa, proponho as seguintes perguntas: (a) quais escolhas de transitividade são usadas para representar gênero e sexualidade, raça e classe social nas letras das músicas?; (b) quais práticas discursivas e práticas sociais são reveladas no discurso?; e (c) como os marcadores sociais da diferença se relacionam nas letras das canções de maneira interseccional?

Dessa maneira, os objetivos específicos são: 1) descrever as escolhas de transitividade usadas para representar gênero, raça e classe social nas letras das músicas analisadas; 2) discutir as práticas discursivas e sociais reveladas nos discursos da artista; e 3) articular como os

marcadores sociais da diferença, presentes nas letras das músicas, se relacionam de maneira interseccional.

1.2 Justificativa

“O discurso de ódio leva a crimes de ódio” (BENEVIDES, 2022, p. 11).

De acordo com o repórter Jonas Valente (2022), do site Agência Brasil, o “Brasil foi, pelo 13º ano consecutivo, o país onde mais pessoas trans foram assassinadas”³. Os dados fornecidos pelo repórter são do *Dossiê Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras*, estudo organizado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), representado pela pessoa de Bruna G. Benevides. O Dossiê aponta que, apenas no ano de 2021, ao menos 140 pessoas trans foram assassinadas, entre as quais 135 eram travestis e mulheres trans e 05 eram homens trans e pessoas transmasculinas. Considerando o marcador raça, os dados apontam que, nos casos em que foi possível identificar a identidade racial das vítimas, 81% das vítimas eram negras, i.e. pretas e pardas (BENEVIDES, 2022).

Além disso, o Dossiê afirma que, nos últimos anos, houve um aumento na oposição às discussões acerca do uso da linguagem inclusiva para pessoas não-binárias, na propositura de projetos de Lei antitrans e na disseminação de discursos de ódio com viés religioso contra os direitos LGBTQIAP+. Estes aumentos representam impactos diretos na vida dessas pessoas, que, seja por meio da linguagem ou de ações físicas, tornam-se alvos de diversas violências e restrições, sendo as travestis e mulheres trans aquelas que mais sofrem com as violações de seus direitos (BENEVIDES, 2022).

Diante desses dados lastimáveis, faz-se necessário/urgente a ampliação de debates, nos mais diversos setores da sociedade, que deem foco a estes corpos, a fim de criar inteligibilidades (MOITA LOPES, 2006), tomando a linguagem como meio para desnaturalizar (MEURER; DELLAGNELO, 2008) situações de violência e construir novas realidades, em que estas pessoas tenham seus direitos respeitados e garantidos perante a lei.

Dessa forma, destaco a importância desta pesquisa, que busca investigar e refletir sobre o uso da linguagem e a relação com o social, observando como os marcadores sociais da diferença – gênero e sexualidade, raça e classe social – são tensionados nas canções da Bixarte

³ VALENTE, Jonas. Brasil registrou 140 assassinatos de pessoas trans em 2021. *Agência Brasil*, [S. l.], p. 1-2, 29 jan. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-01/brasil-registrou-140-assassinatos-de-pessoas-trans-em-2021>. Acesso em: 6 dez. 2022.

e quais sentidos são criados a partir de seus discursos. Enfatizo a necessidade de se ampliar os debates críticos acerca de tais temáticas, a fim de constituir novos dados e reflexões para o enfrentamento de práticas sociais violentas e, assim, promover mudanças sociais para estes corpos não-normativos que vivem em guerra.

Nesse sentido, assumindo uma postura científica engajada, não pretendo ocupar um espaço na imparcialidade diante das barbáries sociais aqui citadas, mantendo o ciclo que torna natural a exclusão, a perseguição, o apagamento e tantas outras violências geradas pelas estruturas dominantes.

1.3 Metodologia

Situada no campo da Linguística Aplicada Transviada (BEZERRA, 2021, 2023 [no prelo]), essa pesquisa apresenta-se em uma perspectiva de natureza qualitativa e de caráter interpretativista. Sampieri, Collado e Lucio (2013) argumentam que pesquisas qualitativas podem ser entendidas como “um conjunto de práticas interpretativas que tornam o mundo ‘visível’, o transformam em uma série de representações na forma de observações, anotações, gravações e documentos” (p. 35). Além disso, por ser interpretativista, “tenta encontrar sentido para os fenômenos em função dos significados que as pessoas dão a eles” (p. 35). Além disso, os autores defendem que pesquisas qualitativas são naturalistas, devido ao fato de pesquisarem os objetos e os seres vivos em seus contextos ou ambientes naturais e cotidianos.

Como destacado anteriormente, proponho realizar uma Análise Crítica do Discurso, por meio do modelo tridimensional (FAIRCLOUGH, 1992; 2001; 2003) e do Sistema de Transitividade oriundo da Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), investigando, em uma perspectiva interseccional (CRENSHAW, 2002; BUENO, 2020), como os marcadores sociais da diferença – gênero e sexualidade, raça e classe social – são representados nas canções da Bixarte MC.

A pesquisa se deu nas seguintes etapas: a) escolha da artista; b) escolha das músicas; c) levantamento bibliográfico acerca do Hip Hop/rap e das teorias linguísticas e sociais utilizadas; d) análise descritiva por meio do Sistema de Transitividade; d) análise das práticas discursivas e sociais; e) discussão com base nas teorias sociais.

1.3.1 Seleção do corpus

Bianca Manicongo⁴, conhecida por Bixarte, é uma jovem poetisa, atriz, escritora, rapper e cantora. A artista paraibana é negra, travesti⁵ e cresceu em um bairro periférico na cidade Santa Rita/PB. Em suas composições, Bixarte expõe traços de sua identidade abordando questões raciais e de classe social, de gênero e sexualidade e referentes ao corpo gordo. Suas letras narram o cotidiano e a vida social de corpos não-normativos, trazendo profundas reflexões a respeito das violências sofridas por estes corpos, assim como as vivências amorosas e as estratégias de resistência frente às perseguições e violências históricas.

Para a escolha da artista, realizei uma análise prévia, com a intenção de observar quais temáticas são recorrentes em suas composições e como estas significações se relacionam com a sua identidade. Além disso, levei em conta a relevância social de suas músicas, ao abordar temáticas que são caras a determinados corpos subjugados em nossa sociedade. Ademais, realizei um levantamento do alcance de suas composições nas plataformas da internet. Em sua conta oficial no Instagram⁶, Bixarte conta com mais de 215 mil seguidores, no YouTube⁷, a artista alcançou a marca de 13,4 mil inscritos e algumas de suas produções superaram a faixa das 50 mil visualizações, como é o caso do clipe Yemanjá⁸, que superou a marca das 78 mil visualizações. No Spotify⁹, Bixarte está próxima da marca de 29 mil ouvintes mensais.

Dessa forma, ao escolher Bixarte, considere os aspectos referentes à formação de sua identidade, assim como as temáticas abordadas em suas canções, que dialogam com as questões sociais que vieram à tona com as viradas discursivas, feministas, antirracistas, *queer*, entre outras, como aponta Moita Lopes (2006). Assim, acredito que, ao discutir questões sociais importantes para a contemporaneidade, e pela grande visibilidade que vem ganhando, as produções discursivas da Bixarte mostram-se relevantes para uma abordagem analítica crítica que busca observar as relações entre linguagem, poder e mudança social.

Tendo em vista os motivos para a escolha da Bixarte, sigo para a escolha das músicas a serem analisadas. Em seu canal no YouTube, podemos encontrar vídeos de suas apresentações ao vivo, poesias originais, entrevistas, seu primeiro EP Revolução¹⁰, seguido da produção da

⁴ Diante da impossibilidade da coleta de dados por meio de uma entrevista com a artista, destaco que as informações aqui assinaladas a seu respeito foram coletadas e reunidas a partir de fontes da internet.

⁵ Com relação a sua identidade de gênero, foi observado que a artista tanto se apresenta enquanto travesti, como por mulher transexual. Portanto, para sua descrição na pesquisa, opto pela opção travesti, por entender que é a forma mais frequentemente utilizada em suas falas, assim como em suas canções.

⁶ Instagram da Bixarte. Disponível em: <https://www.instagram.com/bixarte>. Acesso em: 14 jan. 2023.

⁷ Canal no YouTube da Bixarte. Disponível em: <https://www.youtube.com/@Bixarte>. Acesso em: 14 jan. 2023.

⁸ Videoclipe – Yemanjá. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=h_WTyBuSkQA. Acesso em: 12 jan 2023.

⁹ Canal no Spotify da Bixarte. Disponível em: <https://open.spotify.com/artist/3Fpst9Ng2gdZjD0xflla3o>. Acesso em: 14 jan. 2023.

¹⁰ Álbum REVOLUÇÃO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jlD8eczVqzg>. Acesso em 16 jan 2023.

Mixtape Faces¹¹, ambos produzidos em 2019, seu trabalho intitulado de A Nova Era conta com quatro produções audiovisuais¹², lançadas no ano de 2021, por fim, o álbum Traviarcado¹³, sua mais recente produção, patrocinada pela Natural Music, contém dez produções audiovisuais que foram lançadas enquanto esta pesquisa estava sendo desenvolvida.

Considerando as letras das canções enquanto eventos sociodiscursivos para as análises, opto por analisar uma música do EP Revolução, que contém seis faixas, e uma música da Mixtape Faces, que contém oito faixas, sendo a primeira delas uma poesia. Para a escolha das músicas, realizei uma leitura prévia das letras, observando a presença dos marcadores sociais da diferença – gênero e sexualidade, raça e classe social. Entretanto, para isso, prossegui como trabalho de transcrição de todas as seis faixas do EP Revolução, enquanto que da Mixtape Faces foi possível encontrar as letras disponíveis na internet¹⁴ e no Spotify, exceto da faixa 08 “Sendo Realista”.

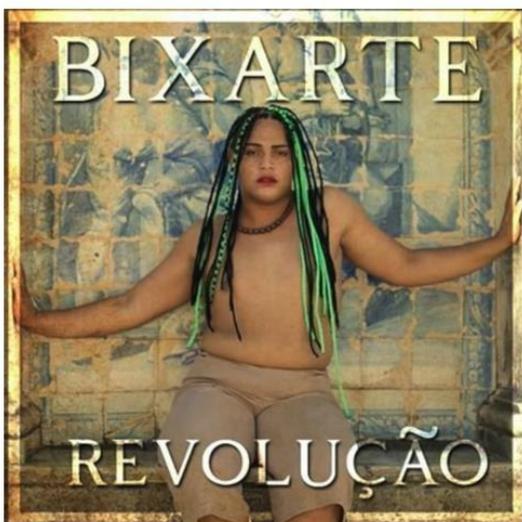
Enfatizando a prática da oralidade na cultura Hip Hop, especificamente no rap, Moassab (2008) destaca os entraves para obter as letras das músicas, que, muitas vezes, não se encontram registradas na internet e nem mesmo com os próprios autores, fato que pude constatar com o álbum Revolução e com a faixa 08 do álbum Faces. Tal fato precisa ser destacado para explicar que a estruturação dos versos e estrofes das letras, principalmente do álbum Revolução, podem não seguir o modelo pensado pela artista Bixarte, entretanto, vale salientar, que meu foco está direcionado especificamente para o conteúdo das letras e seus significados, não interessando, nesta pesquisa, outros aspectos multimodais, como a estética e performances, por exemplo, que também podem ser observados no gênero musical rap.

¹¹ Mixtape FACES. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fR7qHAtw0DQ&t=348s>. Acesso em 16 jan 2023.

¹² Produções audiovisuais álbum A NOVA ERA Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PLcUL2UjJfUkr-ZDyghXxc13-nhUVWQt>. Acesso em 17 jan 2023.

¹³ Playlist Álbum Traviarcado. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLcUL2UjJfUITpIC6jkDRT-W1rRGc3c0Q>. Acesso em: 18 abr 2023.

¹⁴ Letras das músicas da Bixarte. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/bixarte/>. Acesso em: 16 jan 2023.

Figura 1 - Capa do EP REVOLUÇÃO

Fonte: Bixarte (2019).

Figura 2 - Capa da MIXTAPE FACES

Fonte: Bixarte (2019).

Assim como destacado anteriormente, e com base em minhas transcrições e nas letras encontradas na internet, selecionei para a análise a amostra equivalente de uma música de cada álbum da artista, considerando a presença de conteúdos linguístico-discursivos que se relacionam com os marcadores sociais – gênero e sexualidade, raça e classe social. Portanto, a música escolhida do EP Revolução foi a - faixa 1. Revolução. A música da Mixtape Faces foi - faixa 3. Gordo Week.

Quadro 1 – Faixas do EP REVOLUÇÃO

EP REVOLUÇÃO	
1.	Revolução
2.	Favela feat. Hyrla MC
3.	Zumbi dos Palmares
4.	Liberdade
5.	Deixa eu Falar feat. Psico MC
6.	Querem me Calar feat. Bione

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 2 - Faixas da MIXTAPE FACES

MIXTAPE FACES	
1.	Faces
2.	Yemanjá
3.	Gordo Week feat. Fúria Negra
4.	Rap de Favela feat. Rafa Rasta
5.	Refém feat. Gabrunca
6.	Assiste meu Sucesso
7.	Campo de Batalha
8.	Sendo realista

Fonte: produzido pelo autor

1.3.2 Modelo tridimensional da ACD

Para a análise crítica dos discursos produzidos nas canções da Bixarte, utilizarei o modelo tridimensional proposto por Fairclough (2001 [1992]) em que o discurso é tomado nas suas dimensões textuais, das práticas discursivas e das práticas sociais. A análise do discurso nesse quadro teórico-metodológico pressupõe que o evento discursivo seja investigado por partes, de maneira interconectada, considerando as três dimensões destacadas anteriormente, a fim de relacioná-las para a compreensão de como os significados são constituídos linguisticamente e, a partir disso, discutir o caráter emancipatório da linguagem, aspecto central na ACD.

Na primeira etapa da análise do discurso no modelo tridimensional, o discurso é investigado a partir de suas características textuais e linguísticas, com a intenção de descrever e analisar as escolhas léxico-gramaticais, a coesão e a estrutura do texto. Indico que, para a análise textual, mobilizo o Sistema de Transitividade enquanto ferramenta analítica para a codificação dos participantes que aparecem envolvidos nas ações, a natureza das ações realizadas e as possíveis circunstâncias que as envolvem. Retomarei, em seguida, as explicações acerca do Sistema de Transitividade. Destaco ainda que, dentre as categorias propostas para a análise textual, darei foco para as escolhas léxico-gramaticais.

Na segunda etapa, o modelo propõe a análise das práticas discursivas, que se caracteriza pelo processo de interpretação, em que se consideram as dimensões sociocognitivas dos processos de criação, distribuição e consumo dos textos, assim como as categorias de intertextualidade e interdiscursividade. Nesse sentido, são tomadas informações acerca do/a

produtor/a textual, a fim de compreender sua visão de mundo e como suas marcas identitárias podem ser refletidas no texto. Com relação à distribuição dos textos, são observados a qual público é destinado e os meios para a distribuição, considerando os distintos tipos de mídia. Quanto ao consumo, busca-se observar os efeitos constitutivos de significados sobre os/as possíveis leitores/as/ouvintes, considerando os sentidos que podem ser apreendidos do texto em questão, assim como a presença e a influência de outros textos e discursos, compreendendo os níveis intertextual e interdiscursivo.

A terceira etapa lida com as práticas sociais e aprofunda a discussão acerca da relação estabelecida entre linguagem, poder e mudança social, investigando como os eventos discursivos são tomados por aspectos ideológicos e como estes aspectos refletem na manutenção ou no desmantelamento de estruturas hegemônicas. Destaco que, nessa etapa, faz-se necessário uma análise das estruturas sociais a fim de observar a correlação entre a natureza das práticas discursivas e seus efeitos constitutivos. Assim, interessa-me analisar, em uma perspectiva interseccional (BUENO, 2020; CRENSHAW, 2002), como os marcadores sociais de gênero e sexualidade (BENEVIDES, 2022; BEZERRA, 2022; BORBA, 2019; BUTLER, 2003), raça e classe social (ALMEIDA, 2021; NASCIMENTO, 2016; SOUZA, 2021) são refletidos nas canções da Bixarte e de que maneira o seu discurso questiona e desestabiliza estruturas de opressões sociais.

Dessa maneira, na terceira etapa, darei foco às concepções ideológicas e hegemônicas por trás dos discursos, destacando o caráter constitutivo das práticas discursivas, a fim de revelar e desestabilizar sistemas de opressão em estruturas desiguais, objetivando uma mudança social por meio linguagem.

A seguir, retomo a explicação acerca do uso do Sistema de Transitividade enquanto ferramenta de apoio analítico no quadro tridimensional de Fairclough.

1.3.3 Análise de transitividade

Na etapa de análise textual das letras das canções, que diz respeito ao processo de descrição do texto, observarei as escolhas de transitividade mobilizadas pela Bixarte para se referir a gênero e sexualidade, raça e classe social. Para isso, utilizarei o Sistema de Transitividade, que permite identificar quais tipos de processos ocorrem, quais participantes estão envolvidos e em quais circunstâncias.

Segundo o Sistema de Transitividade, os processos ocorrem por meio de verbos e de grupos verbais, ou seja, sempre que há um verbo ou uma locução verbal, há um determinado

tipo de processo. Similar à gramática tradicional, a gramática de Halliday também considera o processo como o núcleo da oração, sendo ele aquilo que determina quais tipos de participantes teremos na oração (os tipos de processos, participantes e as circunstâncias são mais bem descritos na seção específica para o Sistema de Transitividade no capítulo de suporte teórico-metodológico). Dessa forma, a divisão das análises dos versos ocorre de acordo com a quantidade de orações, sendo que, em alguns casos, não é possível analisar as orações separadamente. Isso ocorre quando diferentes tipos processos e participantes se conectam no texto por algum motivo do contexto.

Assim, para a descrição das orações, farei uso de Quadros, como nos exemplos abaixo, nos quais são identificados os tipos de processos, participantes e circunstâncias. Para distinguir as canções e as orações analisadas, utilizarei a identificação numeral dos Quadros, assim como nomearei a canção a qual foi retirada a oração ou o complexo oracional analisado. Em alguns casos de complexos oracionais, considerando a natureza dos processos, faz-se necessário a análise das orações separadamente, como podemos observar nos casos dos Quadros 4 e 4.1.

Verso 1 - Eles querem me prender porque pensam que lá vão me silenciar

Quadro 3 - Canção Revolução

Eles	querem	me	prender
Ator		Meta	Proc. Material
Experienciador	Proc. Mental	Fenômeno	

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 4 - Canção Revolução

porque	[eles]	pensam	que lá vão me silenciar
	Experienciador	Proc. Mental	Oração Projetada

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 4.1 - Canção Revolução

que	lá	[eles]	vão	me	silenciar
	Circ.: Lugar	Ator	Processo...	Meta	...Material

Fonte: produzido pelo autor.

1.4 Linguagem e sociedade: diálogos contemporâneos na Linguística Aplicada

De acordo com Moita Lopes (2013), estudos envolvendo a relação entre linguagem e vida social, especificamente tratando das relações entre linguagem e classe social, gênero, sexualidade, raça etc. vêm ganhando força nos últimos anos na Linguística Aplicada (LA) no Brasil. Entretanto, nem sempre foi assim. Tílio (2020) mostra que as pesquisas em Linguística Aplicada, que começaram a se expandir por volta da década de 1970 no Brasil, lidavam

principalmente com o ensino e aprendizagem de línguas, sendo esse o foco das pesquisas dentro e fora do país.

Apesar de haver estudos desde a década de 1970, apenas nos anos 1990 que a Linguística Aplicada se consolidou e fortaleceu-se como área do conhecimento autônoma, com grande influência do surgimento da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB). A ALAB surgiu com o objetivo de (re)construir um lócus acadêmico-científico para a Linguística Aplicada, demarcando a autonomia desta área perante a Linguística. O foco da Associação era apresentar uma LA que não fosse definida como área de aplicação de teorias linguísticas, mas como um campo interessado em investigar os usos da linguagem em suas múltiplas esferas, apresentando-se como um campo inter/trans/indisciplinar, transgressivo e híbrido (TÍLIO, 2020).

Com o avanço das pesquisas em LA no Brasil, outras temáticas passaram a ser de interesse dos/as linguistas aplicados/as, que passaram a adotar outras epistemologias e metodologias ao fazerem a ciência aplicada, sendo uma área que ganhou um amplo debate sobre suas características inter e transdisciplinares, ainda na década de 1990. No ano de 1998, Inês Signorini e Marilda Cavalcante organizaram um livro que, entre outras temáticas, discute as questões de transdisciplinaridade em LA. Um dos textos presente nesse livro é o de Moita Lopes (1998), que escreve sobre uma nova maneira de produção de conhecimento que estava emergindo na época, nos apresentando, dessa forma, as especificidades da transdisciplinaridade e como esta perspectiva se alinha com as pesquisas em LA.

Para Moita Lopes (1998), nesta época, aspectos relacionados à característica interdisciplinar em LA deveriam serem mais bem desenvolvidos, pois, para o autor, essa característica defendida se mostrava pouco efetiva. Ele explica que grande parte das pesquisas em LA ainda se encontravam alinhadas a uma única base teórica, a Linguística. O autor inicia seu texto comentando:

Embora a chamada natureza interdisciplinar da Linguística Aplicada (LA) não tenha ainda sido suficientemente entendida e praticada, já se coloca para esta área de investigação um outro modo de produzir conhecimento, de cunho transdisciplinar [...]. (p. 113).

Ainda de acordo com Moita Lopes (1998), o/a linguista aplicado/a, em uma visão interdisciplinar, ao lidar com um problema que envolve a linguagem e a prática social em um contexto de uso, deve buscar referências teóricas em outras disciplinas que possam ajuda-lo/la a resolver a problemática. Enquanto isso, em uma visão transdisciplinar, o/a linguista aplicado/a

deve considerar questões como o tipo de conhecimento e o contexto de produção; o modo de produção de conhecimento, ou seja, considerar a transdisciplinaridade, que exige que o conhecimento gerado não seja reduzido a nenhuma disciplina que colaborou com a sua produção; a organização do conhecimento; a responsabilidade social e reflexão; e, por fim, o controle de qualidade do que é produzido. Nesse sentido, Tílio (2020) acrescenta que:

Nos anos 1990, era consenso no Brasil definir a LA como uma ciência interdisciplinar (ao buscar subsídios em outras áreas do conhecimento) e transdisciplinar (não apenas apropriando-se de conhecimentos de outras áreas, mas transformando-os em próprios da LA). (p. 30)

Ainda sobre a perspectiva transdisciplinar em LA, Celani (1998), um dos grandes nomes da LA aqui no Brasil, afirma que “a Linguística Aplicada parece ter vocação para uma atitude transdisciplinar. Essa preocupação com o social, com o humano, há tempos tem sido objeto de pesquisa em Linguística Aplicada e, de fato, é componente fundamental na definição da disciplina” (p. 133).

As características inter e transdisciplinares da Linguística Aplicada, como podemos observar, são afirmadas devido ao contexto em que se encontram as pesquisas da disciplina, que, ao mostrar interesse em objetos e temáticas que são pensados por diferentes campos do saber, torna essa necessidade de diálogo em uma realidade frutífera.

Por lidar com questões da vida contemporânea, como aponta Moita Lopes (2006), o campo de pesquisa da Linguística Aplicada apresenta-se interessado em novas teorizações que visam entender a vida social, debatendo assuntos relacionados às críticas da modernidade e da pós-modernidade, assim como às teorias *queer*, feministas, antirracistas e pós-coloniais. Para o autor, uma LA contemporânea “precisa ter algo a dizer sobre o mundo como se apresenta e que o faz com base nas discussões que estão atravessando outros campos das ciências sociais e das humanidades” (MOITA LOPES, 2006, p. 96).

Na contemporaneidade, a chamada “virada discursiva” tem aproximado pesquisadores/as de outros campos interessados/as em estudar a linguagem, que, baseados/as nas visões de suas áreas, têm contribuído com os debates na LA. Dessa forma, Moita Lopes (2006) chama atenção para o fato de que é essencial uma aproximação da LA com áreas que discutem o social, o político e a história, sendo posto pelo autor como uma condição para que a LA mantenha diálogos em uma perspectiva contemporânea.

Além disso, Moita Lopes (2006) propõe quatro pontos para pautar o debate acerca da Linguística Aplicada contemporânea, são eles: a) uma LA híbrida ou mestiça; b) uma LA

enquanto área que se preocupa com a relação entre teoria e prática; c) a presença de um novo sujeito nas pesquisas: as vozes do Sul; d) uma LA que se mostra interessada com questões de ética e poder.

Entender a LA enquanto uma área híbrida ou mestiça evoca a ideia de que os/as linguistas aplicados/as devem operar nas fronteiras dos diversos conhecimentos, onde distintas áreas de investigação se encontram. Afinal, como bem pontua Moita Lopes (2006), como seria possível dar conta de aspectos relacionados à linguagem e à vida social sem teorias que contemplem essa relação?

O segundo ponto proposto por Moita Lopes para uma LA contemporânea diz respeito à relação entre teoria e prática, a qual deve ser considerada importante para a construção de um conhecimento responsivo à vida social, levando em consideração os diversos contextos sociais e aqueles/as que os vivem. Considerar a produção de um conhecimento responsivo à nossa vida social, significa pensar sobre quais sujeitos estão envolvidos nas etapas desse processo e como essa relação de teoria e prática trará algum impacto real.

O terceiro aspecto sugerido por Moita Lopes focaliza o debate acerca de qual sujeito social deve ser considerado na LA contemporânea. Partindo de uma crítica sobre áreas de investigação que homogeneízam e descorporificam os sujeitos de suas pesquisas, o autor sugere que, para a LA, nós devemos considerar a realidade sócio-histórica de cada sujeito, levando em conta aspectos relacionados a classe social, sexualidade, gênero, etnia etc.

Em seu livro publicado em 2013, Moita Lopes fala novamente sobre o sujeito social nas pesquisas em LA, destacando que essa é uma das principais preocupações dos/as pesquisadores/as. De acordo com o autor, o sujeito social foi apagado nas pesquisas de cunho modernistas/positivistas, que não consideram a subjetividade do sujeito na produção do conhecimento. Entretanto, as pesquisas em LA no Brasil entendem o sujeito social como, “crucial em sua subjetividade ou intersubjetividade, tornando-o inseparável do conhecimento produzido sobre ele mesmo assim como das visões, valores e ideologias do próprio pesquisador” (MOITA LOPES, 2013, p. 17).

Vale ressaltar que esse debate acerca do sujeito social na LA nos leva a pensar sobre a importância das “vozes do Sul”, tópico que abordaremos mais adiante. Antes disso, retorno ao quarto ponto proposto por Moita Lopes (2006) para uma LA contemporânea, que trata da ética e de questões de poder nas pesquisas. O autor argumenta que ética e poder são intrínsecos ao debate quando consideramos o sujeito social e sua heterogeneidade na produção do conhecimento. Em uma visão questionadora de discursos e posicionamentos hegemônicos, Moita Lopes assevera que devemos excluir significados ou representações que causem

sofrimento humano ou que façam mal aos outros. E, assim, considerarmos a construção de significados a partir de outras vozes, principalmente daqueles que se encontram às margens da sociedade.

É nítido o interesse dos/as pesquisadores/as em LA por questões sociais. Kleiman (2013) evidencia que, ainda na década de 1980, pesquisas em Linguística Aplicada reafirmavam um compromisso com o social, apresentando resoluções de problemas para os quais a linguagem tem um papel central. Entretanto, ainda em seu livro de 2006, Moita Lopes nos chama atenção para o fato de que uma LA contemporânea não busca possíveis soluções para problemas, mas, sim, busca problematizá-los ou criar inteligibilidades sobre eles.

Essa preocupação com problemas sociais, que envolvem o sujeito social inserido em seu contexto e especificidades, são características que surgiram entre pesquisadores/as das ciências sociais e das humanidades, que, considerando as mudanças ocorridas em nossa sociedade devido ao fenômeno das globalizações e do grande avanço das tecnologias, passaram a buscar uma nova forma de produzir conhecimento e com isso uma maneira de reinventar a vida social.

Com críticas à forma de produção de conhecimento hegemônico, que considera apenas países centrais e suas agências, ao capitalismo neoliberal e ao sofrimento humano gerado em decorrência desse novo modo de vida, cientistas sociais buscaram (e continuam buscando) uma nova forma de produzir conhecimento considerado anti-hegemônico, que Milton Santos (2000) e Boaventura Santos (2004), como destacou Moita Lopes (2006), relacionaram ao Sul geopolítico, pensando em uma relação de contraposição dos hemisférios para dar conta de perspectivas marginalizadas.

Dessa forma, pensar em um conhecimento produzido a partir do Sul é considerar um conhecimento produzido a partir dos olhares, das vozes do Sul, é considerar vozes marginalizadas em uma nova episteme que vai contra a hegemonia euro-norte-americana. Essas vozes marginalizadas são os pobres, os favelados, os negros, os indígenas, as mulheres, os/as LGBTQIAP+ e outros, que têm seus problemas e suas demandas tratados por teorias antirracistas, feministas, descoloniais, *queer*, entre outras, como aponta Moita Lopes (2006).

Sendo assim, acredito que propor um diálogo que reafirma a existência e a luta de pessoas LGBTQIAP+, que têm suas vidas marcadas por questões de gênero e/ou sexualidade, sejam elas cis ou trans, binárias ou não, assim como pessoas marcadas por questões raciais e de classe, é propor um diálogo com as nossas ‘vozes do Sul’, tal como sugerido por Moita Lopes (2006) e Kleiman (2013). Além disso, considero que estes marcadores sociais atravessam estes corpos não separadamente, mas de maneira interseccional (BUENO, 2020).

Essa pesquisa, portanto, acompanha as viradas discursiva, antirracista, feminista, teorizações *queer*, ou melhor, como adiantado na sessão de metodologia, situa-se em uma Linguística Aplicada Transviada, proposta por Bezerra (2023), que caracteriza-se enquanto uma perspectiva teórico-metodológica, necessariamente inter/transdisciplinar, que propõe alinhar os estudos linguísticos, priorizando uma abordagem descolonial, que busque “tensionar” formas de conhecimento que intencionem denunciar e superar estruturas criadas historicamente, a destacar o patriarcado, o capitalismo e a colonização (SOUZA SANTOS, 2007), a partir dos pressupostos dos estudos transviados (BENTO, 2017), assim como das articulações interseccionais (AKOTIRENE, 2019; BUENO, 2020) e por meio dos diálogos com os estudos desenvolvidos nas Ciências Sociais.

Assim, acredito que realizar a análise das canções da Bixarte, que tem sua identidade constituída a partir de marcas interseccionadas que refletem violências distintas, assim como traumas passados culturalmente entre gerações, é contribuir para que essas realidades sejam consideradas como maneira de fomentar novas formas de produção de conhecimento, que considera a vivência daqueles/as que são marginalizados/as, configurando uma pesquisa que não é sobre a periferia, mas a partir da periferia, como destaca Kleiman (2013).

Além do mais, o gênero musical rap é conhecido, desde seu início, pelo grande poder de difundir ideias, realizar denúncias e ser uma possibilidade de visibilidade social para aqueles/as que muitas vezes encontram-se às margens da sociedade (CAMARGOS, 2015). Dessa forma, o rap apresenta características interessantes para nossa pesquisa, sendo o meio de materialização linguística através do qual a artista representa e significa o mundo em que vive, evidenciando a relação intrínseca entre a linguagem e o social.

No próximo capítulo, apresento algumas informações acerca da formação identitária da artista Bixarte, sua relação com a música e com as poesias, assim como os trabalhos e projetos que vem desenvolvendo até o momento.

2. BIXARTE, UM GRITO DE VITÓRIA

A arte de Bixarte é um grito. Há quem diga que é um grito de socorro, mas eu decidi que a arte de Bixarte não é mais para falar sobre nossas dores. É sobre nossas vitórias. Então, é um grito de vitória. – Bianca Manicongo (TV CIDADE JOÃO PESSOA, 2021).

Bianca Manicongo, artisticamente conhecida como Bixarte, é uma jovem travesti negra, que nasceu na cidade de Santa Rita no estado da Paraíba. Apesar de jovem, Bianca é responsável por trabalhos que lhe conferem os títulos de poetisa, escritora, rapper, cantora e atriz. Ainda que muito nova na carreira musical e das poesias, Bixarte já conta com diversas premiações que contemplam principalmente suas composições, seja por meio das poesias ou de músicas autorais. A artista é bicampeã do Slam estadual da Paraíba, vencedora da FLUP RJ (Festa Literária Internacional das Periferias), do Slam Resistência no ano de 2021. No mesmo ano, venceu as principais categorias no I Prêmio Toroh de Música Independente da Paraíba¹⁵, a destacar artista revelação e melhor artista de Hip Hop / Pop. No ano de 2020, foi vencedora do 3º Festival de Música da Paraíba, com a composição “Cê não faz¹⁶”.

Dona de uma escrita afiada, Bixarte tornou-se famosa pela sua capacidade em construir poesias e músicas repletas de sentimentos, que exploram características literárias como versos, estrofes, métricas e rimas, mas que também são repletas de significados sociais que englobam questões raciais, de classe social e notadamente de gênero e sexualidade.

Movida pelo turbilhão de emoções que sentiu após o trágico homicídio de Marielle Franco em 2018¹⁷, Bianca iniciou seus primeiros passos participando das batalhas de poesia marginal na cidade de João Pessoa. Em entrevista cedida ao sistema de comunicação Brasil de Fato Pernambuco¹⁸, a artista conta que, ainda no ano de 2018, participou do Slam Brasil, modalidade da competição em nível nacional, mas que, na época, não passou da primeira fase (DIAS, 2022).

Nas batalhas de poesia, os/as *slammers* (poetas e poetizas) disputam entre si, performando poesias autorais, com o limite máximo de três minutos, o vencedor é escolhido

¹⁵ Premiações do I Prêmio Toroh de Música Independente da Paraíba. Disponível em: <https://torohmusic.com.br/torohfestival/premio>. Acesso em: 17 jan. 2023.

¹⁶ III Festival de Música da Paraíba – Final. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7godip9KIfE&t=7390s>. Acesso em: 17 jan. 2023.

¹⁷ Vereadora do PSOL, Marielle Franco é morta a tiros na região central do Rio. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.ghtml>. Acesso em: 17 mar. 2023.

¹⁸ “o rap mais bonito que tem no Brasil hoje é no Nordeste”, afirma a multiartista Bixarte. Disponível em: <https://www.brasildefatoe.com.br/2022/07/20/o-rap-mais-bonito-que-tem-no-brasil-hoje-e-no-nordeste-afirma-a-multiartista-bixarte#>. Acesso em: 17 jan. 2023.

pelo público presente que atua como júri. O SLAM caracteriza-se pelo uso da linguagem com a intenção de discutir, problematizar e desnaturalizar práticas que tendem a produzir e reproduzir violências e exclusões (BONFIM; SANTOS, 2022).

Ainda em sua entrevista ao Brasil de Fato Pernambuco, Bianca Manicongo explicou que, a partir de sua participação no Slam Brasil em 2018, ela percebeu que não poderia dar continuidade ao seu processo com a poesia sem antes resolver essa questão interna, dentro de si. A artista conta: “eu perdi na primeira fase, voltei pra João Pessoa e voltei com a ciência de que eu não era homem e que nenhum tipo de trabalho, nenhum tipo de arte que eu quisesse fazer, eu iria fazer enquanto homem” (DIAS, 2022).

Em entrevista disponível no YouTube, ao canal TV Cidade João Pessoa¹⁹, Bianca destaca que, ao iniciar nas batalhas de poesia e de rap em João Pessoa, a Bixarte ainda não existia, tampouco a própria Bianca. Seus primeiros passos nas batalhas ainda foram em um corpo que não se identificava enquanto travesti, mas que já era rotulada como bicha. Sua ida ao Slam Brasil em 2018 foi um divisor de águas para o surgimento da artista Bixarte e o despertar lírico-poético de suas composições.

O surgimento da Bixarte não mudou apenas a forma dela se expressar em suas poesias e músicas, mas significou, também, a sua aceitação e transição enquanto travesti, fazendo surgir, de fato, a Bianca. Para a TV Cidade João Pessoa, a poetiza disse “surge Bixarte, depois nasce Bianca” (TV CIDADE JOÃO PESSOA, 2021), o que revela o poder e a presença da arte na constituição de sua identidade travesti. Essa relação entre a arte e a construção de sua nova identidade é reforçada pela artista em entrevista ao Jornal da Paraíba²⁰, na qual ela diz: “No meu caso, enquanto travesti, o rap me salva enquanto identidade. Talvez se eu não conhecesse o Hip Hop, eu estivesse com 20 anos me silenciando até hoje” (JORNAL DA PARAÍBA, 2021).

O nome ‘Bixarte’ surgiu como forma de unir dois aspectos que sempre foram presentes na vida da artista. O termo ‘bicha’, que, enquanto ainda no outro corpo, ela costumava ouvir ao andar nas ruas e, também, a arte, que esteve presente na vida da jovem desde sua infância, quando ela fez teatro. O surgimento de Bixarte, vai além da construção de identidade artística da Bianca, tendo em vista que essa personificação significou a possibilidade de diálogo com seus pais sobre sua travestilidade e sua transição (DIAS, 2020).

¹⁹ Solta a Voz – Bixarte. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r52jZsgxuW8>. Acesso em: 17 jan. 2023.

²⁰ ‘Negritudes: ontem e hoje’: Bixarte. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A-ql3mVxAIE>. Acesso em: 18 jan. 2023.

Diante da descoberta e transição para sua nova identidade, Bixarte conta como sofreu com os preconceitos e silenciamento na cena do rap, principalmente nas batalhas, por ser um espaço ocupado majoritariamente por homens cis. Apesar de destacar que o Hip Hop/rap tem como propósito ser um espaço que acolhe as distintas causas sociais, ela conta que “entrar no rap é um desafio... o Hip Hop paraibano, nacional, ainda propaga o rap como uma voz masculina”. Entretanto, a artista salienta que um dos motivos para ter se mantido nas batalhas é que a sua presença também causou o interesse em outras pessoas LGBTQIAP+ e mulheres cis, que passaram a ocupar e se fazerem presentes nestes espaços (TV CIDADE JOÃO PESSOA, 2021).

No ano de 2019, ao adentrar no rap e gravar seu primeiro EP, Bixarte torna-se um projeto que conta com a presença de A Fúria Negra, que atua enquanto *backing vocal* e o DJ Isac. Seu primeiro EP Revolução foi produzido no estúdio BBS, por Daniel Jesi, conhecido como Big Jesi, e conta com seis faixas. O EP contou com as participações de Hyrla Mc, uma das primeiras mulheres da cena do rap na Paraíba, Psico Mc, que realiza um trabalho com rap nas comunidades de Santa Rita/PB, e Bione, poetisa de Pernambuco, que teve contato com a Bixarte a partir do Slam Brasil (BRITO, 2021).

No EP Revolução, Bixarte apresenta músicas nas quais, além de denúncias de violências contra as populações negras, LGBTQIAP+ e periféricas, ganham destaque as formas de luta, união e poder contra as forças tiranas, clamando por atenção à possibilidade de uma revolução diante do poder das bichas. Em entrevista, Bianca disse “Revolução foi meu primeiro trabalho musical e ele já veio com essa militância muito arcaica de ser bicha, de ser afeminada” (CARULLA, 2019).

Ainda no ano de 2019, Bixarte lançou seu segundo trabalho musical, a Mixtape Faces, também produzida no estúdio BBS, sob as mãos de Daniel Jesi e Rieg Wasa. A Mixtape conta com oito faixas, sendo a primeira um poema dedicado a falar das múltiplas faces de pessoas “que se escondem dentro de si mesmo, para poder tá respirando”, faces “que estão sendo assassinadas todos os dias pelo estado”, faces de “sapatão, travesti, não-binário, de viado”, (trechos retirados do poema Faces). Essa produção contou com a presença de A Fúria Negra, para além do *backing vocal*, cantando Gordo Week, Rafa Rasta cantando Rap de Favela, Gabrunca em Refém e Lucas Dan participando de Campo de Batalha. Sobre o lançamento de Faces, em entrevista ao portal Brasil de Fato Paraíba, A Fúria Negra conta:

Faces veio pra concretizar o que a gente sempre quis falar com o nosso som. A gente costuma dizer que a gente canta pra todo mundo, quer que todo mundo fique feliz com a nossa música, só que existem alguns públicos específicos e cada faixa desse novo

EP, Faces, vem com o peso do empoderamento ao corpo gordo, do empoderamento ao corpo preto, do empoderamento ao corpo trans, pra lembrar que estes corpos não serão mais vistos mortos ou na perspectiva que os brancos e que as pessoas cis-gêneras colocaram nossos corpos trans e nem na perspectiva que a medicina ou que a indústria da moda colocou no corpo gordo, enquanto um padrão patológico, doença e tal... E esse álbum vem pra reverter todo esse estereótipo que foi criado desses corpos. Uma pessoa trans está cantando, uma pessoa trans não está morta. (CARULLA, 2019)

Ambos os trabalhos da Bixarte de 2019 constam em suas plataformas de *streaming*, assim como a produção audiovisual do álbum A Nova Era, projeto financiado pela lei Aldir Blanc de apoio a cultura e que contou com uma equipe totalmente formada de pessoas pretas e/ou LGBTQIAP+. A produção conta com quatro videoclipes que foram lançados na seguinte ordem: Oxum (parte I), Travesti no Comando da Nação (parte II), Àrólé (parte III) e Black Bitch Travesti (parte IV).

Os clipes do projeto A Nova Era apresentam cenários paradisíacos como a Barra de Mamanguape/PB em contraste com as ruas das comunidades no bairro do Castelo Branco em João Pessoa/PB. Com uma estética rebuscada e subversiva, os clipes dividem-se tematicamente em homenagens e saudações aos orixás Oxum e Oxóssi, representando a fé e ancestralidade dos povos de terreiro, especificamente do candomblé e a força e determinação das travestis em um discurso que se põe contra o patriarcado cisheteronormativo, expondo as fissuras e violências que esse sistema produz em tantas vidas.

A religiosidade e ancestralidade afro são aspectos muito presentes nos trabalhos e nas entrevistas da Bixarte, que faz questão de citar sua religiosidade e seus e suas antepassados/as, destacando a importância dessas energias ancestrais na construção da sua identidade travesti, assim como em sua arte. Para o site Brasamag²¹, a poetisa fez a seguinte declaração:

Eu preciso falar de Xica Manicongo, acho que eu tenho que pedir permissão, assim como tenho que pedir permissão para Oxóssi para poder entrar no palco, para poder entrar em qualquer lugar, eu tenho que pedir permissão para Xica Manicongo para poder falar sobre travestilidade, porque não tem como, sabe? Ela é a primeira travesti que a gente conhece na história do Brasil e, ainda assim, sabemos muito pouco sobre ela. (BRITO, 2021)

De acordo com os registros históricos, Xica Manicongo é considerada a primeira travesti em áreas urbanas no Brasil, sendo um símbolo de luta e resistência na história das travestis e mulheres trans brasileiras. Natural do Congo, Xica foi trazida ao Brasil escravizada, onde viveu em Salvador. No ano de 1591, foi denunciada aos tribunais do Santo Ofício por vestir-se com

²¹ A vida, música e história entre Bia e Bixarte. Disponível em: <https://brasamag.com.br/a-vida-musica-e-historia-entre-bia-e-bixarte/>. Acesso em: 19 jan de 2023

roupas características de mulheres, fato que era considerado uma transgressão por ir contra os valores cristãos impostos na época (OLIVEIRA, 2018). A autora Jesus (2019) explica que, originalmente, “Manicongo” era um título adotado por governantes do Reino do Congo, mas que, durante o processo de escravização, tornou-se uma forma de designar pessoas oriundas dessa região. Para a autora, “o século XXI testemunha o ressurgimento da Xica, como símbolo, heroína, rainha, nas vozes e escritos dessa gente trans contemporânea” (JESUS, 2019, p. 258).

Notadamente, Xica Manicongo tornou-se um símbolo da ancestralidade travesti na formação identitária de Bianca, que faz questão de citar seu nome em suas falas, assim como faz uso de seu sobrenome, mantendo-a viva enquanto referência de resistência travesti.

Nesse sentido, destaco que as críticas e provocações feitas nas obras da Bixarte têm a intenção de propiciar a construção de uma nova identidade para as pessoas LGBTQIAP+, com um grande foco nas pessoas trans e travestis, para que, dessa forma, elas possam contornar essa realidade de violências múltiplas às quais são submetidas e possam se tornar, enfim, senhoras de suas vidas, livres para ocupar quaisquer espaços no mundo.

Em suas produções, Bixarte também busca se posicionar contra o que ela chama de feminismo branco, que, para a artista, se relaciona com uma vertente do feminismo que não abarca todas as mulheres, excluindo, assim, as mulheres negras, pobres, trans e travestis. Em entrevista ao *Jornal Alma Preta*²², Bianca disse: “Não só a poesia, mas como a música ajudam também a desconstruir a ideia de um feminismo branco, aquele que não dialoga com as necessidades de nós, mulheres trans e travestis negras” (LACERDA, 2021).

Outras produções audiovisuais, poesias e entrevistas da Bixarte podem ser acessadas em seu canal no YouTube, assim como em sua página no Instagram. Vale salientar que essas plataformas digitais tiveram um papel importante na divulgação e consolidação do trabalho da Bixarte, sendo uma grande forma de contato entre a artista e seus e suas fãs. Sua conta oficial no Instagram, ultrapassa a marca 215 mil seguidores, no YouTube há produções da artista que superam a marca das 75 mil visualizações, como é o caso do clipe Yemanjá. No Spotify, Bixarte está próxima da marca de 29 mil ouvintes mensais.

Diante da relevância social de seus trabalhos, assim como o grande alcance que vem ganhando nas mídias, os versos e performances da Bixarte vêm ganhando espaço inclusive no meio acadêmico, no qual sua composição e performance na final do Slam Resistência de 2021 se tornaram objeto de análise na pesquisa de Bonfim e Santos (2022), que, a partir do termo

²² O poder da palavra da mulher trans, negra e paraibana. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/cultura/entrevista-o-poder-da-palavra-da-mulher-trans-negra-e-paraibana-conheca-bixarte>. Acesso em: 19 jan de 2023

Racismo LGBTQIA+fóbico, discutem a relação intrínseca que há entre raça e gênero na composição da identidade do sujeito contemporâneo e das violências que surgem a partir disso. Já Machado (2021) observa a forma que Bixarte usa sua rede social no Instagram para compartilhar e propor reflexões a partir de suas obras, sobre questões sociais, principalmente acerca da população LGBTQIAP+.

Dando continuidade aos seus trabalhos, a artista realizou o lançamento do seu álbum *Traviarcado*, patrocinado pela Natura Music, nas plataformas de *mainstreaming* no mês de março de 2023. Apesar de estar se dedicando à indústria musical, em uma transição para o estilo Pop na música, Bixarte destaca que não pretende abandonar o tom político em suas composições e performances. Além disso, Bianca também está desenvolvendo trabalhos cinematográficos, na emissora de TV Rede Globo, fazendo participação na terceira temporada de *Cine Holliúdy* (CAVALCANTI, 2022).

Dessa forma, diante de um trabalho consciente e consolidado no mundo das poesias e do rap, afirmo meu interesse em observar e refletir sobre o uso da linguagem nas letras de rap escritas e performadas pela Bixarte, assim como destacado na seção de Metodologia. Adiante, apresento um breve contexto histórico do Hip Hop e a sua formação enquanto movimento político-cultural.

2.1 Hip Hop

Presente em praticamente todo o globo, atualmente, o Hip Hop possui características que lhe conferem o status de Movimento Cultural (MACEDO, 2010), Movimento Político-cultural (CAMARGOS, 2015), Meio de Comunicação anti-hegemônico (MOASSAB, 2008), além de aparecer como objeto de investigação em distintas pesquisas que, em seu cerne, buscam investigar questões raciais e sociopolíticas (ALVES, 2008; CAMARGOS, 2018; MORENO; ALMEIDA, 2009; RODRIGUES, 2013; SANTOS; CARVALHO; SIQUEIRA, 2013).

Macedo (2010) descreve o Hip Hop como um movimento cultural, considerando suas características enquanto um fenômeno da modernidade de formação fluída, que não é organizado por contratos formais, mas que mantém seus códigos. Além disso, seus adeptos relacionam-se de maneira informal mantendo uma cadeia de princípios e preceitos. Para a autora, o movimento de origem estadunidense, apresenta-se no Brasil como uma forma de expressão local de um fenômeno mundial.

O Hip Hop surgiu nos Estados Unidos na década de 1970, em meio a uma onda de violência causada pelo desemprego e pelo tráfico de drogas que atingia, principalmente, os

negros e os latinos que viviam nos subúrbios das grandes cidades. O termo “Hip Hop” foi utilizado pela primeira vez por Kevin Donovan, mais conhecido como DJ África Bambaataa, que nasceu no Bronx, em Nova Iorque. O termo designava as festas de rua que aconteciam no Bronx e, em tradução literal, pode ser interpretado como “pular e mexer os quadris” (*to hip to hop*). Assim, a princípio, o Hip Hop surgiu como festas de bailes para que as pessoas que viviam naquele contexto de pobreza tivessem direito ao lazer. Nestas festas, os DJs eram responsáveis por trazer a diversão por meio dos *beats* que misturavam diferentes ritmos e batidas. Sob o embalo dos DJs, logo começaram a surgir os/as primeiros/as b-boys e b-girls, assim como os/as primeiros/as MCs – Mestre de Cerimônias, que passaram a formar as primeiras “*crews*” ou “*posses*”, nome dado aos grupos de Hip Hop, que unem as quatro formas de expressão artística que consolidaram o Hip Hop enquanto um movimento de expressão artístico-cultural (MACEDO, 2010; PRICE, 2006).

Os quatro elementos que compõe o corpo artístico do Hip Hop são: o *deejaying* (DJ)²³, o *breaking* (break dance), o *rapping* (rap) e o *graffiti* (grafite). No *deejaying*, a arte dos *Disc-Jockeys*, o/a DJ é responsável por mixar e criar as bases ou *beats*, como são chamadas as batidas que formam parte da musicalidade no Hip Hop, por meio do controle de aparelhos eletrônicos, também conhecidos como “pickups”. O *deejaying* é considerado o primeiro elemento da cultura Hip Hop, tendo sido responsável por animar as festas, as quais deram origem ao movimento enquanto cultura. Por sua vez, o *rapping* lida com os aspectos literários, unindo rimas construídas em versos e estrofes em cima das batidas produzidas e tocadas pelos DJs. O rap surgiu com pequenas rimas realizadas pelos Mestres de Cerimônias (MCs), que logo tornaram-se batalhas de rimas e, em seguida, músicas gravadas em estúdios. Os/As MCs também são conhecidos/as por *rappers*.

O *breaking* é o elemento que lida com a arte expressa pela linguagem corporal. Sendo realizado por meio da dança, seus praticantes são conhecidos como *b-boys* e *b-girls*, abreviações de *break-boy* e *break-girl*. Este estilo de dança, geralmente, chama atenção por seus movimentos elásticos que lembram a ginástica, acrobacias que surgem como herança da capoeira e de outras artes marciais, seguidos de passos que unem ritmo a diferentes técnicas e estilos de dança. Por esses motivos, o *breaking* apresenta um elevado grau de dificuldade, sendo necessário grande esforço de quem pratica. Os b-boys ou as b-girls dançam sob o comando dos DJs, que também são responsáveis pela musicalidade nos eventos de *breaking*, seja em eventos competitivos, como o famoso *Red Bull Bc One*, ou em apresentações distintas, como em escolas

²³ Nomenclatura geralmente utilizadas por pesquisadores brasileiros, como Muller e Costa (2022).

ou eventos culturais. Recentemente, o *breaking* tornou-se uma modalidade olímpica²⁴ e fará parte das Olimpíadas de 2024 em Paris.

O grafite é a arte plástica na qual os/as artistas conhecidos/as como grafiteiros/as utilizam técnicas de pinturas para colorir as paredes dos centros urbanos. Também é comum observar esse tipo de intervenção em locais como trens e metrô abandonados. A arte do grafite é uma das mais marginalizadas no movimento, tendo seus e suas praticantes que estarem sempre atentos/as com a presença da polícia que podem enquadrá-los/as no artigo de crime ambiental. São diversos os casos de grafiteiros/as que foram presos/as enquanto realizavam sua arte²⁵.

O conhecimento é indicado como um quinto elemento na cultura Hip Hop (MACEDO, 2010; MOASSAB, 2008; MORENO; ALMEIRA, 2009) e está atrelado ao caráter crítico e subversivo da cultura. Assim, o Hip Hop caracteriza-se como uma forma de expressão artística que também relaciona comentários sociais frente às perspectivas políticas, ordens econômicas, religiões hegemônicas, propondo a união por meio da consciência de classe, combatendo preconceitos e disparidades sociais (PRICE, 2006).

Moassab (2008) argumenta que a partilha do conhecimento, considerando a realização do quinto elemento, é a base da construção da resistência dentro do movimento, destacando a importância das diferentes formas de comunicação que influenciam a formação crítica construída no âmbito e no fazer do Hip Hop.

Nesse sentido, o quinto elemento implica um posicionamento crítico de seus e suas adeptos/as perante as desigualdades e injustiças sociais e pode ser realizado/observado durante a prática de seus quatro elementos artísticos, a destacar o rap, por fazer uso da linguagem verbal, assim como por meio de rodas de debate, palestras e falas que ocorrem nos eventos musicais, nas batalhas de rap e de *breaking*, em encontros ou festas de Hip Hop de maneira geral. Além disso, acredito que o fazer acadêmico que intenciona investigar as relações entre o Hip Hop e as tensões sociais, como esta pesquisa, seguem contribuindo para o desenvolvimento e a realização do quinto elemento dentro da cultura.

Para Camargos (2015), um dos aspectos principais do Hip Hop, principalmente do rap, é a sua relação com a política que extrapola o enredo da política institucional vinculada ao

²⁴ Saiba mais sobre o breaking, modalidade que estreia nas Olimpíadas de Paris. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/ultimas-noticias/2021/08/14/saiba-mais-sobre-o-breaking-modalidade-que-estrea-nas-olimpiadas-de-paris.htm>. Acesso em: 18 mar. 2023.

²⁵ Artista é preso ao tentar restaurar grafite destruído por prefeitura. Disponível em: <https://ponte.org/artista-presos>. Acesso em: 18 mar. 2023.

Artista de grafite, criador do personagem Gurilino, denuncia violência policial no DF. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/09/01/artista-de-grafite-criador-do-personagem-gurilino-denuncia-violencia-policial-no-df.ghtml>. Acesso em: 18 mar. 2023.

Estado e aos partidos. Para o autor, o/a rapper, ao expor o cotidiano da vida social, por vezes, proporciona visibilidade política a sujeitos sociais, que, geralmente, encontram-se às margens do universo da política institucional.

Por sua vez, Rodrigues (2013) argumenta que o Hip Hop é “como um movimento articulador de vivências juvenis” (p. 13), em que “a música rap e toda a arte engajada que envolve esse cenário [...], possibilita visibilidade para uma juventude que tem sido comumente marginalizada e excluída” (p. 13), enfatizando o caráter emancipador do Hip Hop, que, por meio de suas práticas artísticas, funciona como um canal de expressão de diferentes semioses, capaz de despertar a criticidade e o espírito de coletividade em seus e suas praticantes, tornando-os/as pessoas politizadas, conscientes de si e da comunidade em que estão inseridos/as, desenvolvendo uma identidade específica.

Além disso, a prática dos elementos do Hip Hop somada ao crescimento da indústria cultural global possibilita que diversos/as praticantes/artistas consigam ascender socioeconomicamente por meio de seus trabalhos com a arte, fato mais recorrente no mundo do rap, no qual há um interesse maior por parte da indústria musical (PRICE, 2006). Considerando que o objeto investigado na pesquisa serão letras de rap, darei um foco maior a essa prática, destacando o seu surgimento e desenrolar no mundo e no Brasil.

2.2 Rap

Como dito na introdução, o rap surgiu entre os anos de 1970 e 1980 nos Estados Unidos, mais precisamente em Nova York, no bairro do Bronx e representa o elemento musical na cultura Hip Hop. Muito popular entre os jovens, o rap logo tornou-se um meio para que estes pudessem expressar suas realidades através de letras que traziam à tona, de forma implícita e/ou explícita, todo o contexto em que eles estavam inseridos. Naquele período, os/as moradores/as das periferias viviam com a falta de empregos e também com uma grande onda de violência que se expandia com o tráfico de drogas e assaltos (PESSOA, 2017).

Esse gênero musical emergiu sob as influências dos costumes dos povos *griots*, que são conhecidos por serem contadores de histórias ou mensageiros que guardam a tradição milenar da oralidade na África, assim como do *Toasting*, ritmo de origem africana bastante difundido nas ilhas do Caribe, que, semelhante ao reggae, consiste no canto falado sob uma batida lenta (ALMEIDA; MORENO, 2009; PESSOA, 2017).

O surgimento do rap está atrelado à necessidade de ajudar os DJs enquanto esses se apresentavam. Dessa forma, os MCs (“*master of ceremonies*” ou mestres de cerimônia) tinham,

a princípio, o papel de auxiliar os DJs mantendo o público animado e entretido enquanto os DJs performavam. Com o passar do tempo, os MCs passaram a desenvolver rimas sob as batidas produzidas pelos DJs, que foi bem aceito pelo público; logo os MCs começaram a formar parcerias com os DJs, não sendo mais apenas seus ajudantes. Assim, as rimas desenvolvidas nos eventos tornaram-se músicas gravadas em estúdios e grupos como *Public Enemy* surgiram utilizando dessa prática para abordar questões sociais e principalmente relacionados a raça, tendo em vista o contexto das lutas raciais nos Estados Unidos (PRICE, 2006).

No Brasil, o rap tem seus primeiros representantes a partir das décadas de 1980, contando com nomes como Thaíde, Rappin Hood, Sampa Crew, os Racionais MCs, entre outros. Já na década de 1990, a partir da prática do rap e dos outros elementos do Hip Hop, a gestão municipal de São Paulo, em articulação com distintos grupos como o Racionais MCs, desenvolveu projetos como o “*Rap nas Escolas*” e o “*Rapensando a educação*”. Estes projetos contribuíram para o surgimento de novos grupos de rap e de Hip Hop na cena local de São Paulo, além de terem sido considerados experiências inovadoras na área da Educação, pois possibilitavam apresentações musicais dos grupos de rap e debates sobre violência, preconceito e racismo com os alunos (MOASSAB, 2008).

Ainda nos de 1990, o rap brasileiro ganhou visibilidade a partir das produções dos álbuns *Preste Atenção* (1995) de Thaíde, e *Sobrevivendo no inferno* (1997) do grupo Racionais MC's. Esses grupos são considerados como parte da primeira fase do rap nacional e desempenhavam um discurso de protesto social, denunciando desigualdades, preconceito racial e violência policial nas periferias (MÜLLER; COSTA, 2022). A introdução da canção “Capítulo 4, Versículo 3”²⁶ do álbum *Sobrevivendo no Inferno* (1997) dos Racionais MCs, apresenta os seguintes dados/denúncia:

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial; a cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras; nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros; a cada quatro horas, um jovem negro é morto violentamente em São Paulo. (RACIONAIS TV)

Assim, é possível observar a posição firme do grupo em denunciar dados preocupantes para a juventude negra e periférica da cidade de São Paulo, desempenhando um papel importante no desenvolvimento da criticidade dessa mesma juventude. Dessa forma, o grupo Racionais MC's tornou-se um dos grupos de rap mais emblemáticos para a cultura Hip Hop no Brasil, sendo trilha sonora de muitas periferias por todo país.

²⁶ RACIONAIS TV – Sobrevivendo no Inferno – Capítulo 4 Versículo 3. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YLa77FGfkY8>. Acesso em: 21 mar. 2023

O cenário atual do rap brasileiro, de acordo com Müller e Costa (2022), apresenta algumas características que o diferencia do rap realizado na década de 1990. O ‘rap contemporâneo’ ou ‘nova escola do rap’ se divide em grupos que priorizam a produção sonora visando a indústria cultural, perdendo o foco da crítica social, enquanto outros grupos complexificam as experiências identitárias articulando discursos marcados por questões raciais e de classe social, assim como de gêneros e sexualidades dissidentes.

Alguns grupos e artistas solos ganharam destaque ao unir visual, letras e performances que buscam desestabilizar representações binárias essencialistas de gênero e sexualidade dentro do rap, pois, apesar de ser considerado um movimento de contestação e de denúncia, ainda há no Hip Hop e no rap praticantes que insistem em reproduzir opressões e desigualdades de gênero e sexualidade (BIXARTE, TV CIDADE JOÃO PESSOA, 2021; RODRIGUES, 2013).

Esses grupos e artistas ficaram conhecidos/as como representantes do “*Queer Rap*”, que segundo Eddine (2018), teve início nos Estados Unidos com a intenção de reivindicar um espaço dentro do movimento Hip Hop, a fim de realizar denúncias contra violências de cunho LGBTQIAP+fóbico. Para a autora, as características marcantes no *Queer Rap* estão relacionadas aos aspectos visuais, que envolvem os figurinos, as performances e as danças, assim como as composições das letras que, de maneira interseccional, articulam os marcadores de raça, classe social, gênero e sexualidade.

No Brasil, esta concepção de rap teve início com Rico Dalasam (EDDINE, 2018) e segue sendo representada por grupos e artistas como Quebrada Queer, Linn da Quebrada e a própria Bixarte, que, por meio da articulação de suas experiências identitárias, utilizam de sua arte de forma engajada, proporcionando uma maior “visibilidade a significados e identidades alegadamente marginalizados”²⁷ (FABRÍCIO; MOITA-LOPES, 2019, p. 140, tradução minha).

Moassab (2008) destaca que “o rap engajado é parte ativa do mundo contemporâneo, na desconstrução de representações sociais produzidas pelo sistema hegemônico e na proposição de alternativas de enfrentamento” (p. 24). Dessa forma, reforço que o interesse desta pesquisa

recai sobre raps contemporâneos, especificamente da artista Bixarte, considerando suas construções poéticas e críticas que articulam os marcadores de raça, classe social, gênero e de sexualidade, que assim, vem exercendo papel fundamental na constituição de significados e na formação de identidades de pessoas negras, periféricas e LGBTQIAP+.

Na próxima seção, apresento as contribuições do feminismo negro para a construção e consolidação da perspectiva interseccional nos estudos de identidades, assim como os

²⁷ Original: *visibility to allegedly marginalized meanings and identities.*

desdobramentos das pesquisas que lidam com os marcadores sociais da diferença de raça e classe social, gênero e sexualidade.

3 PERSPECTIVA ANALÍTICA: INTERSECCIONALIDADE

Na intenção de observar a relação entre linguagem, sociedade e questões contemporâneas, apresentarei um debate com foco nas teorias sociais, em uma relação inter/transdisciplinar (MOITA LOPES, 2006), na qual tomo como base pesquisas desenvolvidas nas áreas das Ciências Sociais e Filosofia, que investigam aspectos sócio-históricos dos debates relacionados à raça e classe social, gênero e sexualidade com ênfase na perspectiva interseccional (CRENSHAW, 2002), considerando a formação das identidades e das categorias sociais, assim como das estruturas de opressão como a LGBTQIAP+fobia, o racismo e a opressão de classe.

A perspectiva interseccional é orientada pelas contribuições desenvolvidas no âmbito do feminismo negro, que ganhou destaque enquanto ferramenta analítica a partir das contribuições da autora e ativista Kimberlé Crenshaw (2002), a destacar o texto *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*; de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2016) em *Intersectionality*, livro traduzido para o português em 2021; assim como pelas contribuições realizadas pelas pesquisadoras brasileiras Carla Akotirene (2019) em seu livro *Interseccionalidade*; e, por Winnie Bueno (2020) em *Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins*.

Para as questões raciais e de classe social, tomo como base os livros *O genocídio do negro brasileiro*, de Abdias do Nascimento (2016); *Como o racismo criou o Brasil*, de Jessé Souza (2021); e, *Racismo Estrutural*, de Silvio Almeida (2019). As questões de gênero e sexualidade são orientadas pelas discussões propostas em *Transviados: gênero, sexualidade e direitos humanos* de Berenice Bento (2017); *Estudos críticos do discurso multimodal sobre as comunidades LGBTQIA+ na América Latina*, organizado por Fábio Bezerra e Germán Canale (2022); *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, de Judith Butler (2003); e *Discursos transviados: por uma Linguística Queer*, organizado Rodrigo Borba (2020).

Assim, interessa-me observar como estes estudos contribuem para a constituição de significados baseados em debates científicos e como estas contribuições se relacionam com a discussão da pesquisa considerando os distintos marcadores sociais da diferença presentes nos discursos da artista Bixarte.

A interseccionalidade, como bem apontam Rios, Perez e Ricoldi (2018), é um termo que vem se popularizando na academia brasileira, a partir das discussões acerca de gênero e sexualidade, raça e classe social de modo a entender como tais marcadores sociais da diferença operam de maneira conjunta na construção das identidades e opressões sociais.

O conceito de interseccionalidade é atribuído à estadunidense Kimberlé Crenshaw, jurista negra que, ao analisar a violência contra mulheres, destacou como as discriminações que afetam este grupo social, por vezes, são relacionados apenas ao aspecto de gênero, sem levar em conta os efeitos provocados pelo racismo, pela xenofobia e por outros tipos de discriminação. A autora assevera que:

Assim como é verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados a suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são ‘diferenças que fazem diferença’ na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação. Tais elementos diferenciais podem criar problemas e vulnerabilidades exclusivos de subgrupos específicos de mulheres, ou que afetem desproporcionalmente apenas algumas mulheres. (CRENSHAW, 2002, p. 173)

Assim, ao propor o debate acerca das intersecções, Crenshaw (2002) chamou atenção ao modo como a interação dos múltiplos marcadores sociais da diferença criam efeitos desiguais para os distintos grupos sociais, causando um ‘aprofundamento das opressões’ (BUENO, 2020). Essa concepção implica olhar para o/a sujeito social em sua plenitude de aspectos sócio-históricos, sendo errôneo separar e hierarquizar as categorias como gênero, raça, classe social e outros marcadores.

O debate acadêmico sobre interseccionalidade proposto por Crenshaw surgiu na década de 1990, na esfera do Direito, especificamente no campo dos estudos raciais críticos, influenciando e sendo influenciado pela militância política e ativista do pensamento feminista negro (que, por sua vez, influenciou a teoria do feminismo hegemônico), alterando os saberes jurídicos e ampliando o horizonte de possibilidades argumentativas e analíticas das dimensões de identidades e desigualdades sociais (BUENO, 2020).

Santos (2021) enfatiza o papel fundamental que o feminismo negro estadunidense teve no desenvolvimento da perspectiva interseccional, tendo em vista que foi, a partir desse lócus, que mulheres negras passaram a estruturar uma forma de conhecimento que buscava alinhar suas características identitárias e as violências às quais eram (são) submetidas, possibilitando a formulação de uma episteme sobre identidades (principalmente das mulheres negras, nesse caso) que leva em conta, de maneira articulada, os marcadores sociais da diferença, assim como os efeitos provocados pelo racismo, pelo sexismo e por outros tipos de violência, buscando, assim, superar essas realidades e reivindicar um novo modelo de organização social. Dentro desse contexto, autoras como Angela Davis com seu livro *Women, race and class* (1981) e bell hooks em *Ain't I a woman? Black women and feminism* (1981) são exemplos de pesquisadoras/ativistas que propunham essa articulação em suas obras.

No Brasil, a concepção interseccional também surgiu dentro do movimento do feminismo negro, que ganhou força por volta de 1980, quando pesquisadoras/ativistas passaram a teorizar sobre as demandas relativas às mulheres negras, dando destaque à necessidade de se pensar sob uma ótica que levasse em conta as intersecções entre gênero, raça e classe social e, assim, romper com a ideia universal de mulher defendida no feminismo branco (SANTOS, 2021).

A antropóloga e ativista Lélia Gonzalez foi uma das primeiras autoras brasileiras negras que, de maneira interdisciplinar, desenvolveu uma abordagem que propunha a articulação entre os marcadores sociais da diferença com o propósito de desmistificar a falácia da democracia racial na sociedade brasileira, considerando a realidade da mulher negra.

Em seu texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (1984), Gonzalez propõe a articulação entre as duas formas de violência, que até então eram discutidas de forma separadas. Oliveira (2020) explica que tal fragmentação no campo teórico causava inquietação em Gonzalez, que, a partir de experiências empíricas, percebia que o racismo e o sexismo não aconteciam de formas isoladas nas relações sociais em nossa sociedade, mas que ocorriam de maneira conjunta, produzindo efeitos violentos, principalmente sobre as mulheres negras.

Além de Gonzalez, Beatriz Nascimento é outra autora que articulou pensamentos considerando uma visão interseccional antes do próprio termo existir na literatura e que, assim, desempenhou um papel importante no desenvolvimento da concepção em contexto brasileiro.

Em seu texto *A mulher negra no mercado de trabalho* (2019), Nascimento descreve as estruturas da sociedade colonial a fim de destacar como os diferentes grupos sociais desempenhavam papéis diferentes. Assim, a autora chamou atenção à diferença entre a realidade do homem branco e do homem negro, bem como a realidade da mulher branca e da mulher negra. Em seguida, a autora argumentou que o dinamismo do mercado de trabalho brasileiro, que surgiu no processo de industrialização na década de 1930, seguia marcado pelo fator racial, tal como no Brasil colônia, e que, assim, a mulher negra continuou a ocupar espaços similares em serviços domésticos e trabalhos em espaços rurais. Dessa forma, a autora enfatizou a relação entre raça, gênero e classe social, apontando como estes marcadores agiam sobre o corpo das mulheres negras e os efeitos que produziam em suas vidas (CASEMIRO; SILVA, 2021).

A pesquisadora e ativista antirracista brasileira Winnie Bueno (2020) explica que a pluralidade dos espaços e dos discursos em que surgiu o conceito de interseccionalidade refletiram um processo de ampliação da concepção do conceito, passando a constituir um campo de estudo. Dessa forma, a interseccionalidade passou a ser entendida como uma

abordagem multifacetada, um paradigma teórico e metodológico para investigação de contextos permeados por questões sociais complexas que se caracterizam pela exploração de um grupo subalterno, que, assim, “criou um espaço analítico para uma compreensão mais robusta dos privilégios e desvantagens associados aos sistemas de dominação que interagem entre si” (BUENO, 2020, p. 64).

Crenshaw (2002) ressalta que as análises ou abordagens que não levam em conta as intersecções dos marcadores sociais tendem a (re)produzir um duplo problema que ela denomina como superinclusão e subinclusão. A autora explica que o termo ‘superinclusão’ se refere aos processos de análises que ignoram e simplificam uma estrutura interseccional em uma única categoria, considerando marcadores como gênero e raça de maneira segmentada, enquanto o termo ‘subinclusão’ especifica casos em que um problema social deixa de ser atrelado a um determinado marcador, devido ao fato de o mesmo problema não ocorrer com grupos hegemônicos. Nas palavras da autora, “em resumo, nas abordagens subinclusivas da discriminação, a *diferença torna invisível* um conjunto de problemas; enquanto que, em abordagens superinclusivas, a própria *diferença é invisível*” (CRENSHAW, 2002, p. 176).

Outra pesquisadora negra que investiga as concepções acerca da interseccionalidade aqui no Brasil é Carla Akotirene. Para a autora “a interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2019, p. 14). Ela explica que a concepção de interseccionalidade cunhada por Crenshaw implica entender as colisões provocadas pelas estruturas de opressão, colocadas como os ‘modernos aparatos coloniais’ que afetam socialmente determinados corpos considerando o cruzamento e a interação simultânea das ‘avenidas identitárias’, a destacar gênero, raça e classe.

Dessa forma, vemos que o conceito de interseccionalidade surgiu em meio aos debates raciais e jurídicos nos Estados Unidos, considerando os distintos fenômenos sociais que atravessam a constituição do ser, ao tratar especificamente da mulher negra, e que, a partir da exploração dos significados construídos por meio do conceito, há uma expansão de perspectiva, apontando a interseccionalidade como um campo de estudo.

Pesquisas como a de Bueno (2020) e Akotirene (2019) destacam a importância da ideia de intersecção para o pensamento feminista negro, assim como a influência dessas pesquisadoras negras para o desenvolvimento dessa concepção enquanto abordagem. Autoras como Patricia Hill Collins tiveram papel fundamental nesse processo de desenvolvimento. De acordo com Bueno (2020), para Collins (2015) a interseccionalidade apresenta-se como uma

perspectiva epistemológica e não apenas um encontro de marcas identitárias materializadas em um corpo.

O pensamento feminista negro impulsionou os debates acerca das teorias sociais para além do conceito de interseccionalidade, estabelecendo três bases fundamentais para pesquisas de cunho social, considerando que

o conhecimento é socialmente situado; grupos marginalizados estão localizados em posições que lhes possibilitam um maior conhecimento dos fatos sociais, produzindo questionamento de forma mais acurada do que grupos privilegiados; a pesquisa, principalmente aquela voltada a analisar o poder, deve refletir aspectos da vida das pessoas marginalizadas. (BUENO, 2020, pg. 68/69)

Assim, tomo os direcionamentos formados e propostos na base do pensamento feminista negro acerca da concepção de interseccionalidade, que nos auxiliará na investigação a respeito das representações de intersecções de raça e classe social, gênero e sexualidade nas canções da Bixarte.

Para discutir os conceitos e os efeitos da criação da noção de raça e do racismo, gostaria de enfatizar que, em contexto brasileiro, esses marcadores estão intrinsecamente ligados à constituição e estratificação das classes sociais, como apontam Nascimento (2016) e Souza (2021).

Nascimento (2016), autor que descreveu o processo de genocídio que afetou e continua afetando o povo negro brasileiro, afirma que “o fator racial determina a posição social e econômica na sociedade brasileira” (p. 83), indicando que a estratificação das classes sociais, ao longo da construção do país, esteve relacionada ao fator racial.

Para falar da história do negro e do racismo estrutural (ALMEIDA, 2021) no Brasil, devemos retomar o processo de colonização realizada pelos europeus nos países da África e das Américas, como é o nosso caso. Destaco que esse período é retratado como o momento da “descoberta” do Brasil, um país que não se chamava assim e que contava com mais de 1 milhão de pessoas que compunham os povos originários (RIBEIRO, 2014) que tiveram suas terras **invadidas** e **saqueadas** pelos europeus. O processo de colonização das terras brasileiras teve início por volta de 1500, sendo marcada pela vinda dos portugueses que buscaram explorar tanto os recursos naturais como os povos que viviam aqui.

Nascimento (2016) conta que o processo de colonização do Brasil marcou a vinda dos negros para cá como força bruta para os trabalhos de construção e de extração dos recursos naturais. Assim, por volta de 1530, já havia negros/as escravizados/as trabalhando para a colônia portuguesa. Em 1535, o comércio de negros/as escravizados/as estava constituído e

organizado. Seguindo esse movimento, rapidamente os números de negros/as aumentaram e tomaram proporções enormes. Uma das principais atividades desenvolvidas pelos/as negros/as africanos/as escravizados/as eram as plantações de cana-de-açúcar, que se expandiram nas costas do Nordeste, com destaque para os estados da Bahia e de Pernambuco.

O/A negro/a escravizado/a foi utilizado/a como mão de obra pelos portugueses nas plantações de cana-de-açúcar por quase dois séculos na região Nordeste. No séc. XVIII houve um deslocamento da concentração do corpo-força do/a negro/a para o estado de Minas Gerais devido à descoberta de ouro e diamantes, que, no século XIX, foi substituído pela produção de café nas plantações localizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Nesse processo, estima-se que cerca 4 milhões de africanos/as tenham sido sequestrados/as de seus países de origem e trazidos/as escravizados/as para o Brasil (NASCIMENTO, 2016).

O fato é que, nesse processo, o povo negro teve papel fundamental na construção das estruturas físicas e econômicas do país, mas, apesar disso, pós-abolição, foi condenado às “periferias da sociedade de classes, como se não pertencesse à ordem legal. O que o expôs a um extermínio moral e cultural, que teve sequelas econômicas e demográficas” (NASCIMENTO, 2016, p. 14). O autor ressalta que “sem o escravo, a estrutura econômica do país jamais teria existido. [...] Ele plantou, alimentou e colheu a riqueza material do país para o desfrute exclusivo da aristocracia branca” (p. 46).

Foi por meio da invasão de terras e da exploração da força de trabalho do povo negro que o homem branco, europeu, conseguiu elevar suas riquezas, o que indicava a formação das primeiras classes sociais, em que os/as negros/as trazidos/as de outro país eram explorados/as e obrigados/as a trabalhar sobre duras condições e sem nenhum reconhecimento, assim como também aconteceu com os/as indígenas que também foram escravizados/as e tiveram suas terras invadidas e saqueadas pelos europeus. Ambos os povos (negro e indígena) passaram por um duro processo de genocídio causado pela ambição incansável do homem branco.

Em 1888, ocorreu o processo que ficou conhecido como Abolição por meio da assinatura da Lei Áurea, que, apesar de liberar o povo negro da escravização o sentenciou a outras mazelas sociais. Talvez esse processo tenha sido um dos mais importantes para a constituição das classes como conhecemos atualmente. Nascimento (2016) destaca que essa libertação enganosa condenou os ‘africanos livres’ a um assassinato em massa, pois findou com qualquer senso de responsabilidade dos senhores de engenho, do Estado e da Igreja para com esses seres humanos, que foram colocados em liberdade sem qualquer direito econômico, político, social e cultural. Assim, apesar de livres, os/as negros/as não tinham abrigo, não tinham acesso a trabalho remunerado, nem alimentação. O processo de abolição, tido como ato

heroico para alguns brancos, apenas acentuou o genocídio do povo negro e resultou no surgimento das periferias brasileiras, que foram sendo ocupadas e construídas por esses corpos ‘livres’.

Considerar o processo histórico de violências contra as populações negras e indígenas na consolidação da estratificação social é essencial para entendermos como o processo de colonização criou o homem branco como detentor das riquezas, dos meios de produção e das terras, colocando, principalmente, o povo negro em situação de vulnerabilidade, sem qualquer condição financeira ou oportunidade para construir uma nova realidade. Dessa forma, vemos que as condições para as estratificações das classes sociais superam a relação de poder aquisitivo, tendo sido formada a partir da exclusão histórica do povo negro. De acordo com Souza (2021), ao associarmos classe social apenas a critérios econômicos, perdemos a noção de pertencimento que está implicada na construção histórica do sujeito em sociedade. Essa relação entre classe social e nível de renda é uma estratégia neoliberal para justificar a ideia de meritocracia, tendo em vista que pessoas consideradas de classe inferior poderiam ascender socialmente, considerando apenas seus esforços individuais.

Em sequência a essas primeiras informações acerca do processo histórico de formação do povo negro e das classes sociais no Brasil, explico os conceitos de raça e do racismo, que são importantes para entendermos as relações raciais que vivemos na contemporaneidade.

O advogado, filósofo e atual ministro dos Direitos Humanos Silvio Almeida (2021), ao tratar dos conceitos de raça e de racismo em seu livro *Racismo estrutural*, explica os caminhos percorridos para conceber o sentido de raça, um termo que, segundo o autor, não é fixo ou estático, mas que tem seu significado constituído a partir das circunstâncias históricas em que é utilizado. Para o autor: “Por trás da *raça* sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito *relacional e histórico*. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas” (ALMEIDA, 2021, p. 24-25).

Apesar das construções históricas acerca de raça, Almeida (2021) enfatiza que a noção de raça é associada a fatores políticos e que é utilizada em razão de normatizar estruturas desiguais e legitimar a segregação e genocídios. Nesse sentido, vemos que, na formação histórica do Brasil, o fator raça foi predeterminante para o sequestro, a violência e a exploração dos povos negros que foram escravizados, configurando, dessa forma, o racismo.

Ellen Meiksins Wood, citado por Almeida (2021), explica que a peculiaridade do “racismo moderno” está em sua relação com o colonialismo. Para o autor, essa concepção de racismo surgiu entre os séculos XVII e XVIII e ascendeu no século XIX com as teorias

“pseudocientíficas” que caracterizavam pessoas não brancas como inferiores, e, assim, serviram como apoio ideológico para a opressão colonial, que não cessou com o fim da escravidão. Apesar dos avanços na antropologia e nos estudos biológicos comprovarem que não há diferenças biológicas ou culturais que justifiquem a discriminação, Almeida (2021) afirma que a noção de raça, ainda hoje, continua a exercer um papel político, sendo utilizada para promover desigualdades, segregação e o genocídio de grupos considerados minoritários (CHAVES, 2019).

O autor Almeida (2021) explica que “o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam” (p. 32). Para Souza (2021), a formação histórica violenta do Brasil coloca o racismo como um pilar na constituição da nossa sociedade, responsável pelas desigualdades e violências estruturais designadas para alguns grupos e classes sociais.

Considerando as relações entre racismo e subjetividade, racismo e Estado, racismo e economia, Almeida (2021) argumenta em favor da classificação de três tipos diferentes de racismo, a considerar: o *racismo individualista*, o *racismo institucional* e o *racismo estrutural*.

Para o autor, a concepção individualista remete ao ato de racismo atribuído a um indivíduo ou a um grupo isolado, sendo normalmente concebido como uma ‘patologia’ ou anormalidade, que deve ser combatido na esfera jurídica. Almeida (2021) explica, ainda, que a concepção individualista pode caracterizar-se como um “preconceito” ao invés de “racismo”, considerando sua possível motivação psicológica e não política para o ato, tendo em vista que, “o preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias” (p. 32).

A concepção institucional implica que o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas alcançam efeitos de atuações realizadas por instituições que implicam, mesmo que indiretamente, em desvantagens e privilégios baseados em raça. Nesse sentido, a desigualdade racial não é fruto de um ato individual, mas é provocada por determinados grupos raciais que impõem seus interesses políticos e econômicos na forma como as instituições operam.

Por fim, a concepção de racismo estrutural, que representou um avanço nas concepções dos estudos de relações raciais, pois indica que o racismo não se resume a atitudes individuais e destaca como o poder exercido por um grupo sobre o outro é um elemento constitutivo das

relações raciais, que é reforçado quando há o controle de determinados grupos dentro dos aparatos da lei. Assim, se existe um racismo institucional, ele existe em função de uma ordem social, em que, as instituições apenas refletem o racismo que existe imbricado nas estruturas sociais, ou seja, “as instituições são racistas porque a sociedade é racista” (ALMEIDA, 2021, p. 47).

Por sua vez, ao adentrar nos estudos sobre gênero e sexualidade é possível observar que são temáticas que causam grande inquietação e controvérsias em nossa sociedade.

No Brasil, quando relacionado ao campo da educação, estes estudos são motivos de polêmicas, causando preocupações e contestações por parte da classe conservadora (BEZERRA, 2022). Autores como Jesus e Marchetto (2022) destacam que, no contexto brasileiro, as discussões sobre “identidades *queer*, gênero, sexualidades, transexualidades, performances *drag*, homofobia e transfobia, se caracteriza enquanto uma tarefa árdua” (p. 199), pois são temas que, corriqueiramente, são envolvidos em práticas discursivas que os associam, por exemplo, a patologias (MARTINS, 2022). Tais práticas discursivas, por vezes, se materializam em práticas sociais de cunho violento contra pessoas LGBTQIAP+, como forma de manutenção dos sistemas de opressões criados a partir do colonialismo e sustentados pelo patriarcado e pelo fundamentalismo religioso (BORBA, 2022; JESUS; MARCHETTO, 2022; MARTINS, 2022).

Essas práticas discursivas e sociais são (re)produzidas, frequentemente, seguindo uma linha de raciocínio que busca relacionar os estudos sobre gênero e sexualidade àquilo que é chamado de “ideologia de gênero”. Borba (2022) explica que, no contexto da América Latina, a ideologia de gênero “se transformou em um significante extremamente maleável que pode englobar quase tudo: da pedofilia aos direitos LGBTQIA+, aborto, práticas pedagógicas inclusivas, o casamento igualitário o feminismo, o marxismo, o globalismo até o comunismo” (p. 90).

Martins (2022) enfatiza que a comunidade LGBTQIAP+ é vítima, diariamente, de múltiplas formas de manifestações de poder, que vão de práticas discriminatórias que ocorrem em distintos setores da sociedade, a violências físicas e sexuais que incluem estupros, espancamentos e assassinatos. Segunda a autora, os corpos de pessoas trans negras e periféricas são as que mais sofrem com essas violências, indicando um agravamento das violências considerando as intersecções entre os marcadores de gênero, raça e classe social. Para Martins (2022), a origem dessas práticas remete ao passado colonial, instituído pelo poder hegemônico que tem como base as estruturas patriarcais, racistas e sexistas.

Assim, ao tratar dos estudos sobre gênero e sexualidade, pretendo incorporar os valores que buscam desestabilizar práticas discursivas e sociais de conotação violenta, que têm como base a visão de mundo do homem branco cis-hetero, que permeia os campos da religiosidade, da política, da ciência, da economia, entre outros. Nesse sentido, apresentarei alguns dos desdobramentos desse campo de pesquisa, ressaltando a influência do feminismo estadunidense no desenvolvimento de uma visão progressista e a recepção destes estudos em contexto brasileiro.

A década de 1990 foi um divisor de águas para concepções referentes aos estudos de gênero e sexualidade. Sob forte influência do feminismo estadunidense, pesquisadoras de distintas áreas passaram a ocupar-se das concepções que giravam em torno de gênero, adotando uma postura crítica ao que era estabelecido, passando a questionar as primeiras formulações acerca de gênero, principalmente a fixidez e unidade presentes na distinção entre sexo/gênero que, assim, formavam a ideia do binário, segundo a qual existem apenas dois sexos e dois gêneros, e um alinhamento entre ambos, assim como as noções de força e poder imbricados nestes padrões de gênero (PISCITELI, 2008).

Dentre as pesquisadoras estadunidenses que desenvolveram reflexões acerca de gênero e sexualidade, destaco a filósofa Judith Butler, que, em sua obra *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity* (1990), traduzido no Brasil em 2003, sugeriu um panorama que subverteu e ampliou as concepções acerca do entendimento de gênero e sexualidade, realizando grandes contribuições para este campo de pesquisa, assim como para os movimentos políticos sociais.

Em sua obra, Butler (2003 [1990]) problematizou dicotomias naturalizadas na sociedade como homem/mulher, masculino/feminino, em que o sexo seria um dado biológico e o gênero uma construção social. A autora explica que essa padronização binária surgiu da influência de uma 'heterossexualidade compulsória' prescrita pelas instâncias reguladoras do poder, apontada por Figueiredo (2018), como o discurso hegemônico. Entretanto, Butler (2003) enfatizou que o sexo assim como o gênero são formados por aspectos discursivos, históricos, performativos e culturais, sendo ambos, construções sociais e temporais. Assim, a autora propôs a construção variável da identidade.

As reflexões propostas por Butler têm contribuído para uma postura investigativa no campo dos estudos de gênero e sexualidade que desconsidera a centralidade binária na constituição das identidades, que mostram-se múltiplas em uma perspectiva construtivista. As considerações realizadas pela filósofa são de grande valia para o que, nos Estados Unidos, ficou conhecido como *Queer Theory* (Teoria *Queer*).

A teoria *queer* surgiu do movimento ativista nos Estados Unidos. Borba (2020) mostra que o primeiro registro da palavra em um dicionário de língua inglesa dava conta da ideia de “estranho”, “peculiar” e “excêntrico”, porém, através de um caso jurídico na Inglaterra do século XIX, envolvendo o escritor Oscar Wilde, o termo *queer* passou a ter uma conotação de insulto homofóbico, que se perpetuou na cultura anglo-saxã. Ainda de acordo com Borba (2020), a linguista Julia Penelope (1970) realizou uma investigação acerca das gírias homossexuais, segundo a qual gays e lésbicas identificavam o uso do termo *queer* como uma ofensa utilizada por pessoa heterossexuais, significando o equivalente a ‘bicha’, ‘viado’ e ‘sapatão’ em português.

Dessa forma, Borba (2020) explica que o termo *queer* designa(va) os sujeitos a uma posição de subordinação ao desafiarem as estruturas produzidas pela heterossexualidade. Entretanto, entre as décadas de 1980 e 1990, movimentos ativistas estadunidenses como o *Queer Nation* e o *Act Up*, movidos pelo desconforto e pela insatisfação causados pelas políticas públicas, passaram a reivindicar o uso do termo *queer* em uma intenção de subverter o significado social e político que o termo provocava. Os movimentos que viabilizaram essa (trans)formação do significado se utilizavam de afirmações como “*we’re queer, we’re here, get fucking used to it!*” (nós somos *queer*, nós estamos aqui, se acostumem com isso) (tradução minha), como forma de resistência perante os regimes de normalidade.

Nesse sentido, a pretensão do *queer* enquanto movimento é resistir às normas impostas por um padrão excludente, invertendo o que antes era um local de desconforto em um local de identificação e resistência. O ato de transformar o significado social do termo *queer* foi denominado por Butler (1997) como ‘inversão performativa da injúria’, que Borba (2020) descreve como “uma estratégia de ressignificação que vira a ofensa do avesso, dobra-a sobre si e se apropria de seu poder político para produzir lugares de identificação e aliança” (p. 10).

O ativismo destes grupos, a fim de inverter os significados imposto à palavra *queer*, logo chamou atenção de pesquisadores/as que passaram a utilizar tal denominação dentro da academia, considerando seus efeitos em subverter e resistir aos valores estabelecidos por um pensamento hegemônico, que durante muito tempo foi tido como verdade única, produzindo a concepção binária do gênero e da sexualidade. Assim, distintos/as pensadores/as estadunidenses, incluindo, a filósofa Judith Butler, passaram a utilizar o termo *queer* enquanto abordagem para os estudos de gênero e sexualidade (BORBA, 2020).

No contexto brasileiro, o uso do termo *queer* difere em sua origem, tendo em vista que o termo surgiu dentro das universidades, por influência das discussões desenvolvidas no âmbito acadêmico estadunidense. Assim, a autora brasileira Guacira Lopes Louro (2004), uma das

primeiras pesquisadoras a relacionar os estudos *queer* à educação, explica que uma perspectiva *queer* pressupõe desafiar as normas e padrões estabelecidos aos corpos e mentes de modo que

Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. *Queer* é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina. (LOURO, 2004, p. 7-8)

Por sua vez, Miskolci (2012) explica que uma concepção *queer* implica em “tornar visíveis as injustiças e violências implicadas na disseminação e na demanda do cumprimento das normas e das conversões culturais, violências e injustiças envolvidas tanto na criação dos ‘normais’ quanto dos ‘anormais’” (p. 26). Nesse sentido, as concepções acerca do termo indicam uma maneira distinta de pensar e de ser que fogem às normas tidas como ‘naturais’, além de possibilitar uma maior visibilidade das violências sofridas por quem é lido/a como ‘anormal’.

Nas palavras de Borba (2020), nos estudos *queer*, o “principal foco de intervenção e crítica é a cis-heteronormatividade” (p. 12), surgindo como abordagem em pesquisas que “questionam estruturas sociais, sistemas de significação e relações de poder extremamente naturalizados” (p. 12), com o objetivo de “reverter desigualdades de gênero e sexualidade ao desestabilizar estruturas que as subjazem” (p. 12). Dessa forma, o autor complementa que uma perspectiva *queer* pressupõe ‘desorientar sentidos’, tendo em vista que “pretende nos tirar do eixo, pois mostra que as identidades não são portos seguros como pensávamos” (p. 13).

Nesse sentido, poderia afirmar que esta pesquisa se baseia nos pressupostos sobre gênero e sexualidade que alimentam a teoria *queer*. Entretanto, no Brasil, o uso do termo *queer* vem sendo problematizado por pesquisadores/as que se debruçam sobre essa temática, pois consideram que os aspectos linguísticos e culturais tendem a distanciar os corpos que são atravessados por essas questões de gênero e sexualidade em contexto brasileiro.

A autora Pelúcio (2014), por exemplo, propõe o uso do termo “teoria cu”, considerando a aproximação dos efeitos de repulsa e incômodo gerados pelo termo *queer* em falantes de inglês, mas que não acontece no Brasil por ser uma palavra estrangeira. Lewis *et al.* (2017), argumentam que o termo “cuir” se relaciona com uma perspectiva latino-americana e que busca superar os ‘ditames’ dos conhecimentos produzidos no norte global.

A socióloga Berenice Bento (2017) propõe uso do termo “estudos transviados” como forma de realizar uma tradução “cultural (idiossincrática)” (p. 131), alocando os significados

que o termo *queer* carrega para um contexto local. Para autora, o uso do termo *queer* implica em um pensamento colonizado, que prioriza os saberes e experiências estadunidenses.

Bento (2017) conta que, ao desenvolver sua pesquisa sobre transexualidade, deparou-se com uma literatura que “hegemonicamente, considerava as experiências trans (transexuais, travestis, transgêneros, *cross-dressers*, *drag queens*, *drag kings*) como expressões de subjetividades transtornadas” (p. 244).

A autora explica que as pessoas trans eram descritas em áreas como Psicologia, Psicanálise e Psiquiatria como “deprimidas, suicidas, demandavam as cirurgias para se tornarem pessoas ‘quase normais’, ou seja, heterossexuais” (p. 244). Além disso, as descrições mostravam uma grande diferença entre pessoas trans e pessoas não trans.

Entretanto, Bento argumenta que aquelas afirmações apenas mostravam como aqueles pesquisadores pouco sabiam sobre os sujeitos os quais se propuseram a investigar, pois destoavam daquilo que ela via em sua pesquisa de campo. A autora conta que, durante sua pesquisa desenvolvida em um hospital que realizava cirurgias de transgenitalização, também conhecidas como “mudança de sexo” ou “cirurgia de redesignação”, via que as pessoas que buscavam aquele espaço ansiavam por serem diagnosticadas com transtorno de gênero para que, assim, pudessem realizar suas cirurgias.

Diante de tal divergência, Bento conta que foi essencial ter tido contato com as obras de Judith Butler e de outras teóricas *queer*, pois, a partir desta corrente teórica, a autora pôde compreender que:

1. não existe diferença entre os processos de formação entre os ditos “normais” e os “anormais”; 2. a naturalização dos gêneros é um dos mais poderosos recursos acionados pelo Estado (e sustentado pelo poder/saber médico e pelos saberes psi) na manutenção de estruturas hierárquicas e assimétricas dos gêneros; 3. a demanda das pessoas trans não é para que se tornem “heterossexuais consertados”, mas funda-se no reconhecimento de uma identidade de gênero diferente da imposta socialmente a partir da presença de uma determinada genitália; 4. a natureza das identidades de gênero é não serem naturais (BENTO, 2017, p. 246).

Entretanto, mesmo considerando todos os aspectos políticos e de agressões que giram em torno do termo *queer*, a autora explica que o termo tem efeito inteligível no contexto norte-americano, mas que, para o contexto brasileiro, o termo torna-se sem efeito, pouco representativo. Assim, Bento propõe em seus textos o uso do termo “transviado”, que, para ela, no Brasil, pode ser entendido como ““uma bicha louca”, “um viado”, “um travesti”, “um traveco”, “um sapatão”” (BENTO, 2017, p. 249).

Portanto, a autora trabalha com um termo que é formado a partir das realidades vividas em contexto brasileiro e que se forma como um campo de estudos que tem como um de seus pilares “a desnaturalização das identidades sexual e de gênero e tem como pressuposto para entender os arranjos identitários a noção de diferença” (BENTO, 2017, p. 249), rejeitando, assim, a ideia de binarismos e essencialismos impostos socialmente.

Dessa forma, ao tratar das experiências identitárias de gênero e sexualidade, formadas e vivenciadas em contexto brasileiro, concordo com o que é proposto em Bento (2017), assim como destaco sua influência no desenvolvimento da concepção dos estudos da linguagem em perspectiva descolonial, interseccional e transdisciplinar proposto no campo da Linguística Aplicada Transviada (BEZERRA, 2023).

Por fim, considero que ao tratar das questões de gênero e sexualidade, faz-se necessário destacar algumas definições e termos-chave comuns à temática, a exemplo da sigla LGBTQIAP+ que funciona como uma sigla guarda-chuva para as identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes, a considerar “**Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros/Trans/Travestis, Queer, Intersexo, Assexual e Pansexual**”. Além de termos que denotam práticas de preconceito e/ou violência contra estes grupos, a destacar “**LGBTQIAP+fobia**”. Estas e outras definições estão organizadas em formato de glossário e disponíveis no Anexo II desta pesquisa.

As definições dos conceitos aqui abordados foram retiradas do documento *LGBT nas prisões do Brasil: diagnóstico dos procedimentos institucionais e experiências de encarceramento*, organizado pelo Departamento de Promoção dos Direitos de LGBT (BRASIL, 2020), e dos portais da ONU Livres e Iguais²⁸ e da Justiça do Trabalho do Rio Grande do Sul²⁹.

No próximo capítulo, discutirei as bases dos suportes teóricos linguísticos que auxiliam as análises linguísticas, a destacar o sistema de transitividade, oriundo da gramática Sistemico-Funcional e o modelo tridimensional da Análise Crítica do Discurso.

²⁸ Nações Unidas Livres e Iguais. Disponível em: <https://www.unfe.org/pt-pt/definitions>. Acesso em: 21 mar. 2023.

²⁹ LGBTQIAP+: Você sabe o que essa sigla significa? Disponível em: <https://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/465934>. Acesso em: 21 mar. 2023.

4 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA

Neste capítulo, apresento alguns conceitos importantes para a pesquisa, assim como abordo de maneira mais específica, como operam as teorias e métodos que serão utilizados. Início falando sobre a Análise Crítica do Discurso (ACD), mais precisamente acerca do modelo tridimensional proposto por Fairclough (1992, 2001, 2003), que auxiliará no entendimento da relação entre linguagem e estruturas sociais, enfatizando como os discursos criam, mantêm ou desestabilizam representações de identidade gênero e sexualidade, raça e classe social. Além disso, apresento o sistema de transitividade oriundo da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) desenvolvida por Halliday e Matthiessen (2014), enquanto ferramenta analítica de texto.

Acredito que a escolha do modelo tridimensional para essa análise possibilita caminhos analíticos reveladores, considerando que a ACD é apresentada como uma teoria social do funcionamento da linguagem e um método de análise do discurso, que busca investigar o papel da linguagem na produção, manutenção e mudança de relações de poder na sociedade. De acordo com Meurer (2005), a ACD tem como característica uma preocupação com o social por meio do estudo de questões linguísticas-discursivas, que pode revelar questões importantes da vida em sociedade. Além disso, o diálogo entre as duas correntes teórico-metodológicas se mostra potente tendo em vista que o sistema de transitividade opera na descrição das orações, distinguindo os processos, os participantes e as possíveis circunstâncias envolvidas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), sendo, assim, uma ótima ferramenta para a análise textual prevista no modelo tridimensional da ACD, como podemos observar em Bezerra, (2008); Lima *et. al* (2023).

1. Análise Crítica do Discurso

A Análise Crítica do Discurso – ACD (BARROS; BELTRÃO, 2018; FIGUEIREDO, 2009; MEURER, 2005), ou Análise do Discurso Crítico – ADC (RESENDE; RAMALHO, 2006; SILVA, 2010), é, ao mesmo tempo, uma teoria e um método de análise linguística, desenvolvida pelo britânico Norman Fairclough (1989, 1992, 1995, 2003), que leva em conta o uso da linguagem nas esferas sociais e as implicações da relação entre linguagem, poder e ideologia. Além disso, essa vertente teórico-metodológica expressa uma preocupação com as desigualdades sociais, investigando criticamente como estas desigualdades são criadas, reproduzidas e/ou contestadas por meio da linguagem.

Resende e Ramalho (2004) descrevem a ADC como uma disciplina que comunga do interesse de questões relativas aos campos da Linguística e da Ciência Social Crítica, conforme propõe um método de análise que investiga a relação entre questões sociais e a linguagem:

A Análise de Discurso Crítica (ADC), disciplina com amplo escopo de aplicação, constitui modelo teórico-metodológico aberto ao tratamento de diversas práticas na vida social. Situada na interface entre a Linguística e a Ciência Social Crítica, a ADC procura estabelecer um quadro analítico capaz de mapear a conexão entre relações de poder e recursos lingüísticos selecionados por pessoas ou grupos sociais. (RESENDE; RAMALHO, 2004, p. 185)

Meurer e Dellagnelo (2008), por sua vez, explicam que a Análise Crítica do Discurso se estabelece no nível da macrolinguística, visto que visa investigar o uso da linguagem e seus efeitos sociais.

Ao apresentar a Teoria Social do Discurso, Fairclough (2001) propõe uma abordagem de análise linguística com vistas ao social, em que a linguagem é entendida como prática social, capaz de criar e reproduzir práticas e ideologias, mas que também tem papel fundamental na transformação social, por meio da objeção de práticas que geram desigualdades sociais.

A possibilidade de mudança social por meio da linguagem é um dos aspectos centrais nas investigações desenvolvidas no âmbito da ACD, que, por meio da análise da relação entre discurso, prática social e a constituição dos significados, estabelece seu caráter emancipatório, a fim de desnaturalizar crenças e práticas enraizadas nas estruturas sociais dominantes, criando, assim, um elo com teorias sociais e distintos caminhos metodológicos (MEURER; DELLAGNELO, 2008; RESENDE; RAMALHO, 2004).

Dessa forma, para realizar pesquisas empíricas que investiguem as mudanças nos âmbitos da linguagem, do social e do cultural, Fairclough (2001) apresenta um modelo de análise de discurso tridimensional, em que o discurso é considerado em suas dimensões textuais, nas práticas discursivas e práticas sociais. Nessa concepção, o discurso é entendido como uma maneira de agir sobre o mundo, não sendo responsável apenas por representar, mas, sim, por constituir realidades, apresentando uma relação dialética com a estrutura social. O autor explica que:

Os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as ‘constituem’; diferentes discursos constituem entidades-chave de diferentes modos e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais e são esses efeitos sociais dos discursos que são focalizados na análise do discurso. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22)

No modelo tridimensional apresentado por Fairclough (1989, 2001 [1992]), a análise do discurso é dividida em três etapas, considerando os aspectos relacionados ao texto, as práticas discursivas e as práticas sociais. De acordo com Resende e Ramalho (2004), o foco sobre o texto ocorre por meio da análise das categorias ‘vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual’; a análise das práticas discursivas deve dar conta da ‘produção, distribuição e consumo do texto’ e das categorias ‘força, coerência e intertextualidade’; e, por fim, a análise da prática social deve investigar os aspectos ‘ideológicos e hegemônicos’ relacionados ao evento discursivo analisado.

Vale salientar que, na perspectiva da ACD, o “texto é considerado como uma dimensão do discurso; o ‘produto’ escrito ou falado do processo de produção textual” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 21). Meurer (2005), por sua vez, ao explicar as distinções entre texto e discurso, esclarece que o texto é a entidade materializada na produção linguística de um ou mais sujeitos, enquanto o discurso está relacionado aos princípios, valores, significados e ideologias imbricados no texto. Assim, a análise textual nessa concepção não trata apenas da descrição dos elementos textuais, mas os avalia “como argumentos para uma interpretação da prática social. Nesse sentido, os textos são artefatos para o estudo do processo social, podendo ter sua análise expandida na relação com categorias sociais, como é o caso de identidades” (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017, p. 31).

Enquanto a análise da dimensão textual foca nos recursos linguísticos como evidência para interpretações de práticas e categoriais sociais, a análise da dimensão das práticas discursivas busca dar conta dos processos sociais e cognitivos de produção, distribuição e consumo de texto e a natureza desses processos, avaliando e associando os fatores sociais envolvidos como contexto, força, coerência e intertextualidade.

Nesse sentido, a análise das práticas discursivas intenciona observar o contexto social e de situação dos processos cognitivos de produção, distribuição e consumo do texto, que podem ser individuais ou coletivas. Ao considerar o contexto de situação, identifica-se como os aspectos da identidade social dos participantes são relevantes ou não, na criação, recepção e interpretação textual. Outras categorias observadas são: a força do texto, que caracteriza-se pela ação social que realiza e os ‘atos de fala’ que desempenha, evidenciando os possíveis efeitos constitutivos de significados sobre os(as) possíveis leitores/as/ouvintes; a coerência, que relaciona-se com a interpretação do texto e ocorre quando as distintas partes de um texto o mantêm com sentido único/completo; a intertextualidade, que diz respeito à utilização de fragmentos de outros textos na constituição de um novo; e a interdiscursividade, que refere-se à identificação dos tipos de discursos articulados no texto e a maneira como são articulados

(FAIRCLOUGH, 2001; MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017; RESENDE; RAMALHO, 2006).

A terceira etapa da análise do discurso lida com as práticas sociais e tem interesse na interpretação dos fatos sociais, investigando aspectos ideológicos e hegemônicos em espaços de lutas pelo poder empregados nas práticas discursivas. Segundo Resende e Ramalho (2004), os aspectos observados no texto que podem conter material ideológico são os *sentidos* das palavras, as *pressuposições*, as *metáforas* e o *estilo*. Na categoria da hegemonia, por sua vez, o foco dá-se nas orientações das práticas sociais de caráter político, econômico, cultural, buscando observar como estas orientações presentes nos textos, criam, fomentam ou desestabilizam estruturas sociais estabelecidas pelo domínio de um grupo sob o outro.

De acordo com Meurer e Dellagnelo (2008, p. 39), o conceito de ideologia empregado na ACD implica no “sistema de conhecimento, pensamento, valores e crenças que as pessoas constroem ao longo de sua história por meio de suas interações sociais com o outro; e é esse sistema que nos faz ter uma determinada representação do *real*”. Por sua vez, o conceito de hegemonia apontado por Fairclough (2001) pressupõe a noção de poder e/ou de dominação econômica, política e ideológica de um grupo sobre outro. Esse local de hegemonia é instável e, para assegurar ou contestar o poder, os discursos constituídos são investidos de questões ideológicas, ou seja, de representação da ‘*realidade*’ (de um determinado grupo), de maneira que venha fornecer suporte ou contestar a estrutura dominante. Meurer e Dellagnelo (2008) afirmam, ainda, que, na sociedade moderna, é importante que a dominação ocorra por meio do consentimento e não da coerção.

Nesse sentido, vemos o uso da linguagem como um modo de atuar sobre o mundo e sobre outras pessoas, não sendo apenas uma forma de representar o mundo, mas de significá-lo, estabelecendo a relação dialética entre discurso e estrutura social, na qual o discurso é responsável por constituir as distintas dimensões da estrutura social que, por outro lado, o moldam e o restringem (FAIRCLOUGH, 2001).

A constatação da relação dialética entre discurso e estrutura social possibilita observar como o discurso é constituído socialmente e como opera de forma a constituir as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crenças. De acordo com Resende e Ramalho (2004), a característica constitutiva do discurso destacada na ACD é influenciada pela Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday (1985), que designa as três macro-funções da linguagem, denominadas de ‘ideacional, interpessoal e textual’.

Entretanto, Fairclough (2001 [1992]) argumenta em favor da subdivisão das macro-funções, a fim de enfatizar os efeitos constitutivos do discurso. Sendo assim, o autor propôs que

a função interpessoal de Halliday deveria dar conta de duas outras funções, sendo elas a função identitária e a função relacional. Para Fairclough (1992), ao alinhar a função identitária como aspecto menor da função interpessoal, Halliday desconsidera a importância da construção e categorização das identidades nas relações de poder, reprodução e mudança social, aspectos fundamentais para ACD. Assim, a divisão da função, justifica-se a partir da percepção da importância “do discurso na constituição, reprodução, contestação e reestruturação de identidades” (RESENDE, 2006, p. 1072).

Resende e Ramalho (2004), ao abordarem a distinção das funções designadas por Fairclough, explicam que, na função ideacional, o discurso opera na constituição de significados do mundo, desenvolvendo os sistemas de conhecimento e crença (ideologias); na função identitária, o discurso constitui autoidentidades e identidades coletivas; e na função relacional, o discurso operacionaliza as relações sociais; a função textual, tal qual proposta por Halliday, caracteriza-se pela maneira como as informações são distribuídas no texto, que permite observar as escolhas realizadas em termos de léxico, modelo e estrutura nas orações, que, por sua vez, alinham-se com as escolhas de representação (construção de significado) de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença.

Entretanto, para a concretização da multifuncionalidade do texto, devemos considerar a distinção entre o seu significado potencial e a interpretação. De acordo com Fairclough (2001), os textos são carregados de um potencial significado, uma vez que as práticas discursivas que o formam são embasadas a partir de convenções sociais. Sendo assim, o significado potencial é formado por um complexo de significados, de maneira que torna os textos ambivalentes e abertos a mais de uma interpretação. O autor acrescenta que “os intérpretes geralmente reduzem essa ambivalência potencial mediante opção por um sentido particular, ou um pequeno conjunto de sentidos alternativos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 103).

Assim, vemos que, na ACD, a centralidade no conceito de discurso se dá pelo seu poder constitutivo de significados na estrutura social, constituindo identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença, que, por sua vez, são investidos de aspectos ideológicos, promovem a manutenção ou a quebra de estruturas hegemônicas. Dessa maneira, o papel do pesquisador na ACD é investigar e expor como práticas discursivas e sociais estabelecem, mantêm e naturalizam relações de poder desiguais, a fim de dismantelar tais práticas, destacando a estreita relação entre linguagem e mudança social.

Nesse sentido, enfatizamos a transdisciplinaridade proposta na ACD para investigar em que medida os discursos produzidos nas canções da Bixarte criam, reforçam ou desafiam representações de identidade de gênero/sexualidade, raça e classe social, tomando, assim, as

letras de suas músicas como os eventos discursivos a serem analisados no quadro tridimensional (FAIRCLOUGH, 1992), a partir de suas dimensões textuais, das práticas discursivas e práticas sociais. Ressaltamos, ainda, que, para a análise textual, mobilizamos o Sistema de Transitividade, desenvolvido no âmbito da Linguística Sistêmico Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

2. Gramática Sistêmico-Funcional

Desenvolvida a partir da teoria sistêmico-funcional proposta por Michael Halliday, a Gramática Sistêmico-Funcional – GSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) é um aparato analítico-descritivo que leva em conta o contexto de produção de fala e o seu uso. Por ser um método de análise linguística que investiga a língua/linguagem em uma perspectiva funcionalista, essa gramática vem sendo utilizada por vários/as pesquisadores/as que têm se debruçado nos mais diversos textos, levando em consideração que os/as falantes, ao fazerem uso da linguagem, criam interações com outras pessoas e também impactam suas realidades imediatas.

Levando em conta pesquisas desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), programa em que desenvolvo esta pesquisa, foi possível encontrar algumas produções que se utilizaram do arcabouço teórico e metodológico da Gramática Sistêmico-Funcional, especificamente do Sistema de Transitividade, configurando um percurso de pesquisas orientadas seguindo esta base teórica.

Nesse contexto, os corpora analisados pelos/as pesquisadores/as do PROLING mostraram-se diversos e distintos. Enquanto Rodrigues (2010), por exemplo, analisou a representação feminina em letras de forró eletrônico, Silva (2011) realizou uma análise multimodal a fim de identificar as escolhas lexicais e visuais realizadas na revista em quadrinhos *The Amazing Spider-man* com o objetivo de mapear as estratégias publicitárias construídas com base nos super-heróis e apontar possíveis implicações dos anúncios na construção de uma sociedade do consumo. Em diálogo transdisciplinar, Lins Junior (2019), por meio do arcabouço teórico-metodológico da Análise Crítica do Discurso e do Sistema de Transitividade, se debruçou sobre os discursos produzidos por estudantes no final da graduação em Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú, a fim de investigar a formação docente dos professores de línguas. De maneira similar, Dias (2009) e Rocha (2009) investigaram as representações da prática docente de professoras de língua inglesa a partir da análise de suas escolhas léxico-gramaticais.

Na concepção da Gramática Sistêmico-Funcional, a linguagem é entendida como um fenômeno social, cujo processo de construção atravessa as dimensões da semiótica e do social (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Dessa forma, a linguagem serve para expressarmos conteúdo, para compartilharmos nossas experiências do mundo, sejam exteriores ou internas, e também para estabelecermos e mantermos relações sociais uns com os outros, desempenhando papéis sociais, como escritores/falantes e leitores/ouvintes.

É importante ressaltar que, nas interações linguísticas, sejam orais ou escritas, a materialização dos textos ocorre através do processo de escolha dentro das possibilidades léxico-gramaticais da língua utilizada. Estas escolhas são influenciadas a partir da dimensão social das interações linguísticas que ocorrem, sendo o contexto fator importante para essas escolhas.

Assim, considerar as informações acerca do contexto, mostra-se imprescindível para realizar qualquer análise em perspectiva sistêmico-funcional, tendo em vista, que os significados dos textos são constituídos a partir dos contextos de situação e de cultura em que os falantes/escritores, ouvintes/leitores estão inseridos. O contexto de situação refere-se ao momento de interação entre os participantes da atividade comunicativa, enquanto que, o contexto de cultura, que está em um nível mais amplo e é referente aos padrões sociais e de comportamento que “guiam” os falantes da língua. Apesar de ambos conceitos serem explicados de maneiras distintas, eles estão inter-relacionados, sendo o contexto de cultura o eventual criador dos demais contextos de situação que acontecem (BEZERRA, 2008; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Dessa forma, levando em conta a influência do(s) contexto(s) sobre os textos, assim como as possíveis motivações para o uso da linguagem, Halliday e Matthiessen (2014) chamam atenção para o seu caráter multifuncional, estabelecendo três ‘metafunções’, que, apesar de distintas, ocorrem de maneira simultânea, são elas: ideacional, interpessoal e textual.

Os autores explicam que a metafunção ideacional está relacionada ao modo em que a linguagem é utilizada para representar nossas experiências no mundo, sejam elas externas ou internas à nossa própria consciência; por sua vez, a metafunção interpessoal estabelece que a linguagem também é utilizada para criarmos e mantermos vínculos sociais, desempenhando papéis enquanto falante/escritor e ouvinte/leitor; por fim, a metafunção textual se refere à estruturação da mensagem nos diversos textos, com destaque para as noções de coesão e coerência textuais.

Nesta pesquisa manteremos o foco na metafunção ideacional, pois esta acontece linguisticamente através do Sistema de Transitividade e se refere a como representamos nossas experiências do mundo, servindo como meio para codificar significados.

4.2.1 O Sistema de Transitividade

Ao ver a linguagem em uma perspectiva sistêmico-funcional, entendemos que a construção do significado acontece principalmente por meio da oração. Na dimensão ideacional do significado, a oração é entendida como “representação”, na qual a língua é utilizada como meio para descrever experiências do mundo, eventos e/ou acontecimentos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014), a metafunção ideacional é estabelecida por meio de duas funções, que são a experiencial e a lógica. Fuzer e Cabral (2014) explicam que a função experiencial diz respeito a elaboração de um modelo de representação de mundo, sendo a oração sua unidade analítica. A função lógica, por sua vez, lida com as combinações lexicais e oracionais, sendo o complexo oracional sua unidade analítica. Nessa concepção, a oração é entendida como *representação*. Ao observarmos o conteúdo interno de uma oração, o sistema que será observado é conhecido como *transitividade* que compreende as inter-relações que são estabelecidas pelos processos, os participantes envolvidos e as possíveis circunstâncias.

Por meio do Sistema de Transitividade, podemos identificar em textos, em seus diversos tipos e gêneros, as ações e atividades humanas, assim como qual realidade está sendo retratada e de qual forma. É através da linguagem que expressamos nossas vivências em relação às outras pessoas, aos objetos, às qualidades, aos estados e às condições existentes no mundo exterior a nós, e também referentes a nossa consciência. A partir da identificação destas ações, nós podemos compreender qual tipo de processo está relacionado a determinada representação da experiência e, por conseguinte, os participantes envolvidos e as circunstâncias.

Assim como existem múltiplos tipos de ações e atividades no mundo, também existem múltiplas formas de representar estas ações em uma forma linguística. Estas representações carregam as suas próprias características e correspondem a um total de seis possibilidades de processos, que são: materiais, mentais, relacionais, verbais, comportamentais e existenciais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Dentre esses processos, podemos destacar quatro que são considerados principais, são eles: o Processo Material, que está ligado às experiências externas e concretas, como ações, eventos e acontecimentos; o Processo Mental, que representa as experiências internas, tais como

pensamentos, sensações e reflexões; o Processo Relacional, que é determinado por relações de identificação e caracterização; e o Processo Verbal, que representa atividade linguísticas e de fala dos participantes. Além destes, há o Processo Comportamental, que indica atividades fisiológicas, e o Processo Existencial, que indica a existência de um(a) participante no mundo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

No Sistema de Transitividade, cada oração constitui-se basicamente de três elementos: o processo, o(s) participante(s) e a(s) circunstância(s). Dentre os três elementos, o processo torna-se o principal, pois indica o núcleo da experiência. Estes processos ocorrem através de um verbo ou um grupo verbal enquanto os participantes são representados por grupos nominais, sendo as circunstâncias, por fim, representadas por grupos adverbiais.

Os Processos Materiais dão conta de eventos e acontecimentos com ação material, são os processos de ‘fazer-e-acontecer’, e ocorrem através de verbos como correr, levar, pular, empurrar. Verbos que modificam a realidade. Nas orações com Processos Materiais, nós encontramos dois participantes principais: o **Ator** e a **Meta**. Nestes processos, o **Ator** é o agente da ação, sendo a pessoa ou objeto que realiza a ação. Enquanto a **Meta** é o participante que é afetado pelo processo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Quadro 5 – Participantes dos Processos Materiais

Processos Materiais		
Participantes:	Definição/Função	Exemplo
Ator	Participante que realiza a ação.	Eu quebro a tua fala, o teu discurso sujo e a tua vitrine.
Meta	Participante que sofre o impacto da ação.	Eu quebro a tua fala, teu discurso sujo e a tua vitrine.

Fonte: produzido pelo autor.

Além de Ator e Meta, é possível encontrar outros participantes, como o **Beneficiário**, o **Escopo**, e o **Atributo**. O Beneficiário é o participante que é favorecido pela ação do processo. Esse participante é classificado como **Beneficiário Receptor** quando recebe bens materiais do Ator e **Beneficiário Cliente** quando recebe serviços realizados pelo Ator. O **Escopo**, por sua vez, é o participante que não é alterado pela ação do processo. Enquanto que, o **Atributo** configura uma característica designada a um dos participantes (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Quadro 6 - Participantes dos Processos Materiais

Processos Materiais		
Participantes:	Definição/Função	Exemplo
Beneficiário Receptor	Participante que recebe bens materiais do Ator	Eu te apresento Paraíba Gordo Week.
Beneficiário Cliente	Participante que recebe serviços prestados pelo Ator	[esse estado de demência] que pra facista bate até <i>continência</i> .
Escopo	Participante que não é afetado pela ação do processo.	[preto] mostre a tua força pique Zumbi dos Palmares
Atributo	Característica direcionada à algum dos participantes	Eles só <i>andam</i> armados .

Fonte: produzido pelo autor.

Os Processos Mentais, por sua vez, são verbos que utilizamos para representar linguisticamente nossas experiências do mundo a partir da consciência, sendo realizados através de eventos psicológicos, tais como a cognição, afeição, expressão de desejos e percepção. Nos processos mentais, nós temos dois tipos de participantes: O **Experenciador** e o **Fenômeno**. O **Experenciador** é o indivíduo que dentro da oração realiza o ato de sentir, pensar, desejar etc. Já aquilo que é sentido, pensado, desejado, é o que chamamos de **Fenômeno**. Vale ressaltar que os processos mentais são divididos em quatro tipos: perceptivos, cognitivos, emotivos e desiderativos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Além disso, as orações mentais também podem projetar outras orações, nesses casos, o Fenômeno não ocorre por meio de uma pessoa ou objeto, mas pela realização de uma ação ou por um por fato (FUZER; CABRAL, 2014).

Quadro 7 - Participantes dos Processos Mentais

Processos Mentais		
Participantes:	Definição	Exemplo
Experenciador	O indivíduo que dentro da oração realiza o ato de sentir, pensar, desejar etc.	Eles querem nos matar.
Fenômeno	Participante que é sentido, pensado, desejado, conhecido ou percebido.	Eles <i>querem</i> nos matar .
Oração Projetada	Ação ou fato que ocorre na posição de Fenômeno em orações mentais.	“Eles <i>pensam</i> que lá vão me silenciar ”.

Fonte: produzido pelo autor.

Os processos que apresentam a noção de ser ou de estar e/ou estabelecem a relação entre dois participantes, dando-lhes qualidade e/ou identidade, são chamados de Processos

Relacionais. Uma característica deste tipo de processo é que há uma relação entre dois participantes, que podem ser: (a) o **Portador** e o **Atributo**; (b) O **Identificador** e o **Identificado**; ou (c) o **Possuidor** e o **Possuído** (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Existem três tipos de orações relacionais, são elas: intensivas, que se realizam através dos verbos ser, estar, parecer, permanecer e ficar; as circunstanciais, que são aquelas que denotam a relação entre dois participantes de tempo, lugar, modo, papel, assunto e ângulo; e, por fim, as orações relacionais possessivas, que indicam uma relação de posse entre os participantes.

Além disso, é chamada de oração relacional atributiva aquela que expressa atribuição de características de uma classe a um participante. Este tipo de oração possui dois participantes: o **Portador** e o **Atributo**, sendo o **Portador** a entidade que recebe a característica, e o **Atributo** a característica dada ao **Portador**. Entretanto, quando há uma oração em que uma entidade identifica outra, chamamos de oração relacional identificativa. Os participantes destes processos são: o **Identificador**, que é a entidade a qual realiza o ato de identificar, e o **Identificado**, que é a entidade que recebe a identificação. Por sua vez, as orações relacionais possessivas indicam uma relação de posse entre as entidades envolvidas na oração. Os participantes dessas orações são o **Possuidor** e o **Possuído** (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Quadro 8 - Participantes dos Processos Relacionais Atributivos

Processos Relacionais Atributivas		
Participantes:	Definição/Função	Exemplo
Portador	Participante que recebe a característica.	mas [eles] <i>estão</i> errados.
Atributo	Característica atribuída ao Portador.	mas [eles] <i>estão</i> errados .

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 9 - Participantes dos Processos Relacionais Identificativos

Processos Relacionais Identificativas		
Participantes:	Definição/Função	Exemplo
Identificado	Entidade que recebe identificação.	Resistência <i>é</i> lutar contra esse estado de demência.
Identificador	Participante que realiza ação de identificar.	Resistência <i>é</i> lutar contra esse estado de demência .

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 10 - Participantes dos Processos Relacionais Possessivos

Processos Relacionais Possessivas		
Participantes:	Definição/Função	Exemplo

Possuidor	Participante que possui (ou não), seja um objeto, um animal, uma ideia etc.	Em terra de povo preto racista não <i>tem</i> poder.
Possuído	Entidade possuída.	Em terra de povo preto racista não <i>tem</i> poder .

Fonte: produzido pelo autor.

Halliday e Matthiessen (2014) explicam que as orações nas quais ocorrem processos de *dizer*, estes são realizados por Processos Verbais, também considerados processos de *simbolizar*. Os processos verbais podem ser: de atividade e de semiose. Nas orações com processos verbais, é possível encontrar os participantes: Dizente, Verbiagem, Receptor e Alvo. O participante que fala na oração, ou seja, aquela que diz/disse, é considerado o **Dizente**; chamamos de **Verbiagem** aquilo que *é/foi* dito; aquele que teve a mensagem direcionada, que recebe/recebeu a mensagem, é chamado de **Receptor**; por último, o **Alvo**, que é aquele atingido pelo processo de dizer.

Quadro 11 - Participantes dos Processos Verbais

Processos Verbais		
Participantes:	Definição/Função	Exemplo
Dizente	Participante que realiza a ação de falar/dizer algo	[vocês] <i>dizendo</i> com que cor e roupa [eu] devo andar.
Verbiagem	Conteúdo dito	[vocês] <i>dizendo</i> com que cor e roupa [eu] devo andar
Receptor	Participante que recebeu a mensagem	[você] só fala comigo , quando tá sozinho na rua.
Alvo	Participante atingido pelo processo de dizer	[vocês] <i>dizendo</i> com que cor e roupa [eu] devo andar

Fonte: produzido pelo autor.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014) os Processos Comportamentais são aqueles que manifestam comportamentos fisiológicos e psicológicos, comportamentos estes, tipicamente atribuídos a seres humanos. O participante que podemos encontrar nos processos comportamentais é o indivíduo que manifesta o comportamento, chamado de **Comportante**.

Quadro 12 - Participante dos Processos Comportamentais

Processos Comportamentais		
Participantes:	Definição/Função	Exemplo
Comportante	Participante tipicamente consciente e que manifesta algum comportamento	Me deram o mic e eu vou <i>gritar</i> .

Fonte: produzido pelo autor.

Por fim, as orações Existenciais que expressam algo que existe ou acontece e ocorre, principalmente, por meio do verbo ‘haver’. O participante de processos existenciais é chamado de **Existente**, que pode representar uma pessoa, objeto, instituição, um evento ou mesmo uma abstração (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Quadro 13 - Participante dos Processos Existenciais

Processos Existenciais		
Participantes:	Definição/Função	Exemplo
Existente	Pessoa, objeto, instituição, evento ou abstração que existe ou acontece	Dentro da cadeia, os pretinhos que <i>tiver</i> , eu vou empoderar.

Fonte: produzido pelo autor.

Portanto, considero a Gramática Sistêmico-Funcional como meio para discutir a linguagem na dimensão semiótica, que ressalta que uma língua é constituída por uma estrutura de sistemas de signos, utilizada para construir significados e interagir linguisticamente, materializando-se em forma de textos orais, escritos ou multimodais, através das escolhas léxico-gramaticais. E na dimensão social, por entender que as interações linguísticas devem ser investigadas a partir dos contextos sociais em que são criadas.

Por meio dos Processos Materiais, Mentais, Relacionais, Verbais, Comportamentais e Existenciais, relacionados à metafunção ideacional, temos a possibilidade de observar e refletir como a língua constrói representações da realidade através de figuras de transformação do mundo, de como esse mundo externo ou interno é percebido e sentido, de atribuição de características e identidades, além de expressão de comportamentos típicos, de fala e de existência. Dessa forma, este aparato de análise permite olhar para as letras das canções da Bixarte não apenas como um trabalho de investigação linguística, mas também como um relato constitutivo de suas práticas e experiências vivenciadas no dia a dia.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Considerando as dimensões teóricas e metodológicas propostas no modelo tridimensional de Fairclough (1992, 2001, 2003) e pelo Sistema de Transitividade desenvolvido por Halliday e Matthiessen (2014), início o capítulo de análise, retornando ao objetivo geral da pesquisa, que propõe investigar em que medida os discursos produzidos por Bixarte, em suas letras de rap, criam, reforçam ou desafiam representações normativas de identidade de gênero e sexualidade, raça e classe social, observando: 1) quais escolhas de transitividade são utilizadas pela artista para representar estes marcadores sociais da diferença; 2) quais práticas discursivas e práticas sociais são reveladas em seu discurso; e 3) como os marcadores sociais da diferença se relacionam de maneira interseccional em suas canções.

Dessa forma, destaco algumas informações acerca da artista, do público (provavelmente) intencionado, assim como das mídias utilizadas para divulgação e circulação de suas músicas. Essas informações, consideradas para análise da categoria das práticas discursivas, são essenciais para evidenciar o posicionamento da artista, suas prováveis marcas ideológicas com seus discursos e os possíveis significados construídos a partir disso. Ressalto que a Análise Crítica do Discurso requer o diálogo com teorias dos fatos sociais a fim de identificar e desconstruir práticas discursivas e sociais que corroboram com a manutenção de estruturas opressoras, criadas e sustentadas a partir de violências e violações (RESENDE; RAMALHO, 2006).

Nesse sentido, retomo algumas descrições apresentadas na seção dedicada à artista. Bianca Manicongo, conhecida como Bixarte, é uma jovem travesti negra, que nasceu em uma periferia da cidade de Santa Rita no estado da Paraíba. Bixarte desenvolve trabalhos como poetisa, escritora, rapper, cantora e atriz. A artista ficou famosa por suas composições e performances potentes, capazes de despertar sentimentos e criticidade com suas leituras e descrições do social, abordando questões raciais, de classe social, do corpo gordo e notadamente de gênero e sexualidade.

Na internet, Bixarte vem ganhando grande visibilidade a partir de suas composições, que, dentre outras temáticas, ressaltam a dor, mas, sobretudo, a força que há em ser uma travesti, negra e periférica. Em sua rede social no Instagram, a artista conta com mais de 215 mil seguidores, sendo esta uma das principais plataformas digitais de compartilhamento de seus trabalhos, além de ser um canal de amplo contato com seu público. Porém, são nas plataformas de *streaming* como o YouTube e Spotify que Bixarte divulga suas composições de poesias, canções e produções audiovisuais. Nessas plataformas, podemos encontrar o EP *Revolução*,

assim como a Mixtape Faces. Enquanto, no YouTube, a artista alcançou a marca de 13,4 mil inscritos, no Spotify, Bixarte está próxima da marca de 29 mil ouvintes mensais.

Assim, é notório que os discursos produzidos pela artista têm grande circulação nas plataformas digitais, alcançando distintos públicos. Por realizar trabalhos que narram vivências, incluindo traumas, dores, amores, vitórias e cenários que retratam como as desigualdades sociais foram criadas historicamente e são refletidas nas experiências de vida de pessoas não-normativas, acredito que seu público é formado, talvez prioritariamente, por subjetividades e corpos que, assim como o seu, compartilham experiências identitárias marcadas por questões de gênero e sexualidade dissidentes, de raça e classe social vulnerável.

Dito isto, sigo para as análises das canções. Iniciarei, com a canção Revolução do EP Revolução. As análises dão conta da descrição das escolhas léxico-gramaticais realizadas pela artista, destacando os termos e temáticas abordadas na canção, ressaltando possíveis grupos sociais, assim como as práticas discursivas e sociais envolvidas nesse contexto. A análise de transitividade é acompanhada dos comentários que destacam as categorias analisadas nas práticas discursivas e das práticas sociais no modelo tridimensional, a considerar a intertextualidade, as relações de poder e hegemonias.

1. Canção Revolução

Em uma leitura prévia da canção “Revolução”, foi possível observar que Bixarte se posiciona em apoio a grupos sociais e sujeitos que tem suas identidades atravessadas, de forma interseccional, por questões de gênero e sexualidade, raça e classe social, e em oposição a grupos declaradamente racistas, LGBTQIAP+fóbicos e classistas, que são responsáveis pelas formas de violência citadas na canção e que se apresentam como estruturas hegemônicas em nossa sociedade. Nesse sentido, vale ressaltar que o conceito de hegemonia é apontado como “o domínio exercido pelo poder de um grupo sobre os demais” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 43).

Além disso, destaco marcas linguísticas como “eu”, “me” que podem serem lidos em justaposição social às experiências da Bianca/Bixarte tematizadas em suas letras, dificultando a separação entre os significados experienciais produzidos em sua existência/identidade e aqueles criados por meio de sua arte. Dessa forma, ao tematizar aspectos da sua vida, Bixarte se aproxima de outros sujeitos que também sofrem com discriminação de raça, de gênero e sexualidade e de classe social.

Na canção “Revolução”, os termos “pretinhos”, “povo preto”, “bicha”, “gay”, “bruxas”, “senzala” e “gueto” remetem a participantes e locais que denotam ou se associam aos marcadores sociais de gênero e sexualidade, raça e classe social, evidenciando a constituição interseccional das identidades. Por outro lado, por meio do marcador linguístico “Eles”, implícita e explicitamente, associado aos processos “prender”, “silenciar”, “matar”, a artista indica os grupos sociais e instituições que são os participantes ativos nas ações violentas que afetam os corpos de pessoas negras, LGBTQIAP+ e periféricas, notadamente citados como as forças de segurança pública, o sistema carcerário e a Polícia Militar, instituição pública atrelada ao Estado. Na contramão dessas violências históricas, “Revolução” trata do empoderamento destes corpos marginalizados por meio de um discurso que prega a ascensão da consciência histórica, política, cultural e social, combatendo, por meio da informação, o racismo estrutural, a LGBTQIAP+fobia e as violências de classe.

Na análise de transitividade dessa canção, pude observar maior recorrência dos Processos Materiais, seguidos dos Processos Mentais e Processos Relacionais, como apontado no quadro abaixo. Isto indica uma grande mobilização de recursos linguísticos que denotam ações na esfera física, seguido da esfera mental e de recursos que relacionam dois ou mais objetos, pessoas etc. Dessa forma, podemos acompanhar quais tipos de ações são representadas e seus significados experienciais.

Quadro 14 – Processos Canção Revolução

Canção Revolução	
Proc. Material	20
Proc. Relacional	10
Proc. Mental	14
Proc. Existencial	1
Proc. Verbal	0
Proc. Comportamental	0

Fonte: Produzido pelo autor

Outro aspecto observado foi a repetição de Processos Materiais na composição de Processos Mentais. Fuzer e Cabral (2014) afirmam que as orações mentais podem projetar outras orações, nas quais o Fenômeno, muitas vezes, não é representado por uma pessoa ou coisa. Nestes casos, foi observado que tanto por meio do Fenômeno, como da Oração Projetada, as orações mentais podem refletir outros tipos de ações, além de que um mesmo participante pode aparecer como agente de dois processos diferentes, como nos exemplos abaixo:

Quadro 15 - Canção Revolução

Eles	querem	me	prender
Experienciador	Proc. Mental	Fenômeno	
Ator		Meta	Proc. Material

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 16 - Canção Revolução

porque	[eles]	pensam	que lá vão me silenciar
	Experienciador	Proc. Mental	Oração Projetada

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 16.1 - Canção Revolução

que	lá	[eles]	vão	me	silenciar
	Circ.: Lugar	Ator	Processo...	Meta	...Material

Fonte: produzido pelo autor.

Como podemos observar na análise da oração do Quadro 15, o participante “Eles” aparece como Experienciador do Processo Mental “querer” e como Ator no Processo Material “prender”, devido ao fato de que o Fenômeno na oração mental expressa uma ação física, não sendo possível analisá-lo separadamente, como é o caso observado na oração do Quadro 16. Neste caso, o Processo Mental reflete uma Oração Projetada, que deve ser analisada separadamente, como apresentado no Quadro 16.1.

Dito isso, vejamos agora a discussão dos dados em seu nível textual, por meio da análise de transitividade e suas dimensões das práticas discursivas e sociais. Enfatizo que não me debruçarei sobre todos os processos analisados no Sistema de Transitividade, recorrendo aos que considero mais importantes para a discussão aqui proposta, sendo possível acessar os dados completos no Anexo I.

5.1.1 Processos Materiais

Por serem os mais recorrentes na canção e representarem ações físicas que refletem práticas sociais, em sua grande maioria, de cunho violento, início o debate com os Processos Materiais, que, segundo Fuzer e Cabral (2014), são as orações de “fazer e acontecer”, sendo seus principais participantes o Ator, aquele/a que realiza a ação, e a Meta, o/a participante afetado/a pela ação.

Nas orações materiais, foi possível identificar os seguintes agentes na posição de Ator: “eles”, “[eles]”, “polícia militar”, “[vocês]”, “a gente”, “tu”, “eu”, “[eu]”, “[a gente]”, “bichas e bruxas”, “[nós]”, “[a senzala]”. Por outro lado, foram encontrados os seguintes agentes enquanto Meta: “me”, “nos”, “gay”, “a nossa magia”, “os pretinhos”, “o presidente”, “a porra

do Brasil”, “a casa grande”. Vale salientar que os sujeitos que estão entre colchetes apresentam-se ocultos nas orações, sendo necessário destacá-los dessa forma.

Apresento abaixo, os processos materiais em que os agentes realizadores das ações foram: “eles”, “[eles]”, “polícia militar”, “[vocês]”; e as que sofreram as ações foram: “me”, “nos”, “gay”, “a nossa magia”. Como explicado anteriormente, há recorrência de Processos Materiais que surgem na posição de Fenômeno; apesar disso, decidi considerar a análise de tais processos, pelo teor violento de suas práticas. Dessa forma, nesse momento de análise, mantenho o foco nos Processos Materiais, ocultando a análise das figuras mentais e seus participantes.

Quadro 17 - Canção Revolução

Eles	querem	me	prender
Ator		Meta	Proc. Material

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 18 - Canção Revolução

que	lá	[eles]	vão	me	silenciar
	Circ.: Lugar	Ator	Processo...	Meta	...Material

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 19 - Canção Revolução

eles	querem	nos	matar
Ator		Meta	Proc. Material

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 20 - Canção Revolução

todo dia	sem mentira	morre	gay	em armadilha	por polícia militar
Circ. Tempo	Circ.: Acompanhamento Negativo	Proc. Material	Meta	Circ. Lugar	Ator

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 21 - Canção Revolução

que	[eles]	não cansam	de nos	matar
	Ator	Proc. Material/ comportamental	Meta	Proc. Material

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 22 - Canção Revolução

eles	querem	nos	calar
Ator		Meta	Proc. Material

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 23 - Canção Revolução

e	[eles]	só	andam	armados
	Ator	Circ. Grau	Proc. Material	Atributo descritivo

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 24 - Canção Revolução

e	só	[eles]	trabalha	com fuzil
	Circ. Grau	Ator	Proc. Material	Circ.: Modo

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 25 - Canção Revolução

[você]	pode (até) tentar controlar	a nossa magia
Ator	Proc. Material	Meta

Fonte: produzido pelo autor.

Na análise das ações empreendidas nesses processos, temos: prender; silenciar; matar; controlar (a magia); andar (armado); e trabalhar (com fuzil). Como dito anteriormente, grande parte dessas ações indicam práticas sociais de cunho violento, incluindo silenciamento e assassinato, ainda que realizadas no âmbito mental, como no caso dos processos que aparecem como Fenômeno.

Considerando os participantes “eles”, “[eles]”, “polícia militar”, que realizam as ações de violência direta de “prender”, “silenciar/calar”, “matar” e ainda ações como “andar (armado)”, “trabalhar (com fuzil)” em oposição aos sujeitos que aparecem como Meta “me”, “nos”, “gay”, vemos marcado textualmente a representação de práticas sociais violentas realizadas pelo poder institucionalizado, a destacar a polícia militar, instituição de segurança pública citada de forma direta, que também pode ser associada às ações de prender, andar (armados) e trabalhar (com fuzil), citadas na letra da música, contra grupos sociais, notadamente marcados por questões de classe e raça, gênero e sexualidade dissidentes, que são representados como vítimas dessas ações violentas.

Como destacado no início deste capítulo, estes/as participantes afetados/as se alinham a identidades e grupos sociais os quais Bixarte busca defender, ao passo que também podem ser lidos em justa posição a sua própria identidade, tendo em vista que muitos aspectos se relacionam com o que ela representa socialmente. Nesse sentido, estas práticas discursivas realizam a função de denunciar múltiplas práticas sociais violentas que são sustentadas por discursos constituídos e performados no âmbito de instituições públicas aparelhadas ao poder do Estado, que tende a criminalizar corpos negros e de pessoas LGBTQIAP+, assim como os espaços em que estas pessoas vivem.

Almeida (2019) explica que a concepção de racismo institucional está atrelada à forma de funcionamento das instituições que atuam de modo a conceber privilégios e desvantagens aos sujeitos com base na raça, mesmo que de maneira indireta. De acordo com o autor, as instituições surgem dos conflitos e das lutas pelo poder social e operam para estabelecer normas e padrões que orientam as práticas dos demais indivíduos da sociedade. Assim, as instituições,

que são hegemônicas por determinados grupos raciais, “moldam o comportamento humano, tanto do ponto de vista das decisões e do cálculo racional, como dos sentimentos e preferências” (p. 39), sendo utilizadas em benefício político, econômico e social desses grupos dominantes.

Assim, considero que o poder exercido pelo Estado é entendido como força hegemônica constituída pelo colonialismo do poder/saber eurocêntrico, que atua como força opressora indo contra aqueles que representam oposição “ao padrão europeu de homem heterossexual/branco/patriarcal/cristão/capitalista” (SOARES; ALEIXO; ROBERTO, 2022, p. 193), ou seja, os corpos não normativos, caracterizando-se como uma estrutura de caráter racista, LGBTQIAP+fóbico e classista.

Nas representações experienciais, foram observados termos que se associam diretamente com a violência policial e o sistema prisional brasileiro. Na oração do Quadro 17, a ação material de ‘prender’, ainda que representada no âmbito mental, indica a materialização de uma ação, que, em nossa sociedade, é, corriqueiramente, realizada pelas instituições de segurança pública como as polícias civis, militar e federal, que têm liberdade/aval constitucional e/ou jurídico para, dentro dos parâmetros de suas profissões, realizar tal ação, mas que, por diversas vezes, são acusadas de atuar sob um viés racista, LGBTQIAP+fóbico e classista. Fabio França (2021) afirma que são recorrentes os casos de violência da polícia militar, em que as vítimas são negras e moradoras de periferias urbanas, apontados, pelo autor, como reflexo do processo histórico de abandono do Estado.

Destaco, aqui, apenas alguns dos casos que ganharam repercussão na mídia, e que se enquadram como exemplos da atuação violenta das forças policiais. Início com fatos recentes ocorridos no Espírito Santo sobre a morte de dois jovens, negros e periféricos com tiros a queima roupa quando já estavam rendidos. A matéria do G1³⁰ conta que o jovem Jhon Mayque da Silva Mariano, de 25 anos, foi morto por um policial civil mesmo estando rendido e desarmado. Igualmente rendido e desarmado, o adolescente Carlos Eduardo Rebouças Barros³¹, de 17 anos, teve sua execução filmada por câmeras de segurança que flagraram um policial militar disparando, ao menos, duas vezes contra seu peito. Além desses casos, outro que ganhou

³⁰ Jovem é morto pela polícia civil no ES e família diz que houve excesso em ação. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2023/03/02/jovem-e-morto-pela-polícia-civil-no-es-corregedoria-investiga.ghtml>. Acesso em: 14 mar. 2023.

³¹ PM mata adolescente rendido: agendes podem responder por crime militar caso tenham alterado a cena do crime e o boletim de ocorrência. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2023/03/02/pm-mata-adolescente-rendido-agentes-podem-responder-por-crime-militar-caso-tenham-alterado-a-cena-do-crime-e-o-boletim-de-ocorrencia.ghtml>. Acesso em: 14 mar. 2023.

visibilidade na mídia foi o de Genivaldo de Jesus Santos³², que tinha 38 anos e foi torturado e morto durante abordagem da polícia rodoviária federal em Sergipe. Genivaldo era aposentado e fazia uso de remédios controlados em virtude de um quadro de esquizofrenia. Mesmo após saberem dessas informações, os policiais rodoviários federais amarraram e prenderam Genivaldo no interior de sua viatura, onde o torturaram com uso de gás de pimenta e lacrimogênio, que resultou em sua morte.

Casos como os citados acima estão longe de serem fatos isolados no contexto brasileiro e caracterizam as instituições das polícias como produtoras de violências baseadas, principalmente, em questões de raça e classe (FRANÇA, 2021), assim como de gênero. Nestes casos, pode-se afirmar que a polícia agiu mediante as condições identitárias das vítimas, incluindo suas características raciais e, principalmente, o local onde viviam, tendo em vista que as ações ocorreram em seus próprios bairros, sendo esta uma característica relacionada ao marcador da classe social. As ações violentas da polícia se resumem aos espaços das periferias que são alvo constante das ‘operações’ policiais, que, por vezes, acabam vitimando moradores desses locais. Tais ações violentas não são observadas em espaços ocupados por pessoas ricas, o que corrobora para a afirmação de um viés de discriminação classista.

Dando continuidade às análises, na oração do Quadro 18 (que lá *[eles]* vão *me silenciar*), o termo referenciado como Circunstância de Lugar “lá” nos remete diretamente aos presídios brasileiros, local de grande encarceramento da população negra do país, como veremos a seguir. Destaco que o debate acerca da segurança pública, o uso das forças policiais e as condições do sistema carcerário está diretamente relacionado a aspectos políticos sobre o controle do Estado. Monteiro e Cardoso (2013) afirmam que, no sistema prisional brasileiro, há um encarceramento massivo direcionado a um perfil específico da população, que gera violações de direitos humanos e, por conseguinte, a segregação dos sentenciados.

De acordo com o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias de junho de 2017, realizado por meio do Departamento Penitenciário Nacional, ligado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, o Brasil tem a terceira maior população carcerária do mundo, com ao menos 726 mil pessoas privadas de liberdade, dos quais 89% estão em unidades superlotadas. Com relação à raça destas pessoas, os dados indicam um total de 63,6% de pessoas autodeclaradas pretas e pardas, e 35,4% de pessoas brancas (BRASIL, 2019).

³² Morte de Genivaldo dos Santos em abordagem da PRF. Disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/05/26/homem-morto-em-abordagem-da-prf-em-sergipe-o-que-se-sabe-e-o-que-falta-esclarecer.ghtml>. Acesso em: 14 mar. 2023.

Com relação à presença da população negra e LGBTQIAP+ nessas unidades prisionais, as informações geradas pelo documento *LGBT nas prisões do Brasil: diagnóstico dos procedimentos institucionais e experiências de encarceramento*, de 2020, revelam que a população negra e autodeclarados/as LGBTQIAP+ nas prisões masculinas chegam à marca de 51,3%, enquanto que, nas prisões femininas, esse número chega a 69,5% (BRASIL, 2020).

Se considerarmos os dados da população prisional de pessoas negras de maneira geral, e os casos em que foi levado em consideração o marcador de gênero/sexualidade, observaremos que, em ambos os casos, os corpos de pessoas negras e pessoas negras LGBTQIAP+ equivalem a mais da metade da população encarcerada. Estes dados não são apenas uma mera coincidência, mas, sim, resultados de práticas discursivas e sociais desenvolvidas no âmbito do colonialismo, que naturalizaram a exclusão e a perseguição destes corpos ao longo da formação histórica racial do país (NASCIMENTO, 2016), assim como de pessoas de gêneros e sexualidades dissidentes. Estas violências tornam-se piores para os corpos que têm suas identidades atravessadas por essas marcas de maneira interseccional e que vivem em espaços periféricos pelo nosso país, o que corrobora com a afirmação de que há um perfil específico ocupando predominantemente estes espaços prisionais (MONTEIRO; CARDOSO, 2013).

Sem acesso à educação, à formação de qualidade e às oportunidades de emprego, jovens negros/as, periféricos/as, LGBTQIAP+ recorrem ao crime como maneira de sustento da vida social. Nesse cenário, e como exemplo, aponto os dados do Diagnóstico que indicam que “no tocante aos dados sobre os tipos criminais das internas travestis e mulheres transexuais, roubo, furto e tráfico somam aproximadamente 88,5% das acusações/condenações” (BRASIL, 2020, p. 28).

Assim, das práticas discursivas realizadas por Bixarte, temos a representação das práticas sociais destes grupos hegemônicos, construídos historicamente sob o pensamento colonizador-capitalista, que enaltece a branquitude e as normas do padrão cisheteropatriarcal, que apresentam como efeitos a perseguição, a exploração, a violência e os assassinatos de pessoas negras, LGBTQIAP+ e que vivem em classes sociais vulneráveis.

Seguindo com a discussão das análises das escolhas de transitividade, nas orações dos Quadros 19 (*eles* querem *nos* **matar**) e 22 (*eles* querem *me* **calar**) foram observados mais dois casos em que os Processos Materiais são Fenômeno das orações mentais e que os participantes na posição de Ator ocorrem, mais uma vez, por meio do pronome “Eles”; porém, diferente da oração do Quadro 17, vemos uma ampliação de possíveis agentes na materialização dos desejos de ‘matar’ e ‘calar’ estes corpos.

Considerando as distintas motivações que estes grupos argumentam ter, notadamente as questões de gênero e sexualidade se destacam, pois, de acordo com Gomes de Oliveira (2018), o silenciamento de pessoas LGBTQIAP+ torna-se uma estratégia para que o projeto de sexualidade (e gênero) formado nos moldes hegemônicos seja definitivo e nunca questionado. Vemos que esse silenciamento também ocorre na medida em que o Estado decide promover uma perseguição contra pessoas negras e periféricas, como podemos observar em França (2021).

Por sua vez, apesar de essas ações serem representadas no nível mental, do desejo de seus Experienciadores, os dados sobre os crimes violentos praticados contra pessoas LGBTQIAP+ nos mostram que essas violências são materializadas em prática sociais que, apesar de não se especificarem quem os cometem, foi observado que os casos de assassinatos tanto podem ser praticados por sujeitos em suas motivações individuais, como por instituições como as polícias, que atuam sob a égide do Estado, que, por sua vez, detém o domínio das instituições e de seu aparelhamento ideológico (FAIRCLOUGH, 2001).

De acordo com os dados do *Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras*, somente no ano de 2021, houve cerca 140 (cento e quarenta) assassinatos de pessoas trans, dos quais 135 (cento e trinta e cinco) foram de travestis e mulheres trans e 05 (cinco) de homens trans e pessoas transmasculinas. Considerando os dados disponíveis em suas fontes, o Dossiê aponta para um alto índice de assassinatos de pessoas entre 18 e 29 anos, chegando a somar 53% do total de vítimas. Além disso, nos casos em que foi possível identificar a identidade racial das vítimas, os números apontam que 81% das vítimas eram negras, i.e. pretas e pardas (BENEVIDES, 2022).

Benevides e Nogueira (2021) chamam atenção para a dificuldade em discutir sobre os dados de violência contra pessoas LGBTQIAP+ em nosso país, principalmente por serem uma população que sofre com diversas formas de violência de maneira direta e/ou indireta, institucionais e estruturais, que seguem sendo naturalizadas e enraizadas em nossa cultura. Os dados sobre os casos de assassinatos de pessoas LGBTQIAP+, por vezes, se perdem nos próprios registros de ocorrência, em denúncias que não levam em conta o qualificador LGBTQIAP+fobia e nos laudos dos Institutos Médicos Legais (IMLs) que ignoram a identidade de gênero das vítimas se destoante do padrão sexual binário, tornando-se, dessa maneira, “evidente que são os estados, as polícias e órgãos de segurança os responsáveis pela falta de dados e manutenção da subnotificação dos dados de assassinatos de pessoas trans no Brasil” (BENEVIDES, 2022, p. 29).

Em uma relação de análise e comparação entre a situação social que corpos negros e corpos de pessoas de gênero e sexualidades dissidentes vivenciam em nossa sociedade, pode-se afirmar que o racismo, a LGBTQIAP+fobia e as violências de classe se apresentam de maneira estrutural, como assinalado por Almeida (2019). São, ademais, efeitos do colonialismo, caracterizando exemplos da operação da colonialidade do poder (QUIJANO, 2009), segundo a qual corpos negros de gays, lésbicas, travestis, mulheres e homens trans são mantidos atravessados por essa estrutura que os toca de maneira conjunta em uma espécie de racismo LGBTQIAP+fóbico (BONFIM; SANTOS, 2022), tornando-os ainda mais vulnerais quando vindos de classes sociais menos favorecidas.

Dessa maneira, o discurso da Bixarte encontra razão ao denunciar os desejos racistas e LGBTQIAP+fóbicos formados na base das estruturas de opressão que buscam findar com a vida e silenciar estes corpos, praticando uma política que reflete o descaso, o abandono, a exclusão, o silenciamento, o encarceramento, o apagamento e a morte por meio de uma “necropolítica”, termo cunhado pelo camaronês Achille Mbembe (2018), que, segundo Lima (2018), em contexto brasileiro,

se faz visível no sistema carcerário, na população em situação de rua, nos *apartheids* urbanos nas grandes e pequenas cidades brasileiras, em dados relevantes, no genocídio da população negra que em sua maioria é jovem e masculina, na eclosão dos grupos de justiceiros, nos hospitais psiquiátricos, nas filas das defensorias públicas, nas urgências e emergências hospitalares, entre tantos outros lugares. (p. 28)

Dando continuidade às análises das orações materiais, tomo agora os exemplos que tiveram como Ator os agentes: “eu”, “[eu]”, “[a gente]”, “bichas e bruxas”, “a gente”, “[nós]”, “[a senzala]”. Nessas orações, os participantes que apareceram enquanto Meta foram: “os pretinhos”, “o presidente”, “a porra do Brasil”, “a casa grande”. As ações empregadas pelos Atores foram: empoderar; derrubar; ir (sem medo); (se) juntar; que demonstram uma conotação diferente quando comparadas com as ações anteriores, em que estes corpos apareceram como Meta, vejamos:

Quadro 26 - Canção Revolução

porque	dentro da cadeia	os pretinhos	que tiver	Eu	vou empoderar
	Circ. Lugar	Existente/Meta	Proc. Existencial	Ator	Proc. Material

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 27 - Canção Revolução

[eu]	derrubo	até	o presidente
Ator	Proc. Material		Meta

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 28 - Canção Revolução

e	[a gente]	ta vindo	sem medo
	Ator	Proc. Material	Circ.: Acompanhamento Negativo

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 29 - Canção Revolução

por isso	bichas e bruxas	[nós]	vamos	logo	se	juntar
Circ. Causa	Vocativo	Ator	Proc...	Circ. Tempo	Meta	Material

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 30 - Canção Revolução

mas	se	a gente	se	juntar
		Ator		Proc. Material

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 141 - Canção Revolução

[nós]	derruba	a porra do Brasil
Ator	Proc. Material	Meta

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 32 - Canção Revolução

e	a casa grande	[a senzala]	já	derrubou
	Meta	Ator		Proc. Material

Fonte: produzido pelo autor.

No Quadro 26, temos a presença de dois processos sendo um Existencial (o único em toda canção) e o outro Material. Chamamos a atenção para o participante “pretinhos”, que exerce as funções de Existente e Meta. No Processo Existencial, os pretinhos, como são denominados pela Bixarte, são os mesmos 63,6% de pessoas negras (SOARES; ALEIXO; ROBERTO, 2022) que ocupam as celas dos presídios brasileiros, que, ao mesmo tempo, são Meta no Processo Material ‘vou empoderar’, realizado pelo Ator ‘eu’, lido aqui como a personificação da Bixarte.

Se tomarmos as orações anteriores para formar o contexto que antecede esse complexo oracional, teremos “eles querem me prender, porque pensam que lá vão me silenciar. Mas estão errados...”. Neste sentido, em seu discurso, Bixarte se põe contra a vontade daqueles que desejam vê-la presa e silenciada, afirmando que, nem dentro da prisão, iria descansar da luta pelo empoderamento do povo preto. Ao retornar ao tema dos presídios brasileiros, faz-se necessário apontar que “o sistema penal brasileiro é a expressão máxima dessa seletividade que os inimigos delinquentes são a população negra, jovem e periférica” (SOARES; ALEIXO; ROBERTO, 2022, p. 198). Ademais, dentro dos presídios, há pouco interesse do Estado em oferecer uma estrutura para uma possível ressocialização dos/as detentos/as. De acordo com Filho (2016), o processo de reinserção social das pessoas privadas de liberdade não se

desenvolve pela inoperância do Estado, que não dá as condições para que isso aconteça, garantindo, principalmente, o dever laboral aos/as detentos/as.

Por outro lado, o debate acerca do empoderamento surge entre a comunidade negra, movido pelos pensamentos das feministas negras. Joice Beth (2018), em seu livro *O que é empoderamento?*, buscou tratar desse conceito sob a perspectiva do feminismo negro, apontando-o como uma ferramenta capaz de prover o poder a grupos marginalizados por meio da articulação entre o conhecimento histórico, político, social e cultural, promovendo autoconhecimento e autovalorização acerca da sua cultura, da estética e da percepção das desvantagens que vivem enquanto povo em nossa sociedade.

Assim, como podemos observar, o empoderamento trata da (trans)formação do ser por meio da linguagem, agindo na desconstrução e desnaturalização de sentido uno de visão norte-euro-centrista, que coloca pessoas negras, indígenas, LGBTQIAP+, no fluxo da marginalidade, garantindo, assim, a retomada de um novo lugar social, formado pela história política, social e cultural de seu povo, sendo capaz de reconhecer situações de desvantagens sociais em que são tratados com indiferença e, dessa maneira, agir contra, no fluxo da subversão.

Nas orações dos Quadros 27 (*[eu] derrubo até o presidente*), 31 (*[nós] derruba a porra do Brasil*) e 32 (*a casa grande [a senzala] já derrubou*) pode-se considerar que as ações realizadas simbolizam a retomada de um lugar social, considerando a formação histórico-cultural mencionada anteriormente, que tem o conhecimento como fonte para a criticidade, a dignidade e a união do povo negro, periférico e LGBTQIAP+.

Nestas orações, temos os participantes “o presidente”, “a porra do Brasil” e “a casa grande” na posição de Meta. As ações realizadas indicam a derrubada destes símbolos de poder, seja da figura do presidente, que detém o poder máximo na esfera política em uma República federativa. Seja da ideia do Brasil enquanto país que se estruturou sob o sangue e suor dos/as negros/as e indígenas escravizados/as, mas que os renegam até os dias de hoje, ou da casa grande, que historicamente foi o local onde viveram os donos de engenhos no Brasil colônia, que também eram os senhores escravizadores, causando grandes atrocidades contra aqueles/as os/as quais eles mantinham escravizados/as (NASCIMENTO, 2016).

Dessa forma, vemos que o discurso produzido pela Bixarte indica a desmobilização do poder hegemônico racista e patriarcal construído via colonização das terras, dos corpos, das subjetividades e das mentes dos indígenas que aqui habitavam antes da chegada dos europeus e dos africanos que foram sequestrados e escravizados para a formação desse país (NASCIMENTO, 2016). Além disso, em seu discurso, Bixarte propõe a união entre os grupos sociais que se encontram no fronte da marginalidade. Por meio dos vocativos ‘bichas e bruxas’,

que sinalizam os grupos sociais, e por meio da Circunstância de Tempo ‘logo’, como podemos observar na oração do Quadro 29 (por isso bichas e bruxas [nós] **vamos** logo *se juntar*), Bixarte mostra a urgência da união entre grupos marginalizados e perseguidos na intenção de realizar a derrubada dessa hegemonia social e cultural branca, cissexista, machista e classista.

Assim, vemos que, nas orações materiais, as ações realizadas carregam diferentes significados a depender dos agentes envolvidos no processo. Quando os agentes foram “eles, [eles], polícia militar, [vocês]”, as ações empregadas denotaram violências como prender, silenciar e matar, direcionadas ao corpo de pessoas negras, LGBTQIAP+ e periféricas. Por outro lado, quando tivemos este último grupo na posição de Ator, as ações indicaram o empoderamento e a união de grupos marginalizados em função da desmobilização e derrubada de um sistema que é culturalmente patriarcal, racista e LGBTQIAP+fóbico.

5.1.2 Processos Mentais

Dando continuidade às análises, as próximas orações são realizadas por meio de Processos Mentais, que designam a representação da experiência interna, ou seja, de nossa consciência, podendo indicar afeição, cognição, percepção, desejo. O agente que pensa, sente, percebe, deseja é chamado de Experienciador, enquanto que o Fenômeno é o participante sentido, pensado, desejado etc. (FUZER; CABRAL, 2014).

Como destacado anteriormente, houve casos de Processos Mentais em que o Fenômeno era representado por outra ação ou projetava uma outra oração. Os casos mais recorrentes foram os Processos Materiais, mas também foram identificados casos de Processos Relacionais. A exemplo da análise dos Processos Materiais, manterei apenas as informações acerca das figuras mentais. Além disso, a fim de desenvolver a discussão que envolve os outros processos, apresentarei a relação das ações mentais às ações físicas e/ou relacionais. Vejamos alguns casos retirados da canção Revolução:

Quadro 33 - Canção Revolução

Eles	querem	me	prender
Experienciador	Proc. Mental Des.	Fenômeno	

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 34 - Canção Revolução

porque	[eles]	pensam	que lá vão me silenciar
	Experienciador	Proc. Mental Cog	Oração Projetada

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 35 - Canção Revolução

ei	[você]	presta	atenção
	Experienciador	Proc. Mental	Escopo

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 36 - Canção Revolução

eles	querem	nos	matar
Experienciador	Proc. Mental Des.	Fenômeno	

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 37 - Canção Revolução

porque	[eles]	sabem	que bixa é revolução
	Experienciador	Proc. Mental Cog.	Oração Projetada

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 38 - Canção Revolução

eles	querem	nos	calar
Experienciador	Proc. Mental Des.	Fenômeno	

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 39 - Canção Revolução

eu	sei	que eles são pesados
Experienciador	Proc. mental Cog.	Fenômeno

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 40 - Canção Revolução

[por]que	a senzala	aprendeu	a ler
	Experienciador	Proc. Mental cog.	Fenômeno

Fonte: produzido pelo autor.

As orações dos Quadros 33, 36 e 38 são orações mentais desiderativas, ou seja, orações que expressam uma vontade ou desejo de seus Experienciadores, sendo realizadas pelo verbo “querer”. Estas figuras mentais apresentam como Fenômeno ações que foram discutidas na análise anterior dos Processos Materiais, sendo as ações desejadas “prender”, “matar” e “calar”. Considerando o caráter violento dessas representações e os corpos vítimas desses desejos/ações, apresento estes dados em ambos os momentos para enfatizar que, antes de a violência física ser praticada, há o momento do pensamento, do desejo dessas pessoas e instituições que aparecem enquanto Experienciadores.

Nos Quadros 34, 37, 39 e 40, temos orações mentais cognitivas, nas quais os verbos “pensam”, “sabem”, “sei” e “aprenderam” indicam esforços cognitivos que “não remetem propriamente aos cinco sentidos, mas trazem o que é pensado à consciência da pessoa” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 57). Dentro essas orações, foi observado que o que é pensado, sabido e aprendido se relaciona com outras ações anteriores e posteriores. Dessa forma, considerarei os processos de outras naturezas em nossos comentários, a fim de facilitar o entendimento do contexto amplo, sem a necessidade de estarmos nos repetindo.

Na oração do Quadro 34, a ação de pensar realizada pelo Experienciador “[eles]” ocorre em decorrência do Processo Mental desiderativo querer, vejamos: “eles **querem** me prender, porque [eles] **pensam** que lá vão me silenciar”, estando ambos os processos conectados, caracterizando o desejo e a finalidade, atrelados à violência da prisão e do silenciamento, comentados anteriormente nos Processos Materiais.

De maneira similar, para a leitura da oração do Quadro 37, devemos considerar o processo anterior: “eles **querem** nos matar, porque [eles] **sabem** que bicha é revolução”, caracterizando mais uma vez a construção do Processo Mental cognitivo “saber” como razão para “querer” (Processo Mental desiderativo). O desejo de matar está alinhado a um motivo representado por uma oração relacional, a ciência de que as bichas são revolução. O Processo Relacional deste exemplo será analisado junto com as demais orações relacionais.

A figura mental do Quadro 40 representa, de maneira figurativa, a ascensão do povo negro por meio do acesso ao conhecimento. Segundo Nascimento (2016), a educação é um dos campos em que o povo negro luta diariamente contra o preconceito racial, em busca de um reparo histórico. Assim, vemos a concretização da ação material de “derrubar” “a casa grande”, como podemos observar na ação posterior na canção: “a senzala **aprendeu** a ler e a casa grande já derrubou”. O termo “senzala” remete às construções que serviam de moradia para os/as negros/as africanos/as que vieram escravizados/as trabalhar na formação do país. Por outro lado, “a casa grande” remete às grandes construções habitadas pelos brancos donos de engenhos que detinham os/as negros/as escravizados/as.

Observando esse contexto histórico do país, é notável que a Bixarte não trata diretamente dos/as negros/as que viveram nas senzalas, mas sim de seus descendentes, que, como nos mostram Oliveira *et al.* (2022), tiveram uma introdução lenta na educação, considerando o cenário pós-abolição, em que as escolas se recusavam a receber crianças negras. As autoras explicam que, apenas no fim do século XIX, parte do governo republicano ampliou a oferta escolar, buscando corpo profissional para o desenvolvimento industrial. Apesar de lentas, as conquistas e os avanços do direito à educação da população negra foram influenciados pelas lutas dos movimentos negros.

Gomes (2012) enfatiza a importância dos movimentos negros nos avanços na educação do negro, que, ainda nos anos de 1940, reivindicavam a inclusão do negro nas escolas públicas. A autora relata que, no processo de reabertura política e redemocratização do Brasil, os movimentos negros passaram a operar com ênfase na educação, quando alguns ativistas puderam realizar graduação e pós-graduação, tornando-se mestres(as) e doutores(as) em educação. Assim, a partir dos anos 2000, os movimentos negros intensificaram as

reivindicações e politização da raça, resultando, por exemplo, na política pública de cotas raciais, adotada em primeiro momento por algumas universidades estaduais e federais, sendo a Universidade Estadual da Bahia (UNEB) a primeira a adotar a política de ação afirmativa no ano de 2002, seguida da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) em 2003 e da Universidade de Brasília (UnB) em 2004, tornando-se a Lei 12.711, sancionada pela Presidenta Dilma Rousseff no ano de 2012 (MUNIZ, 2022).

Nesse sentido, podemos considerar que o discurso da Bixarte leva em conta a descendência das pessoas negras que se mantiveram na luta pela liberdade do povo negro, para além das amarras das senzalas, e também a exaltação do poder de uma educação libertadora e subversiva, que pretende informar em virtude de libertar o oprimido das correntes do opressor, mesmo que esses aprisionamentos ocorram de maneira simbólica e não mais nas próprias senzalas dos senhores de engenho.

5.1.3 Processos Relacionais

Por fim, destaco as orações relacionais que estabelecem uma relação entre duas entidades diferentes e são geralmente usadas na representação de características e identidades desses participantes, sendo comum em gêneros narrativos, auxiliando na criação e descrição de personagens e cenários. Essas orações podem ser de três tipos, a considerar as: intensivas, possessivas e circunstanciais. Todas podem se apresentar nos modos atributivos e identificativos (FUZER; CABRAL, 2014). Apresento as orações relacionais intensivas atributivas, a fim de observar seus participantes e os atributos designados.

Quadro 41 - Canção Revolução

Mas	[eles]	estão	errados
	Portador	Proc. Relacional Atrib	Atributo

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 42 - Canção Revolução

o	povo preto	ta [está]	presente	numa arma diferente
	Portador	Proc. Relacional Atrib	Atributo	Circ.: Lugar

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 43 - Canção Revolução

Mostra	que	nós	é	potente
Proc. Material		Portador	Proc. Relacional Atrib	Atributo

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 44 - Canção Revolução

é que	a gente	é	do gueto
Proc. Relacional	Portador	Proc. Relacional	Atributo Circunstancial (lugar)

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 45 - Canção Revolução

que	bicha	é	revolução
	Portador	Proc. Relacional	Atributo

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 46 - Canção Revolução

que	eles	são	pesados
	Portador	Proc. Relacional	Atributo

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 47 - Canção Revolução

mas	esse feitiço	é	pra	bater de frente com a homofobia
	Portador	Proc. Relacional Atributivo		Atributo Circunstancial (finalidade)

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 48 - Canção Revolução

em terra de povo preto	racista	não tem	poder
Circ. Lugar	Possuidor	Proc. Relacional	Possuído

Fonte: produzido pelo autor.

Nas orações relacionais acima, foram recorrentes os Processos Relacionais Intensivos Atributivos, que designam uma característica a uma entidade participante, sendo comum serem realizadas pelos verbos “ser” e “estar”. Os participantes envolvidos denominam-se Portador e Atributo, podendo este ser um Atributo Circunstancial. Observemos, agora, quais são os Atributos e seus significados, quando considerados o contexto social e os agentes envolvidos.

Considerando a leitura feita sobre a descrição dos sujeitos envolvidos na canção ainda nas orações materiais, entendo que, quando o Portador foi definido como o grupo oposto ao qual a Bixarte se direciona nessa música, tivemos os seguintes Atributos: [eles] *estão errados* / eles *são pesados*. Na oração do Quadro 41, o adjetivo “errados” é utilizado para afirmar que a luta da Bixarte não será apagada, silenciada, mesmo se a prenderem. Por outro lado, a artista reconhece que eles são “pesados” (Quadro 46), não tratando aqui do significado literal do adjetivo, mas, sim, corroborando a ideia de estes sujeitos serem perigosos, pois ‘eles são pesados e só andam armados’.

Quando os Atributos foram direcionados ao grupo do qual Bixarte faz parte, os Atributos foram: “povo preto [*es*]/*tá presente* (numa arma diferente)” (Quadro 42); “*nós é potente*” (Quadro 43); e, “a gente *é do gueto*” (Quadro 47). Esses atributos reivindicam uma

mudança social e transformação dos espaços que ocupam e a forma como os ocupam, destacando força e resiliência das pessoas que vivem nas periferias do Brasil. Essa atitude ajuda no confronto “ao senso comum da nossa cultura colonial de violência e exclusão que põe, de forma geral, as juventudes e comunidades periféricas como sinônimos de problema, turbulência, crise, violência, criminalidade e tráfico de drogas” (FERREIRA; SILVA; CUNHA, 2021, p. 135).

Vale destacar que as orações dos Quadros 44 e 46 designam orações relacionais que surgiram como Fenômeno em Processos Mentais, vejamos: “eles sabem que **bicha é revolução** / eu sei que **eles são pesados**”. No Quadro 45, o Processo Relacional Atributivo designa atribuição de valor ‘revolucionário’ para as bichas, que seguem diante do “poder que emerge das normas cis heterossexuais (que) tentam, sem sucesso, sua eliminação” (GOMES DE OLIVEIRA, 2018, p. 170).

Considerando o título do próprio EP Revolução, assim como da própria faixa, acredito que a designação desse atributo direcionado às bichas é um momento de ápice para a construção do EP. O poder revolucionário das bichas aqui mencionado se alinha como uma força que vai contra as estruturas hegemônicas que ditam regras normativas que visam “estrangular o grito da bicha para engavetá-la a sete chaves e exterminá-la como praga indesejada” (ZAMBONI, 2016, p. 12).

“A bicha nasce no discurso” (p. 163), assim, Gomes de Oliveira (2018) inicia seu texto, no qual explica que o uso do termo bicha está atrelado a uma violência verbal, que surge nas ruas, nas escolas, em pregações religiosas, ou até mesmo por meio de desenhos com conotação sexual em espaços como banheiros públicos. Violências lançadas em forma de palavras que se direcionam aos corpos que não se enquadram nos padrões da cis-heteronormatividade. Ainda de acordo com a autora, termos como viado, fresco, marica, também são utilizados com o mesmo propósito e outros como pudim de piche e suco de pneu são formas pejorativas atreladas à raça e à sexualidade, os quais, em sua ampla maioria, foram desenvolvidos por homens cis-heterossexuais brancos (GOMES DE OLIVEIRA, 2018).

Assim, ao utilizar o termo “bicha”, Bixarte dá visibilidade a um grupo social que foi constituído a partir de uma prática de violência, evidenciando o caráter político que há no ato de nomear sujeitos e grupos sociais, como propõe Rajagopalan (2003), assim como demonstra que a “variação semântica é vista como um fator de conflito ideológico, pois os significados podem ser política e ideologicamente investidos” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 75).

Como destacado previamente no texto, a própria Bianca conta que a escolha de seu nome artístico (Bixarte) está atrelada a dois aspectos que sempre estiveram presentes em sua

vida: o termo bicha, que costumava ouvir de maneira pejorativa pelo seu jeito afeminado, e a arte, já que, em sua infância, Bianca fez teatro. Nesse sentido, entendo que o termo “inversão performativa de injúria” proposto por Butler (1997), ao se referir à estratégia de ressignificação utilizada pelo movimento *queer*, nos Estados Unidos, ocorre também quando a artista Bixarte decide utilizar a palavra ‘Bixa’ como parte de seu nome artístico, tornando a ofensa parte de sua identificação, estreitando a relação entre linguagem, poder e mudança social (FAIRCLOUGH, 2001).

Na oração relacional circunstancial no Quadro 47 (*esse feitiço é pra bater de frente com a homofobia*), Bixarte se refere a sua música como um feitiço, que tem como finalidade ‘bater de frente contra a homofobia’, em uma nítida disputa pelo poder, configurando a construção de um discurso que se põe contra a ideologia homofóbica por meio da prática discursiva, que, de acordo com Fairclough (2001), “contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação” (p. 117). Nesse entendimento, a canção é o meio pelo qual Bixarte se utiliza das palavras para lançar sua magia.

Em nível de interdiscursividade, os termos feitiço e magia, que aparecem na canção, se relacionam diretamente com a história e o conhecimento do povo negro, principalmente no tocante à religiosidade e espiritualidade herdadas dos povos africanos. Santos e Lima (2022), a partir de suas próprias vivências e leituras nas áreas das ciências sociais, literatura e relações étnico-raciais, conceituaram feitiço como sendo:

a possibilidade de captura desse invisível que “atrai”, une, empatiza, ou ainda sincretiza as experiências de vida desses indivíduos espalhados pelo mundo, mas também em seus encontros, agindo na cor/porificação das expressões artísticas, intelectuais e sociopolíticas que tais sujeitos produzem. (SANTOS; LIMA, 2022, p. 221)

Dessa forma, alinhado ao pensamento da Bixarte e de Santos e Lima (2022), concordo que suas produções artísticas (no plural) remetem a uma magia ‘invisível’ ou a um feitiço que tem o poder de atrair, unir e gerar empatia, alocando experiências que se entrecruzam na História da humanidade, cor/poreificado em suas produções, e que, nesse caso, buscam findar com o racismo LGBTQIAP+fóbico.

Por fim, a oração relacional possessiva do Quadro 48 (*em terra de povo preto, racista não tem poder*) implica na noção de (não) poder para o Possuidor, indicado aqui pelo denominador “racista”, por sua vez, a Circunstância de Lugar estabelece a noção de territorialização em que o significado pode estar atribuído de maneira ampla ao território brasileiro, uma vez que, como nos mostra Nascimento (2016) o tráfico dos africanos

escravizados para o Brasil, resultou em uma grande população de pessoas negras no país. Assim, o discurso de Bixarte, por meio dos significados estabelecidos, constituiu a representação de luta contra a estrutura de opressão do racismo, dando destaque a forte presença da população negra que forma a diversidade em nossa sociedade.

Diante do discutido, foi possível observar que o discurso da Bixarte propõe desestabilizar estruturas dominantes, estabelecidas pela colonialidade do poder como destaca Quijano (2009), operando de forma a inverter a normatividade fundada nas concepções eurocêntricas sobre raça, gênero e sexualidade e as formas de opressões de classe. Assim, sigo para a análise da canção Gordo Week, da Mixtape Faces.

5.2 Canção Gordo Week

A canção “Gordo Week”, listada como a terceira faixa da Mixtape Faces, é interpretada nas vozes de A Fúria Negra e da Bixarte. Nessa canção, o discurso das artistas representa uma ‘entidade’ que se constitui por meio de questões que se assemelham à própria identidade da Bixarte, a notar aspectos de raça, gênero e corporeidade. Alguns marcadores linguísticos presentes na canção, que remetem diretamente a essas temáticas sociais, são: gorda, preta, travesti, engordou, corpo gordo, obesa, gordura trans (para falar de corpos gordos que são trans). O que indica uma grande mobilização de recursos linguísticos utilizados no debate acerca do corpo, principalmente do corpo gordo, em relação interseccional com o corpo negro e travesti. Além disso, os marcadores linguísticos que indicam a representação de corpos considerados aceitáveis para os padrões de beleza, e que aqui são questionados, são: “**Barbie**” (boneca/personagem), “**Marquezine**” (atriz), e “**Fashion Week**” (evento de moda).

As ações realizadas discursivamente nos âmbitos físico, mental, verbal e relacional indicam a construção de uma identidade que se põe em defesa do corpo negro, trans e gordo, e em oposição à normatividade dos padrões estéticos da moda, da indústria de vestuário e de espaços midiáticos como as revistas. Assim como na canção “Revolução”, os Processos Materiais foram os mais recorrentes, seguidos dos Processos Relacionais, como é possível observar no Quadro abaixo:

Quadro 49 – Processos da Canção Gordo Week

Canção Gordo Week	
Proc. Material	18
Proc. Relacional	12
Proc. Mental	4
Proc. Verbal	4
Proc. Existencial	0

Proc. Comportamental	0
----------------------	---

Fonte: Produzido pelo autor

Antes de adentrarmos na análise de transitividade da canção Gordo Week, apresento os desdobramentos das discussões acadêmicas acerca do corpo gordo, a destacar as ‘pesquisas de obesidade’, os ‘estudos críticos da obesidade’, a ‘ciência do peso’ e os ‘*Fat Studies*’, também conhecidos como ‘estudos do corpo gordo’, a fim de observar como estas diferentes perspectivas vêm contribuindo com a construção de significados relacionados a estes corpos.

Os debates científicos que tomaram o corpo gordo enquanto objeto de investigação nos últimos 100 (cem) anos foram marcados por uma ampla quantidade de estudos denominados de “pesquisas de obesidade”. Nessa perspectiva, o corpo gordo é visto como um problema a ser resolvido, uma doença que precisa ser curada, sendo a obesidade apontada como um dos grandes males do século XXI. Por outro lado, como resposta a estas pesquisas que tratam da patologização da obesidade, surgiram os “estudos críticos da obesidade”, que buscam, por meio da revisão das pesquisas, questionar a maneira como os discursos sobre obesidade são moldados a partir de epistemologias, ontologias e metodologias que não consideram aspectos subjetivos dos sujeitos, destacando evidências baseadas em dados e suposições que mostram-se falhos aos métodos empregados pela perspectiva crítica (PAUSÉ, 2022).

Uma terceira vertente de pesquisas que investigam o corpo gordo é denominada, em Pausé (2022), como a “ciência do peso”. Estes/as pesquisadores/as buscam entender a relação entre o peso corporal mais elevado e outros aspectos sociais e de saúde. Apesar de posicionarem-se contra a estigmatização dos corpos gordos, os/as pesquisadores/as da ciência do peso argumentam que a gordura não é algo natural do corpo humano, o que acaba reforçando essa estigmatização, colocando o corpo gordo como um problema que precisa ser evitado.

Como desdobramento dessas perspectivas, temos os *Fat Studies* ou estudos sobre o corpo gordo, que, seguindo a tradição dos estudos raciais, dos estudos *queer* e do feminismo, caracteriza-se como um campo de pesquisa interdisciplinar, marcado por uma crítica consistente contra os discursos e estereótipos negativos que criam um estigma social sobre a gordura e o corpo gordo (SOLOVAY; ROTHBLUM, 2009; BRITO, 2022).

Pausé (2022) define os *Fat Studies* como um “campo de estudo pós-disciplinar que se centra no corpo gordo e nas experiências vividas por pessoas gordas” (p. 71). A autora Wann (2009), por sua vez, explica que, nesse contexto de controle social dos corpos, “o campo dos

Fat Studies pode oferecer uma nova lente reveladora sobre a questão humana central da corporeidade, uma abordagem teórica que terá efeitos políticos e sociais diretos” (p. xxi)³³.

Dessa forma, os *Fat Studies* se caracterizam como um campo de pesquisa que, a partir de aparatos teórico e analítico seguidos com rigor pelos/as pesquisadores/a na academia, fornece um encadeamento de conhecimentos capaz de fazer emergir, em outros setores da sociedade, o debate acerca dos direitos das pessoas gordas, que buscam inclusão e justiça social.

Uma vez que busca investigar a raiz dos sistemas de crenças relacionados ao peso do corpo humano, Wann (2009) destaca que o/a pesquisador/a deste campo deve tornar-se cético(a) sobre crenças atreladas ao peso, que podem ser poderosas, de grande sociabilidade e prejudiciais, criando e reforçando estigmas sobre determinados corpos. Além disso, os estudos sobre os corpos gordos não buscam uma oposição em relação à diversidade dos corpos, mas, sim, compreender o que as pessoas e a sociedade fazem a partir dessa realidade. Dessa maneira, esses estudos buscam desafiar o pensamento enraizado na cultura que insiste no discurso da existência de um corpo perfeito em oposição ao outro.

Os discursos que contribuem para a formação de um estereótipo negativo e estigmatizado acerca da existência do corpo gordo partem principalmente das indústrias de moda e vestuário, que determinam o corpo magro como padrão estético de beleza para os/as modelos (SOUZA, 2022), assim como das discussões desenvolvidas na área da saúde, responsáveis pela associação do corpo gordo a patologias, enquanto mostra uma valorização do corpo magro (PAIM; KOVALESKI, 2020).

Paim (2022, p. 55) explica que “o sistema de valorização cultural do corpo magro, resulta na estigmatização de quem se afasta da definição do normal”. Nesse sentido, a autora destaca que o estigma diz respeito a um processo social atrelado a um atributo depreciativo, que não se enquadra nas expectativas da normalidade, resultando em um processo de exclusão daqueles/as considerados/as fora do padrão, que tornam-se vítimas de casos de menosprezo, humilhação, discriminação e até mesmo violências físicas.

A estigmatização de corpos gordos recebe o nome de gordofobia, que, de acordo com Jimenez e Santos (2021), é o preconceito estrutural e cultural com pessoas gordas, que acarreta em restrição, inferiorização, discriminação e exclusão social. Paim (2022), por sua vez, enfatiza que esse processo pode influenciar diretamente na qualidade de vida da pessoa, fazendo-a sentir-se envergonhada e culpada pelas características de seu próprio corpo, demonstrando insatisfação, baixa autoestima e dificuldades na realização de atividades. Souza (2022) pontua que a gordofobia

³³ Texto original: the field of fat studies can offer a revelatory new lens on the central human question of embodiment, a theoretical approach that will have direct political and social effects.

e as suas implicações sociais para as pessoas gordas estão diretamente atreladas aos padrões de beleza do mundo da moda.

Tendo em vista as bases para o debate acerca do corpo gordo citadas acima, retorno à canção Gordo Week para análise de transitividade, observando as escolhas léxico-gramaticais realizadas pela artista e as implicações das práticas discursivas e sociais presentes na letra da música. Início com os Processos Materiais.

5.2.1 Processos Materiais

Vejam, primeiro, as orações materiais, em que os agentes que realizaram as ações físicas foram: “[eu]”, “[corpo gordo]”, “eu”, “as gordas”, “[nós]”; enquanto que os participantes que sofreram as ações foram: “normatividade”, “tua fala”, “teu discurso sujo e a tua vitrine”, “as suas Marquezines”, “a sua aeróbica”, “os teus armários”, “a tua moda”, “as revistas”.

Quadro 50 - Canção Gordo Week

[eu]	te	apresento	Paraíba Gordo Week
Ator		Proc. Material	Escopo

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 51 - Canção Gordo Week

[o corpo gordo]	quebrando	a normatividade
Ator	Proc. Material	Meta

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 52 - Canção Gordo Week

eu	quebro	tua fala, teu discurso sujo e a tua vitrine
Ator	Proc. Material	Meta

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 53 - Canção Gordo Week

que	se	foda	as suas Marquezines
	Ator	Proc. Material	Meta

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 54 - Canção Gordo Week

As gordas	vão ocupar	tipo uma reparação histórica
Ator	Proc. Material	Circ. Maneira: comparação

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 55 - Canção Gordo Week

[nós]	quebrando	os teus armários
Ator	Proc. Material	Meta

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 56 - Canção Gordo Week

a tua moda	bebê	eu	explodi
Meta		Ator	Proc. Material

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 57 - Canção Gordo Week

as revistas	eu	invadi
Meta	Ator	Proc. Material

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 58 - Canção Gordo Week

chegou	o bonde das obesas
Proc. Material	Ator

Fonte: produzido pelo autor.

As ações materiais representadas nas orações acima indicam a construção de um discurso com um forte posicionamento da Bixarte em favor do corpo gordo e contra os padrões estéticos de beleza que priorizam o corpo magro. Das representações acima, destaco os Quadros 51, 52, 55, 56 e 57 em que os processos indicam as práticas de “quebrar”, “explodir” e “invadir”, realizadas pelos participantes “[corpo gordo]”, “eu”, em oposição aos participantes “a normatividade”; “a ‘tua’ fala, ‘teu’ discurso sujo e ‘tua’ vitrine”; “‘teus’ armários”; “‘tua’ moda”; “as revistas”. Em termos semânticos, as ações representadas indicam a realização de atos violentos, mas que, diferentemente das ações na canção “Revolução”, são destinadas a participantes inanimados que representam normas e discursos, que, assim como o mundo da moda (vitrines, armários, revistas), seguem excluindo e/ou materializando violências físicas e verbais contra pessoas gordas.

Na figura material “que se foda suas Marquezines” (Quadro 53), temos marcado textualmente a posição da Bixarte contra representações de corpos que indicam os padrões estéticos a serem seguidos na moda e no cotidiano das pessoas. O termo “Marquezine” se refere à atriz, modelo e influenciadora Bruna Marquezine. No nível de interdiscursividade, que relaciona “Marquezine” a padrões do corpo e da moda, destacamos às matérias as quais fomos direcionados após uma busca no pesquisador *Google* pelo termo “Marquezine”. Nas matérias encontradas, a atriz é citada por seu corpo³⁴ e por sua influência na moda³⁵. A matéria publicada no site UOL afirma que Marquezine “é considerada um dos maiores ícones da moda nacional”

³⁴ BOL. Bruna Marquezine esbanja bumbum de fora e fio dental em look ousado. 17 mar. 2023. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/entretenimento/2023/03/17/video-bruna-marquezine-esbanja-bumbum-de-fora-e-fio-dental-em-look-ousado.htm>. Acesso em: 20 mar. 2023.

³⁵ Frank, G. Looks influentes e cobiçada por grifes: como Marquezine conquistou a Europa. 05 out. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2022/10/05/bruna-marquezine-paris-fashion-week-looks.htm>. Acesso em: 20 mar. 2023.

(FRANK, 2022) e exalta o fato de a atriz e modelo ter ‘conquistado’ a Europa, demarcando que este corpo se enquadra em um padrão eurocêntrico de beleza e de moda.

Assim, vemos nestas figuras materiais, que o discurso da Bixarte ocorre por meio da mobilização de recursos que intencionam o enfrentamento contra a normatividade dos corpos e das práticas discursivas e sociais de cunho gordofóbico, o que corrobora a afirmação de que a dominação de um grupo sobre o outro se realiza de maneira instável, sendo a prática discursiva um elo na luta hegemônica em que normas são modificadas, questionadas ou confirmadas (RESENDE; RAMALHO, 2006).

A normatividade dos corpos estabelece padrões, referências, normas e ideais constituídos por meio da linguagem, que refletem culturalmente na aparência dos corpos, operando de maneira a incluir ou excluir os sujeitos a partir de sua aparência. Como destaca Louro (2004, p. 75), “os corpos são o que são na cultura”. Dessa forma, é possível afirmar que a normatização precede a estigmatização que, por sua vez, produz distintas implicações sociais para as pessoas gordas.

Como podemos observar em matéria publicada no G1³⁶, as violências contra os corpos gordos ocorrem de maneira distintas, sendo, inclusive, viabilizadas pelo Estado, que, ao não considerar a existência destes corpos, materializa o preconceito e a exclusão, como no caso de Vitor Augusto Marcos, que morreu dentro de uma ambulância após ter atendimento negado em seis hospitais que não tinham equipamentos médicos adequados para atender pessoas obesas. Além disso, a família do Vitor relata que, após a morte do jovem de 25 anos, foram surpreendidos com a situação do caixão que havia sido preenchido com pó de serra aparente, caixotes de madeira e folhas de jornal, que, segundo a empresa funerária, foi usado para ajudar a nivelar o corpo do jovem dentro do caixão. No entanto, de acordo com Lourival Panhozzi, presidente da Associação Brasileira de Empresas e Diretoras do Setor Funerário, consultado pela equipe de jornalismo do G1, os protocolos adotados pela empresa foram “absolutamente fora dos padrões estabelecidos” (G1; TV GLOBO, 2023).

Outros casos de gordofobia ganharam espaço nos noticiários, como o caso da Juliana Nehme, influenciadora digital brasileira, que denunciou uma companhia aérea após ser impedida de embarcar na classe econômica, por ser gorda³⁷. Em matéria publicada no BBC

³⁶ Mãe se revolta com lixo dentro do caixão do filho que morreu após ter atendimento negado por seis hospitais em SP. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/01/12/mae-se-revolta-com-lixo-dentro-de-caixao-do-filho-que-morreu-apos-ter-atendimento-negado-por-seis-hospitais-em-sp.ghtml>. Acesso em: 08 fev. de 2023.

³⁷ Influenciadora acusa companhia aérea de gordofobia; saiba o que diz a lei nesses casos. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/12/04/influenciadora-acusa-companhia-aerea-de-gordofobia-saiba-o-que-diz-a-lei-nesses-casos.ghtml>. Acesso em: 08 fev. 2023.

News Brasil³⁸, Rayane Souza conta como descobriu que pessoas de sua turma na faculdade estavam utilizando suas fotos para falar de seu corpo em um grupo no WhatsApp. A fundadora do Gordas na Lei, projeto que disponibiliza conteúdo acerca dos direitos de pessoas gordas e oferece aconselhamento jurídico a vítimas de gordofobia, apenas descobriu sobre a existência do grupo após um/a dos/as participantes se sentir culpado/a e comunicá-la (MOTA, 2022).

Em levantamento realizado em fevereiro de 2022, pela Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (Abeso), juntamente com a Sociedade Brasileira de Metabologia e Endocrinologia (SBEM), que entrevistou 3.621 brasileiros de 18 a 82 anos, de ambos os sexos, constatou-se que 85,3% das pessoas consideradas ‘obesas’ já sofreram casos de gordofobia (ESTADÃO, 2022).

Como podemos ver, as práticas baseadas na estigmatização dos corpos gordos não ocorrem apenas na área da saúde e da moda, mas em distintos contextos, tendo em vista a amplitude das consequências de discursos que pretendem propor/convencer a sociedade sobre a existência de um corpo normal, padrão, sem considerar as subjetividades do ser.

5.2.2 Processos Relacionais

Além das figuras materiais, a figuras relacionais indicam a construção de um discurso no qual, a Bixarte se propõe a subverter os valores relacionados ao corpo gordo. Vejamos:

Quadro 59 - Canção Gordo Week

A Barbie	agora	é	preta, travesti e engordou
Portador	Circ. Tempo	Proc. Relacional	Atributo

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 60 - Canção Gordo Week

pois	ser gorda	não é	fora de moda
	Portador	Proc. Relacional	Atributo

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 61 - Canção Gordo Week

a rainha	agora	é	gorda
Portador	Circ. Tempo	Proc. Relacional	Atributo

Fonte: produzido pelo autor.

As figuras relacionais destacadas acima mostram-se em tom de oposição ao que é pré-determinado aos corpos gordos, aparecendo em posições que confrontam os padrões. No

³⁸ Gordofobia: ‘Usavam minhas fotos para falar do meu corpo no WhatsApp’. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-63949805>. Acesso em: 09 fev. 2023.

Quadro 59, por exemplo, em uma das principais frases utilizadas na construção da canção “Gordo Week”, Bixarte se refere a uma das principais personagens infantis e da indústria de brinquedos, que, segundo Cechin e Silva (2012), é uma personagem que foi construída em torno de uma ideia de beleza e riqueza que refletem supremacias do corpo, de raça/etnia e de comportamento.

De acordo com Silva (2016), a boneca Barbie foi lançada em março de 1959, sendo a primeira boneca com características de pessoa adulta a ser produzida em grande escala. Desde então, estima-se que mais de um bilhão de bonecas Barbie foram vendidas, consagrando-se como a boneca mais vendida no mundo. Suas características são de uma mulher alta, magra, branca e loira, que representam o estereótipo de beleza que parte da sociedade considera o padrão ideal. Apesar de ser apenas um personagem/boneca, a imagem da Barbie produz um discurso que vem impactando no modo de ser, na forma de consumo e na indústria da moda de muitas gerações (CECHIN; SILVA, 2012; SILVA, 2016).

Nesse sentido, vemos o discurso da Bixarte invertendo os padrões, pela prática discursiva, que propõe uma Barbie constituída pelos Atributos interseccionados de “preta, travesti e ‘gorda’”. Na construção de sentido da oração, o termo ‘preta’ se refere ao marcador racial, em que a artista constitui a imagem de uma Barbie negra. Cechin e Silva (2012) contam que a primeira Barbie negra só foi lançada apenas em 1980, influenciada pelo movimento afro-americano que questionava a representação negativa de pessoas negras, assim como pela oportunidade em ampliar as vendas para este público. Entretanto, as autoras explicam que apesar de negras, as bonecas da Barbie mantiveram aspectos como roupas, acessórios, fisionomia e costumes característicos da Barbie ‘tradicional’, apresentando diferença apenas na cor do plástico. Considerando estes aspectos, Cechin e Silva (2012) afirmam que, “as bonecas negras não significam a democratização dos brinquedos ou uma problematização da diversidade, mas uma ampliação do mercado de bonecas, que procura atingir um número maior de meninas consumidoras” (p. 633).

Além do marcador raça, ainda no Quadro 59, Bixarte propõe a desestabilização do padrão binário representado na personagem da Barbie, que, na canção é construída sob a visão da travestilidade, um dos aspectos centrais nas produções da artista, que busca evidenciar as experiências identitárias de travestis, assim como sua própria experiência em suas canções e poemas. Seu trabalho mais recente, “Traviarcado”, concebe a ideia da tomada de poder pela força das travestis e das mulheres transexuais em oposição a estrutura do “patriarcado”.

Por meio de uma pesquisa que se propôs a realizar um levantamento histórico das pesquisas e notícias envolvendo mulheres transexuais e travestis, Oliveira (2018) explica que

no universo acadêmico, as experiências de vida de mulheres transexuais e travestis passaram a ser tematizadas com mais frequência em pesquisas a partir dos anos de 1990, ganhando destaque a partir dos anos 2000 com o aumento dos estudos sobre gênero e sexualidade. Entretanto, apesar do significativo aumento no número destas pesquisas, a autora argumenta que muitas destas investigações não localizaram historicamente a trajetória destes corpos, assim como não enfatizaram o marcador social raça, o que, segundo a autora, acarreta no apagamento histórico e cultural destes corpos.

Ao investigar parte destas pesquisas Amaral *Et al.* (2014, p. 302) afirmam que, em pesquisas brasileiras, os/as pesquisadores/as destacaram a presença de mulheres transexuais e travestis em espaços como “bairros de periferia, boates, praças, pensões e territórios de prostituição”, além disso, as autoras destacam que as palavras mais recorrentes nestas pesquisas foram “saúde, doença, prevenção, aids, HIV, DST, cuidado, risco e vulnerabilidade” (p. 303). A respeito destas afirmações, Oliveira (2018) explana que:

Ao mesmo tempo em que essas pesquisas colocam a existência de travestis e mulheres transexuais em evidência, corroboram para naturalizar a branquidade como norma, bem como para a manutenção de determinados estigmas ao estabelecer uma estreita relação com a prostituição e com doenças sexualmente transmissíveis (p. 70).

Em um cenário nacional, corpos de mulheres transexuais e travestis aparecem como um dos grandes focos da violência promovida contra pessoas LGBTQIAP+, como podemos observar em Benevides (2022). Em se tratando de experiência local, os dados disponibilizados na matéria do G1 da Paraíba³⁹, mostram que em 6 anos, chegaram a um total de 25 o número de crimes violentos contra mulheres transexuais e travestis na Paraíba. Os dados disponibilizados pela Secretaria da Mulher e Diversidade Humana, mostram que as vítimas foram 14 mulheres transexuais e 11 travestis. Além disso, a matéria traz como destaque o caso da adolescente Renata Ferraz, de apenas de 16 anos, que foi uma das vítimas desses crimes violentos (VASCONCELOS, 2023).

É importante salientar que estes dados não revelam todos os casos de violências físicas e mentais que mulheres transexuais e travestis são submetidas diariamente. Bento (2017) conta que o processo de exclusão de pessoas transexuais e travestis, geralmente, ocorrem muito cedo “quando as famílias descobrem que o filho ou a filha está se rebelando contra a “natureza” e que desejam usar roupas e brinquedos que não são apropriados para seu gênero, o caminho

³⁹ Paraíba registra 25 crimes violentos contra mulheres transexuais e travestis em 6 anos, segundo relatório. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/07/08/paraiba-registra-crimes-violentos-contras-mulheres-transexuais-e-travestis-segundo-relatorio.ghtml>. Acesso em: 11 de julho 2023.

encontrado para “consertá-lo” é a violência” (234). Assim, vemos que crianças, adolescentes, jovens e adultos são punidos com os efeitos das transfobia, estrutura de opressão constituída a partir de discursos que buscam legitimar essas violências, baseados em pressupostos religiosos (BENEVIDES, 2022), assim como por discursos científicos que tendem a naturalizar a concepção binária dos gêneros, tratando da transexualidade como algum distúrbio ou algo a ser corrigido (BENTO, 2017; BUTLER, 2003).

A própria Bixarte foi vítima de transfobia em ao menos dois casos que ganharam destaque na mídia. A matéria publicada no site Polêmica Paraíba⁴⁰, mostra que no ano de 2020, Bixarte foi agredida com uma pedra por dois homens que passavam de moto e que a chamaram de ‘viado’ (MELO, 2020), confirmando o teor preconceituoso do ataque. No ano de 2021⁴¹, a artista denunciou uma servidora da Delegacia de Crimes Homofóbicos do Estado que teria lhe tratado pelo pronome masculino, mesmo após ser advertida mais de uma vez pela artista. Na época, o caso foi acompanhado pela Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Paraíba (OAB-PB), que através da Comissão dos Direitos Humanos organizaram uma reunião para tratar do ocorrido com a artista. Sobre o ocorrido, a artista disse “Entendo que as pessoas podem ter dias ruins, mas para uma mulher trans e negra, que já sofre todos os tipos de preconceito, ser tratada pelo pronome errado é uma agressão. Minha arma é a minha voz e o meu reconhecimento, e vou usar essa arma sempre que achar que devo” (OAB-PB, 2021).

De acordo com a matéria disponibilizada no site da OAB-PB (2021), a funcionária que praticou o crime de transfobia, trabalhava na instituição há oito anos e, que, dentro deste tempo, não havia cometido tal falha, assim, a funcionária recebeu “sanções administrativas cabíveis”, que não foram descritas na matéria. Além disso, a delegada Maisa Félix, que na época ocupava o cargo de Coordenadora das Delegacias das Mulher na Paraíba, enfatizou a necessidade e a importância da realização de cursos e formações para estes profissionais atuarem da melhor maneira dentro das suas práticas institucionais (OAB-PB, 2021).

Dessa forma, retornando as figuras relacionais da canção “Gordo Week”, vemos que Bixarte ao unir estes marcadores sociais à identidade da boneca Barbie, cria um confronto com a representação da mulher cis-hétero branca, que corporalmente “está imune à celulite, estria, gordura, a qualquer marca de degradação física” (SILVA, 2016, p. 184), constituindo uma nova

⁴⁰ TRANSFOBIA: cantora paraibana Bixarte é agredida por dois homens em João Pessoa: ‘Me chamaram de viado’. Disponível em: <https://www.polemicaparaiba.com.br/paraiba/transfobia-cantora-paraibana-bixarte-e-agredida-por-dois-homem-em-joao-pessoa-me-chamaram-de-viado-veja-video/>. Acesso em: 12 julho 2023.

⁴¹ Comissão dos Direitos Humanos da OAB-PB acompanha caso da denúncia de transfobia da artista Bixarte. Disponível em: <https://www.oabpb.org.br/post/comiss%C3%A3o-de-direitos-humanos-da-oab-pb-acompanha-caso-da-den%C3%Aancia-de-transfobia-da-artista-bixarte>. Acesso em: 12 de julho 2023.

representação contra os padrões normativos de raça, gênero e corporeidade pré-estabelecidos para esta entidade.

Além disso, por meio das figuras relacionais dos Quadros 60 (*ser gorda não é fora de moda*) e 61 (*a rainha agora é gorda*), Bixarte reforça a potência que há em ser um corpo gordo, mesmo que os padrões estéticos da moda e os discursos da medicina indiquem que existe apenas beleza e saúde em corpos magros. Assim, a artista afirma que ser gorda não é fora de moda, além de constituir a representação de uma rainha gorda, o que reforça sua agência em desconstruir a visão de que corpos gordos não têm beleza, não têm saúde e que também não podem ocupar espaços importantes.

Dessa forma, foi possível observar que em “Gordo Week”, ao projetar novas possibilidades para os corpos gordos, negros e travetis, Bixarte buscou desestabilizar estruturas hegemônicas que são criadas e fomentadas, principalmente, por discursos científicos, que desenvolvem suas pesquisas sem considerar as subjetividades dos sujeitos, assim como do mundo da moda, que prioriza a visibilidade de um padrão estético específico para os corpos, criando assim um discurso de que apenas corpos magros e/ou musculosos são dignos das passarelas de moda, assim como das indústrias de roupas.

Estes discursos são contrariados pela artista, por meio de suas escolhas léxico-gramaticais, que constituem representações de ações materiais que buscam a derrubada das instituições normativas do corpo, além de estabelecer relações por meio dos Processos Relacionais, propondo a construção de uma nova visão para o corpo gordo, de forma interseccional com os marcadores de raça e gênero.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inserido no campo da Linguística Aplicada Transviada (BEZERRA, 2023), de maneira inter/transdisciplinar, por meio dos aportes teóricos e metodológicos da Análise Crítica do Discurso, especificamente do modelo tridimensional proposto por Fairclough (1992, 2001, 2003) em diálogo com o Sistema de Transitividade, ferramenta de análise textual proposta na Gramática Sistêmico-Funcional desenvolvida por Halliday e Matthiessen (2014), em uma perspectiva interseccional (CRENSHAW, 2002; AKOTIRENE; 2019; BUENO, 2020), esta pesquisa buscou investigar em que medida os discursos produzidos pela artista Bixarte, em suas letras de rap, criam, reforçam ou desestabilizam representações normativas de identidade de gênero e sexualidade (BENTO, 2017), raça e classe social (ALMEIDA, 2019; NASCIMENTO, 2016; SOUZA, 2021).

Para isso, foram consideradas as seguintes etapas: a) descrição das escolhas de transitividade utilizadas para representar gênero e sexualidade, raça e classe social nas letras das canções da artista; (b) discussão acerca das práticas discursivas e práticas sociais que são reveladas em seu discurso; e (c) a articulação dos marcadores sociais da diferença de maneira interseccional nas canções.

Utilizar o sistema de transitividade, enquanto ferramenta de análise textual para o modelo tridimensional da ACD, possibilitou uma leitura detalhada das representações feita pela Bixarte, a partir das suas escolhas léxico-gramaticais, evidenciando as práticas constitutivas de identidades e relações sociais, assim como sistemas de crenças e conhecimento.

Na canção “Revolução”, entendida como materialização das práticas discursivas exercida pela artista, foi possível observar uma grande mobilização de recursos que representam ações físicas e mentais, interpretadas na visão sistêmico-funcional enquanto Processos Materiais e Processos Mentais, compreendidas, também, como formas de práticas sociais, nos termos da ACD, uma vez que “o discurso (ou semiose), atividade material, relações sociais (relações de poder e luta hegemônica pelo estabelecimento, manutenção e transformação dessas relações) e fenômeno mental (crenças, valores e desejos – ideologia)” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 38) são compreendidos como momentos constituintes de uma prática social.

Por meio da análise de transitividade também foi observado uma grande quantidade de Processos Materiais que surgiram na posição de Fenômeno dos Processos Mentais, ou seja, ações físicas ocorridas no nível mental, representando o desejo de seus Experienciadores/Atores.

Nesta canção, as entidades “pretinho”, “povo preto”, “bicha”, “gay” e “gueto” apontados pela artista, tiveram destaque por representar, de forma interseccional, aspectos identitários relacionados a gênero e sexualidade, raça e classe social. Com vista as ações físicas e mentais (práticas sociais) realizadas na canção, quando os agentes na posição de Ator e Experienciador foram: “eles”, “[eles]”, “polícia militar”, “[vocês]”, foi possível identificar o desejo e a realização de práticas como “calar”, “prender”, “matar” “silenciar” destinados aos agentes: “me”, “nos”, “gay”, “a nossa magia”, “os pretinhos” que aparecem na posição de Meta.

Essas orações indicam uma representação violenta por parte desses atores sociais contra pessoas negras, LGBTQIAP+ e periféricas, constituindo uma competição entre os discursos projetados nas representações da Bixarte, que traduz seu posicionamento político-ideológico ao denunciar tais práticas, nomeando os agentes produtores dessas violências, com ênfase para a Polícia Militar, que, por sua vez, atua sob as estruturas político-ideológicas do Estado, lido como força hegemônica que atua no controle das instituições, assim como dos aparelhos ideológicos.

Por outro lado, quando os agentes sociais que realizaram as ações materiais foram “eu”, “[eu]”, “[a gente]”, “bichas e bruxas”, “a gente”, “[nós]”, “[a senzala]”, foram observadas práticas sociais como “empoderar”, “derrubar”, “[ir] sem medo”, “(se) juntar”, enquanto que os atores sociais na posição de Meta foram “os pretinhos”, “o presidente”, “a porra do Brasil”, “a casa grande”.

Assim, análise de transitividade evidenciou diferentes representações quanto a natureza dos Processos realizados pelos agentes destacados em ambos os momentos, tendo em vista que os Processos deste segundo momento indicam a representação de identidades que buscam a transformações dos sujeitos por meio do empoderamento, assim como propõe a derrubada de símbolos de poder, a considerar ‘o presidente’ identidade nomeada que representa o poder estabelecido pelo Estado, a ideia do ‘Brasil’ enquanto um país construído sob as estruturas do colonialismo, assim como ‘a casa grande’, símbolo de poder que representa os senhores de engenho que viveram no Brasil colônia.

Na canção Revolução, também foram identificados Processos Relacionais, em sua grande maioria, Atributivos, ou seja, aqueles que atribuem características a uma entidade participante. Assim como nas análises dos Processos Materiais, foi possível observar dois momentos distintos com relação a designação dos Atributos. Quando direcionados aos participantes “povo preto”, “nós”, “a gente” e “bicha” os Atributos foram “presente (numa arma diferente)” (Quadro 42); “potente” (Quadro 43), “do gueto” (Quadro 44) e “revolução” (Quadro 45).

Na construção de sentido do discurso da Bixarte, esses Atributos constituem uma (re)significação para estes atores sociais, demonstrando que o “povo preto” está presente em/com uma “arma diferente”, evidenciando que estes corpos vêm ocupando novos espaços, não mais associados ao crime, uma vez que, historicamente, estes corpos vêm sendo sabotados por questões raciais, como nos mostra Nascimento (2016), produzindo um estilo de vida em que muitas pessoas negras tiveram/têm que recorrer a práticas ilícitas para manterem seu sustento social. Essa problemática social enfrentada pela população negra brasileira é apenas mais um dos efeitos do colonialismo, que constituiu uma sociedade desigual e racista, como nos mostram os dados apresentados na discussão das análises.

Assim, o discurso de Bixarte constitui um enfrentamento a práticas discursivas e sociais que naturalizam essa realidade, além de exaltar a potência e a coragem destes sujeitos sociais frente as novas possibilidades que vêm sendo constituídas a partir das lutas travadas por movimentos sociais que tem a pauta racial como causa.

Além disso, evidenciando o caráter interseccional das identidades representadas em suas canções, Bixarte destaca a essência revolucionária das bichas, que por meio de sua existência, representam um enfrentamento as normas cis-hétero-patriarcal que estabelecem um padrão binário para identificação e expressão dos indivíduos, que como vimos em nossa discussão, mostram-se diversos. Idealizar um padrão a ser seguido por todos os indivíduos da sociedade, significa construir desigualdades para aqueles/as que não se encaixam dentro dos moldes estabelecidos, gerando assim, situações de perseguição, humilhação e violências extremas que, muitas vezes, começam dentro de suas próprias casas, por meio de seus familiares, como nos mostra Bento (2017).

Nos Processos Relacionais Atributivos ainda foi possível identificar a caracterização de um outro grupo de sujeitos sociais, representados na análise por meio dos marcadores linguísticos “[eles]” e “eles” e que são descritos pela artista por meio dos Atributos “errados” e “pesados”. O significado do adjetivo “errados” é utilizado para enfatizar o discurso de resistência que é promovido ao longo da canção, frente as ações desempenhadas pelos sujeitos sociais implicados nas ações. Por outro lado, o adjetivo “pesados” não é tomado em seu significado literal, sendo utilizado para reforçar a natureza violenta e perigosa dos sujeitos sociais envolvidos no contexto da oração.

Além dos Processos Relacionais Atributivos, também foram identificados um Processo Relacional Circunstancial e um Processo Relacional Possessivo. Na oração relacional circunstancial o termo “feitiço” aparece enquanto entidade portadora do Atributo Circunstancial que tem como finalidade “bater de frente contra a homofobia”, evidenciando o

enfrentamento a estrutura de opressão que representa o ódio contra gays, lésbicas e bissexuais. Por sua vez, a oração relacional possessiva, trata da desconstrução da noção de poder estabelecida por práticas e estruturas racistas. Assim, por meio do detalhamento das escolhas de transitividade realizadas pela artista, foi possível observar que não são apenas os aspectos das identidades dos sujeitos sociais que são articulados de forma interseccional em seu discurso, mas também as estruturas de opressão que, muitas vezes, atingem de maneira conjunta determinados corpos.

Dessa forma, por meio de suas práticas discursivas na canção *Revolução*, Bixarte evidenciou a representação de práticas sociais estabelecidas por atores sociais e instituições atreladas ao poder hegemônico, constituído historicamente sob um viés colonizador-racista-cishétero-patriarcal-capitalista, que por meio do controle dos aparelhos ideológicos, estabelecem como norma o padrão do homem branco europeu, resultando na perseguição, exploração e violências, incluindo assassinatos de pessoas negras e LGBTQIAP+ que é agravado para aquelas pessoas que vivem em classes sociais vulneráveis.

A análise de transitividade da canção “*Gordo Week*” evidenciou a constituição da representação de uma identidade social que é atravessada por aspectos que se assemelham à própria identidade da Bixarte, que por meio das escolhas de termos como “gorda”, “preta”, “travesti”, “engordou”, “corpo gordo”, “obesa”, “gordura trans”, articulou de maneira interseccional marcadores os sociais de raça, gênero e corporeidade. Dessa forma, foi possível observar uma grande mobilização de recursos linguísticos utilizados no debate acerca do corpo, principalmente do corpo gordo, em relação interseccional com o corpo negro e travesti.

Nesta canção, as ações representadas discursivamente e consideradas nas análises ocorreram nos âmbitos físico e relacional, realizando por meio dos Processos Materiais e Relacionais a constituição de um discurso que propõe uma nova visão acerca dos corpos negros, trans e gordos, e em oposição à normatividade dos padrões estéticos da moda, da indústria de vestuário e de espaços midiáticos como as revistas, representados na canção por entidades como “Barbie” (boneca/personagem), “Marquezzine” (atriz), e “Fashion Week” (evento de moda).

Nas orações materiais, os agentes identificados por realizarem as ações materiais foram “[eu]”, “[corpo gordo]”, “eu”, “as gordas”, “[nós]”, enquanto as ações evidenciadas nas análises foram “quebrar”, “explodir” e “invadir”, já as entidades afetadas por estas ações foram “normatividade”, “tua fala”, “teu discurso sujo e a tua vitrine”, “as suas Marquezzines”, “a sua aeróbica”, “os teus armários”, “a tua moda”, “as revistas”.

Nesse sentido, foi observado que em termos de significados, que as ações representadas em “*Gordo Week*” estabelecem a realização de atos violentos, que, diferente das ações da

canção “Revolução”, são direcionadas a participantes inanimados caracterizados como agentes produtores de discursos que se propõem a estabelecer um padrão normativo para os corpos, materializando exclusões e violências, nesse caso, principalmente contra pessoas gordas.

Assim, nesta canção, Bixarte buscou constituir uma nova imagem para os corpos gordos, desafiando padrões estéticos/ideológicos representados no texto, como a menção a “Marquezine”, em que a rapper se referiu ao padrão estético da atriz, modelo e influenciadora Bruna Marquezine. No nível de interdiscursividade, o termo “Marquezine” é relacionado em outros textos que constituem discursos referentes aos padrões do corpo e da moda, sendo, inclusive exaltada por ser aceita nos padrões europeus, como é destacado na matéria de Frank (2022).

Portanto, por meio das análises das figuras materiais, foi observado que em sua prática discursiva, Bixarte buscou mobilizar recursos linguísticos idealizando o enfrentamento às práticas discursivas e sociais que estabelecem e promovem a normatividade sobre os corpos, que, assim, constituem a estrutura de opressão determinada como gordofobia.

Além das figuras materiais, na canção “Gordo Week” também foram observadas figuras relacionais, em que a artista manteve seu posicionamento e a intenção de constituir uma nova concepção para os corpos gordos, mobilizando recursos linguísticos que buscaram subverter outro símbolo que reforça estereótipos sobre os corpos, que foi a personagem da Barbie. Por meio da ação relacional, Bixarte propôs a inversão dos valores e padrões estéticos/ideológicos que são atrelados à imagem da Barbie.

Nesse sentido, por meio dos Atributos “preta, travesti e ‘gorda’” Bixarte buscou subverter a ideia de uma Barbie branca, cis-hétero e magra, uma vez que por meio do termo ‘preta’ a artista se referiu ao marcador racial, constituindo a imagem de uma Barbie negra, além de propor a desestabilização do padrão binário estabelecido na personagem da Barbie, que, na canção é invertida por uma concepção de travesti, além de ressaltar a construção da imagem da Barbie sob um corpo gordo, desestabilizando, assim, um símbolo que representa o padrão hegemônico estabelecido na imagem da personagem.

Ainda por meio das figuras relacionais, Bixarte buscou reforçar a beleza dos corpos gordos, colocando-se contra discursos estéticos e da moda, que implicam na visão de que apenas corpos magros ou musculosos são sinônimos de beleza, além de constituir a representação de um corpo gordo ocupando um espaço de poder, representado por meio do termo “rainha”.

Assim, foi possível observar que o discurso da artista na construção de sentido da canção “Gordo Week”, buscou constituir novas possibilidades para os corpos gordos em relação interseccional com os marcadores sociais de raça e gênero. Dessa forma, Bixarte buscou

desestabilizar estruturas hegemônicas que são criadas, perpetuadas e estabelecidas na sociedade, por meio de discursos científicos que não levam em conta as subjetividades dos sujeitos, assim como dos discursos constituídos no mundo da moda e das indústrias de vestuário, que estabelecem um padrão estético específico, priorizando os corpos magros e/ou musculosos.

Além disso, destaco que a leitura minuciosa dos Processos Materiais, Mentais, Verbais e Relacionais, assim como das entidades e circunstâncias representadas nas duas canções, possibilitaram a caracterização das práticas discursivas e sociais revelando a disputa pelo poder entre os discursos entrelaçados nos textos da Bixarte. Notadamente, os atos discursivos performados pela artista propõe a desconstrução de instituições e estruturas hegemônicas constituídas a partir dos saberes, crenças e modos de vida do homem branco cis-hétero europeu, que por meio da imposição colonial, vem estabelecendo normas que intencionam o silenciamento, a exclusão, o apagamento e a morte de identidades de pessoas negras, gordas e/ou gays ou bichas, lésbicas ou sapatão, travestis, assim como de mulheres e homens transexuais que, muitas vezes, de maneira conjunta, ocupam os espaços periféricos das cidades.

Dessa forma, considero que a artista constitui o que Resende e Ramalho (2006), baseadas em Castells (1999), chamam de ‘identidade de resistência’, considerando que tanto sua própria identidade, como as identidades que são representadas em suas canções, são constituídas em contextos de luta pelo poder em situação desprivilegiada, caracterizando, assim, a resistência, além de ser uma ‘identidade de projeto’, tendo em vista seus esforços para ocupar um novo espaço social, provocando uma mudança social.

Ademais, enfatizo que mobilização das teorias sociais, em uma visão sistêmico-funcional, proporcionou a construção de um conhecimento localizado geográfica-socio-historicamente, evidenciando o contexto histórico e cultural no qual a Bixarte está imersa, além de, em uma visão crítica do discurso, terem desempenhado o papel de explicitar, por meio das diferentes perspectivas e estudos, a constituição das estruturas de poder hegemônicas, bem como as estruturas de opressão, a destacar as noções de raça e racismo, de gênero e sexualidade e as opressões de cunho LGBTQIAP+fóbico, assim como o processo de estratificação social do país e os efeitos que são instituídos a partir dessa divisão social.

A concepção interseccional, por sua vez, permitiu observar como estes marcadores sociais da diferença constituem de maneira conjunta as identidades que são representadas nas canções da artista, além de explicitar como as estruturas de opressão também agem de forma mútua contra essas identidades. Como destacado no texto, compreendo que todas essas violências se estabelecem de maneira estrutural, considerando a perspectiva proposta por

Almeida (2019) ao tratar do racismo de forma isolada, pois, compreendo que os efeitos da colonialidade (QUIJANO, 2009) criaram discursos de práticas ideológicas que se propõe normativos para os sujeitos de nossa sociedade.

Além do mais, destaco o caráter emancipatório dos discursos político-ideológicos produzidos nas canções da Bixarte, que complexificam as experiências identitárias, criando meios de intelegibilidade para problemáticas sociais, além de constituir novas representações para estes corpos, desestabilizando, assim, representações de identidades normativas de gênero e sexualidade, assim como de raça, classe social e corporeidades, sendo o rap o meio para materialização destes discursos anti-hegemônicos.

Por fim, volto a ressaltar a importância da linguagem e de seu uso para construirmos o futuro de uma sociedade mais justa, igualitária e humanizada, pois, assim como propôs Moita Lopes (2006), acredito em uma LA que se apresenta enquanto um lugar de ensaio para a esperança. Ressalto, contudo, a urgência de que essa esperança seja aquela proposta por Paulo Freire (1992), a esperança enquanto verbo, esperançar.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019. 152 p. ISBN 978-85-98349-69-5.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. ISBN 978-85-98349-74-9.
- AMARAL, Marília dos Santos; SILVA, Talita Caetano; CRUZ, Karla de Oliveira; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Do travestimos às travestilidades: uma revisão do discurso acadêmico no Brasil entre 2001-2010. **Psicologia e Sociedade**, [s. l.], v. 26, ed. 2, p. 301 - 311, 2014.
- BELTRÃO, Márcio Evaristo; BARROS, Solange Maria. Queering enunciados de um docente sobre gênero e sexualidade: uma reflexão crítica do discurso. **Revista Ícone**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 105 - 121, 1 abr. 2018.
- BENEVIDES, Bruna G. Dossiê assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2021. ANTRA, Brasília, 144f, 2022. Disponível em: <https://antrabrasil.org/assassinatos/> > acesso em 16 de mar. 2023.
- BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: ADUFBA, 2017. 329 p. ISBN 978-85-232-1599-6.
- BERTH, Joyce. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019. 184 p.
- BEZERRA, Fábio Alexandre Silva. **'Sex and the city': An investigation of women's image in Carrie Bradshaw's discourse as narrator**. 2008. 121 p. Dissertação (Mestre em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91829>. Acesso em: 14 jul. 2023.
- BEZERRA, Fábio. **Por uma Linguística Aplicada Transviada**. Parceria ALAB, [S. l.], 30 set. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j8cXbicAQFo&t=661s>. Acesso em: 13 fev. 2022.
- BEZERRA, Fábio. Análise crítica do discurso multimodal de memes sobre (o uso de) linguagem não binária. In: BEZERRA, Fábio; CANALE, Germán (org.). **Estudos críticos do discurso multimodal sobre as comunidades LGBTQIA+ na América Latina**. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 21 - 58. ISBN 978-65-5637-520-5.
- BEZERRA, Fábio. **Linguística Aplicada Transviada: gênero e sexualidade nos estudos da linguagem em perspectiva descolonial, interseccional e transdisciplinar**. Campinas: Pontes Editores, 2023.
- BITTAR, C. M. L.; PAULA, C. E. A.; SILVA, A. P. **Vulnerabilidade Legislativa de Grupos Minoritários**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(12):3841-3848, 2017.
- BONFIM, Marco Antonio Lima do; SANTOS, Eric Silva dos. Uma análise de discurso crítica multimodal em perspectiva negra: do racismo LGBTQIA+fóbico no Brasil às práticas de reexistências de bixas pretas. In: BEZERRA, Fábio; CANALE, Germán. **Estudos críticos do discurso multimodal sobre as comunidades LGBTQIA+ na América Latina**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 2022. cap. 9, p. 253 - 281. ISBN 978-65-5637-520-5.

BORBA, Rodrigo (org.). **Discursos transviados**: por uma linguística queer. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2020.

BORBA, Rodrigo. Política dos (des)afetos: gênero, sexualidade e discurso no Brasil contemporâneo. *In*: BEZERRA, Fábio; CANALE, Germán. **Estudos críticos do discurso multimodal sobre as comunidades LGBTQIA+ na América Latina**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 2022. cap. 3, p. 87 - 112. ISBN 978-65-5637-520-5.

BUENO, Winnie. *Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins*. Porto Alegre: Zouk, 2020.

BUTLER, J. *Excitable speech: a politics of the performative*. Nova York: Routledge, 1997

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional – Sistema Integrado de Informação Penitenciária (Infopen). Brasília, 2019. Disponível em: < <https://www.gov.br/depen/pt-br/servicos/sisdepen/relatorios-e-manuais/relatorios> > Acesso em: 15 de mar. 2023

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Departamento de Promoção dos Direitos de LGBT. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/fevereiro/TratamentopenaldepessoasLGBT.pdf> > Acesso em: 15 de mar. 2023

BRITO, Simone M. Mulheres que comem todas as maçãs: apresentação do dossiê. **CAOS**: revista eletrônica de Ciências Sociais, João Pessoa - PB, v. 1, n. 28, p. 13-20, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/caos/article/view/62986>. Acesso em: 17 mar. 2023.

BRITO, Maria Caroline. A vida, música e história entre Bia e Bixarte. **Brasa Mag**, [S. l.], p. 1 - 3, 15 abr. 2021. Disponível em: <https://brasamag.com.br/a-vida-musica-e-historia-entre-bia-e-bixarte/>. Acesso em: 27 dez. 2021.

CAMARGOS, R. Percursos e discursos da identidade negra no rap: música popular e questões raciais no Brasil, 1988-2018. **Latitude**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 7–35, 2019. DOI: 10.28998/lte.2018.n.2.4350. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/4350>. Acesso em: 3 jan. 2023.

CAMARGOS, Roberto. **Rap e Política**: percepções da vida social brasileira. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015. *E-book* (126 p.).

CARVALHO, R. R.; SANTOS, M. A. X. **Resistência negra em a voz do excluído de MV Bill: O Hip Hop na Cultura Brasileira**. *Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação*, Paulo Afonso, ano 1, vol. 2, jun./dez. 2013.

CECHIN, M. B. C.; SILVA, T. DA. Assim falava Barbie: uma boneca para todos e para ninguém. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 24, n. 3, p. 623-638, 31 dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4918>. Acesso em 20 mar. de 2023

CELANI, M.A.A. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. *In*: SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. C. (org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**. São Paulo: Mercado de Letras, 1998. p. 129-142.

CHAVES, G. M. Minorias e seu estudo no Brasil. **Revista de Ciências Sociais**, v. 2, n. 1, p. 149-168, 24 out. 2019.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Intersectionality**. [S. l.]: Polity Press, 2016. 248 p. ISBN 13: 978-0-7456-8448-2.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, [s. l.], ano 10, p. 171 - 188, 2002. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 mar. 2023.

DIAS, Sandra Maria Araújo. **A representação da experiência e identidade docente em um diário reflexivo**: uma abordagem Sistêmico-Funcional. 2009. 162 f. Dissertação (Mestre em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6492>. Acesso em: 5 jun. 2023.

DOSSIÊ Assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020. São Paulo: Expressão Popular, 2021. Disponível em: <https://antrabrazil.org/assassinatos/>. Acesso em: 16 mar. 2023.

EDDINE, E. A. C. O movimento Queer Rap no Brasil e a descentralidade da identidade em “Aceite-C”, de Rico Dalasam. **Revista Crioula**, [S. l.], n. 21, p. 348-377, 2018. DOI: 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.143071. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/143071>. Acesso em: 4 jan. 2023.

FABRICIO, B. F.; MOITA-LOPES, L. P. DA. Transidiomaticity and transperformances in Brazilian queer rap: toward an abject aesthetics. **Gragoatá**, v. 24, n. 48, p. 136-159, 30 abr. 2019.

FERREIRA, Aurino Lima; SILVA, Maria Lúcia Ferreira da; CUNHA, Djailton Pereira da. Promoção de resiliência: a comunidade na percepção de juventudes periféricas. **Periferia**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 133 - 157, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/57110>. Acesso em: 24 jan. 2023.

FERREIRA, Mauro. Drik Barbosa, voz feminina do rap, exercita a liberdade de gênero musical no primeiro álbum. **G1**, [S. l.], p. 1 - 3, 14 out. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2019/10/14/drik-barbosa-voz-feminina-do-rap-exercita-a-liberdade-de-genero-musical-no-primeiro-album.ghtm>. Acesso em: 27 dez. 2021.

FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. Linguagem e gênero social: contribuições da análise crítica do discurso e da linguística sistêmico-funcional. **DELTA**, São Paulo, ano 2009, v. 25, p. 732 / 753, 28 out. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502009000300013>. Acesso em: 27 dez. 2021.

FIGUEIREDO, E. Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler. **Revista Criação & Crítica**, [S. l.], n. 20, p. 40-55, 2018. DOI: 10.11606/issn.1984-1124.v0i20p40-55. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/138143>. Acesso em: 17 mar. 2023.

FILHO, Antônio Vieira do Nascimento. Crescimento da população carcerária brasileira: um paralelo entre o ócio e o dever laborar. **Festim: paradigmas humanísticos**, Natal - RN, v. 3, ed. 4, p. 17 - 35, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/33597559/Revista_Festim_Ed_4_Vol_3. Acesso em: 30 jan. 2023.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

FRANÇA, Fábio Gomes de. O perigo negro! A herança racista da polícia moderna no Brasil. **O público e o privado**, [s. l.], v. 19, n. 40, p. 123 - 149, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeprivado/article/view/5405>. Acesso em: 19 mar. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: Ressignificando e politizando a raça. **Educação e Sociedade**, Campinas, SP, v. 33, n. 120, p. 727 - 744, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/wQQ8dbKRR3MNZDJKp5cfZ4M/?lang=pt>. Acesso em: 19 mar. 2023.

GOMES DE OLIVEIRA, M. R. Trejeitos e trajetos de gayzinhos afeminados, viadinhos e bichinhas pretas na educação!. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 9, p. 161–191, 2018. DOI: 10.9771/peri.v1i9.25762. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/25762>. Acesso em: 1 fev. 2023.

GOMES, M. de A. “Discurso ou revólver”? “Tá na hora da revolução”? Diálogos anticoloniais e antirracistas entre o grupo de rap Fação Central, Achille Mbembe e Frantz Fanon. **Em Tempo de Histórias**, [S. l.], n. 32, 2018. DOI: 10.26512/emtempos.v0i32.14706. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/14706>. Acesso em: 3 jan. 2023

GOUVEIA, C. A. M. Texto E Gramática: Uma Introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan./jun. 2009

_____. Discurso e mudança social. Coord. trad., rev. e pref. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to Functional Grammar**. 3. ed. London: Hodder Education, 2004.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. Halliday’s introduction to functional grammar. 4 ed. Londres: Edward Arnold, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203783771>

JESUS, Dánie M.; MARCHETTO, Gabriel. Representações queer e performatividades na série televisiva super drags. In: BEZERRA, Fábio; CANALE, Germán. **Estudos críticos do discurso multimodal sobre as comunidades LGBTQIA+ na América Latina**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 2022. cap. 9, p. 253 - 281. ISBN 978-65-5637-520-5.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro - RJ, v. 3, ed. 1, p. 250 - 260, 2019. DOI

<https://doi.org/10.12957/redoc.2019.41817>. Disponível em: [/https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/viewFile/41817/29703](https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/viewFile/41817/29703). Acesso em: 19 jun. 2023.

JIMENEZ, Maria Luisa Jimenez; SANTOS, Claudia Reis dos. Gordofobia na escola: lute como uma gordinha. In: OLIVEIRA, Vanilda Maria de; FILGUEIRA, André Luiz de Souza; SILVA, Lion Marcos Ferreira e (org.). **Corpo, corporeidade e diversidade na Educação**. Uberlândia: [s. n.], 2021. cap. 8, p. 201 - 217. ISBN 978-65-86889-06-2. Disponível em: <https://www.culturatrix.com/corpo-corporiedade-e-diversidade-na-educa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 19 mar. 2023.

KLEIMAM, Angela. B. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In.: MOITA LOPES, L. P. (Org). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente: Festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 39-58.

LEWIS, E. S.; BORBA, R.; FABRÍCIO, B. F.; PINTO, D. Cu-irizando desde o Sul. In: LEWIS, E. S.; BORBA, R.; FABRÍCIO, B. F.; PINTO, D. (eds). *Queering paradigms IVa: insurgências queer ao sul do equador*. Oxford: Peter Lang, 2017. p. 1-12.

LIMA, F. Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 70, n. esp., p. 20-33, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000400003. Acesso em: 19 mar. 2023

LIMA, L. A. E. **“Nosso povo nunca vai se entregar”**: Um estudo das escolhas de Transitividade na representação do negro em letras de rap do músico Thiago Elniño. 2020. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

LIMA, L. A. E.; DIAS, T. S. da R.; ROCHA, A. F. F.; BEZERRA, F. A. S. Catimbó-Jurema: Uma análise crítica do discurso multimodal sobre o imaginário social religioso no filme O Auto da Compadecida. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 58, n. 1, p. e43602, 2023. DOI: 10.15448/1984-7726.2023.1.43602. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/43602>. Acesso em: 7 jul. 2023.

LINS JÚNIOR, José Raymundo Figueiredo. **Educação linguística e formação de professores de línguas crítico-reflexivos**: uma análise dos discursos de licenciandos do curso de Letras da UEVA. 2019. 183 f. Tese (Doutor em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20013>. Acesso em: 5 jun. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 96 p. ISBN 85-7526-116-9.

MACEDO, Iolanda. **O discurso musical rap**: expressão local de um fenômeno mundial e sua interface com a educação. 2010. 230 f. Dissertação (Mestre em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2010. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/919>. Acesso em: 3 jan. 2023.

MACHADO, Maria da Silva. **Ativismos LGBTQIAP+**: Bixarte e a visibilidade do movimento das homossexualidades no Instagram. 2021. 73 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Administração) - Instituto Federal de Educação da Paraíba / Unidade Acadêmica de Gestão e Negócios, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/handle/177683/1920>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MAGALHÃES, Isabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica**: um método de pesquisa qualitativa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017

MARTINS, Martha J. Uma análise das representações de mulheres trans brasileiras em capas de revistas femininas. In: BEZERRA, Fábio; CANALE, Germán. **Estudos críticos do discurso multimodal sobre as comunidades LGBTQIA+ na América Latina**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 2022. cap. 5, p. 137 - 164. ISBN 978-65-5637-520-5.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: [s. n.], 2018.

MESSIAS, Ivan dos Santos. **Hip-Hop: educação e poder**: o rap como instrumento de educação. Salvador: ADUFBA, 2015. 204 p.

MEURER, José Luiz. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: __; BONINI, Adair e MOTTA-ROTH, Désirée. (Orgs.), Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 81-106.

MEURER, José Luiz; DELLAGNELO, Adriana Kuerten. **Análise do discurso**. Florianópolis: [s. n.], 2008. 66 p. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/analiseDoDiscurso/assets/495/Texto_base_AnalisedoDiscurso.pdf. Acesso em: 16 mar. 2023.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. ISBN 978-85-65381-28-4.

MOASSAB, A. **Brasil Periferias**: A comunicação insurgente do Hip-Hop. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 299. 2008.

MOITA LOPES, L. P. A transdisciplinaridade é possível em linguística aplicada?. In.: SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. C. (org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**. São Paulo: Mercado de Letras, 1998. p. 113-128.

MOITA LOPES, L.P. Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In.: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006, p. 13-44.

MOITA LOPES, L.P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In.: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 85-107.

MOITA LOPES, L.P. Fotografias da linguística aplicada brasileira na modernidade recente: contextos escolares. In.: MOITA LOPES, L.P (Org.) **Linguística Aplicada na Modernidade Recente: Festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 16 – 37

MOITA LOPES, L. P. Gênero, sexualidade e raça em contextos de letramentos escolares. In: Moita Lopes, Luiz Paulo. (Org.). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente: Festschrift para Antonieta Celani**. 1a.ed.São Paulo: Parábola, 2013, v. , p. 227-248.

MONTEIRO, Mattos F.; CARDOSO, Gabriela R. A seletividade do sistema prisional brasileiro e o perfil da população carcerária: um debate oportuno. **Civitas**, Porto Alegre, v 13, n. 1, p. 93-117, 2013. DOI: 10.15448/1984-7289.2013.1.12592. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/wjmWpRx3yMLqSJ6fQJ9JkNG/?lang=pt>. Acesso em: 17 mar. 2023

MÜLLER, H. D. R.; COSTA, L. L. V. “Combinaram de nos matar, combinamos de ficar vivos”: racismo e resistência negra no rap brasileiro contemporâneo. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 65, p. 607–647, 2022. DOI: 10.9771/aa.v0i65.45173. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/45173>. Acesso em: 17 jan. 2023.

MUNIZ, Ricardo. Após dez ano da lei que instituiu cotas raciais nas universidades federais, país se prepara para optar entre continuidade ou desmonte da política pública. **Jornal da unesp**, [S. l.], p. 1 - 2, 12 jan. 2023. Disponível em: [https://jornal.unesp.br/2022/01/12/aposdez-anos-da-lei-que-instituiu-cotas-raciais-na-universidades-federais-pais-se-prepara-paraoptar-entre-continuidadeoudesmontedapoliticapublica/#:~:text=Mas%2C%20quando%20o%20E2%80%9Cpendura%20politizado,a%20e%20Bras%C3%ADlia%20\(UnB\)](https://jornal.unesp.br/2022/01/12/aposdez-anos-da-lei-que-instituiu-cotas-raciais-na-universidades-federais-pais-se-prepara-paraoptar-entre-continuidadeoudesmontedapoliticapublica/#:~:text=Mas%2C%20quando%20o%20E2%80%9Cpendura%20politizado,a%20e%20Bras%C3%ADlia%20(UnB)). Acesso em: 9 out. 2023.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: Processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016. 232 p. ISBN 978-85-273-1080-2.

OLIVEIRA, Maria Aparecida Costa *et al.* Movimentos negros no Brasil e os cenários de luta pela educação. **Educação e Sociedade** , Campinas, SP, v. 43, p. 1 -17, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/ntytgZqBG5wffjyVDC9Q79b/?lang=pt>. Acesso em: 19 mar. 2023.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Transexistencias negras: o lugar de travestis e mulheres transexuais no Brasil e em África até o século XIX. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; SEFFNER, Fernando; VILAÇA, Teresa (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: resistência e ocup(ações) nos espaços de educação. Rio Grande: Editora da furg, 2018. p. 69 - 88. Disponível em: [/https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/7746/Livro_final_1.pdf](https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/7746/Livro_final_1.pdf). Acesso em: 19 jun. 2023.

PAIM, Marina Bastos; KOVALESKI, Douglas Francisco. Análise das diretrizes brasileiras de obesidade: patologização do corpo gordo, abordagem focada na perda de peso e gordofobia. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 29, ed. 1, p. 1 - 12, 2020. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-12902020190227>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/pBvf5Zc6vtkMShytzLKxYJH/?lang=pt>. Acesso em: 17 mar. 2023.

PAIM, Marina Bastos. **Gordofobia faz mal à saúde**: relatos de gordofobia nos serviços de saúde e precarização do cuidado em saúde de pessoas gordas. 2022. 255 p. Tese (Doutorado

em Saúde Coletiva) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/234852>. Acesso em: 11 fev. 2023.

PAUSÉ, Cat. BATUKA: introdução aos Fat Studies. **CAOS**: revista eletrônica de Ciências Sociais, João Pessoa - PB, v. 1, n. 28, p. 65 - 94, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/caos/article/view/62125/35444>. Acesso em: 17 mar. 2023.

PELÚCIO, L. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 68–91, 2014. DOI: 10.9771/peri.v1i1.10150. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150>. Acesso em: 17 mar. 2023.

PESSOA, Mariana. **A poética nas canções de Criolo**: rap e vivências. 2017. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Licenciatura em Letras Português – Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco. 2017.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 2, 2008. DOI: 10.5216/sec.v11i2.5247. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/5247>. Acesso em: 6 mar. 2023.

PRICE, Emmett George. **Hip hop culture**. Santa Barbara, California: ABC-Clio, 2006. ISBN 1-85109-867-4.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. [S. l.]: Almedina, 2009. cap. 2, p. 73-117.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane C. Vieira Sebba. Análise de discurso crítica, do modelo tridimensional à articulação entre prática: Implicações teórico-metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 185 - 207, 2004. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/307. Acesso em: 17 mar. 2023.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise Crítica do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, Viviane de Melo. Análise crítica do discurso: uma perspectiva transdisciplinar entre a linguística sistêmico-funcional e a ciência social crítica. **International Systemic Functional Congress**, São Paulo, v. 33, p. 1069 - 1081, 15 jul. 2006.

RIBEIRO, A.; SILVA, M. Da literatura ao rap: Pelé do Manifesto e a construção de uma escrita marginal periférica paraense. **Revista Ñanduty**, [S. l.], v. 9, n. 14, p. 92–114, 2021. DOI: 10.30612/nty.v9i14.15892. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/nanduty/article/view/15892>. Acesso em: 17 mar. 2023.

RIOS, F.; PEREZ, O.; RICOLDI, A. Interseccionalidade nas mobilizações do Brasil contemporâneo. **Lutas Sociais**, [S. l.], v. 22, n. 40, p. 36–51, 2018. DOI: 10.23925/lis.v22i40.46648. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/lis/article/view/46648>. Acesso em: 17 mar. 2023.

ROCHA, N. F. F. **Olha que coisa mais linda**: As Traduções da Canção *Garota de Ipanema* em Inglês, Alemão, Francês e Italiano sob a Ótica do Sistema de Transitividade. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal De Santa Catarina Centro De Comunicação E Expressão Pós-Graduação Em Estudos Da Tradução. - Florianópolis, SC, p. 153. 2013.

ROCHA, Sabrina da Costa. **Um estudo sobre as escolhas léxico-gramaticais de duas professoras de inglês em um diário dialogado**. 2009. 99 f. Dissertação (Mestre em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6506>. Acesso em: 5 jun. 2023.

RODRIGUES, Cláudia Caminha Lopes. **"Se quiser, é assim"**: uma análise léxico-gramatical da representação feminina em letras de forró eletrônico. 2010. 175 f. Dissertação (Mestre em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6508>. Acesso em: 5 jun. 2023.

RODRIGUES, Maria Natália Matias. **Jovens mulheres rappers**: reflexões sobre gênero e geração no Movimento Hip Hop. 2013. 160 f. Dissertação (Mestre em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10254>. Acesso em: 3 jan. 2023.

ROTHBLUM, Esther; SOLOVAY, Sondra (org.). **The fat studies reader**. [S. l.]: New York University Press, 2009.

SALGADO, Marcus Rogério. Entre ritmo e poesia: rap e literatura oral urbana. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 19, n. 37, p. 151 - 163, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2015v19n37p153>. Acesso em: 3 jan. 2023.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: PENSO, 2013. 619 p. ISBN 9786071502919.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. Tradução: Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Z. B. A Linguística Sistêmico-funcional: algumas considerações. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. **Revista Soletras**, n. 28: 164-181, 2014.

SANTOS, Maria Adaljiza Xavier; CARVALHO, Rodrigo Reis; SIQUEIRA, Kárpio Márcio de. Resistência negra em 'A voz do Excluído de MV Bill: o hip hop na cultura brasileira'. **Opará**: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação, [s. l.], ano 1, v. 2, p. 25 -38, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/opara/article/view/ART0008>. Acesso em: 16 mar. 2023.

SANTOS, E. de J.; DE LIMA, L. L. A. Vestígios, “negrofuligens” e “feitiço”: rastros de africanidade na constituição de uma filosofia negro-brasileira. **ODEERE**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 217-234, 2022. DOI: 10.22481/odeere.v7i1.10515. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/10515>. Acesso em: 2 fev. 2023.

SEGRETO, Marcelo. A linguagem cancional do rap. 2014. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SILVA, Edna, C, M. Do discurso à Gramática: Um enfoque crítico e funcional de gêneros. Universidade de Brasília – UNB, **Cadernos de Linguagem e Sociedade**; 11 (2): 62-77, 2010. DOI <https://doi.org/10.26512/les.v11i2>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/10471/9226>. Acesso em: 18 fev. 2023.

SILVA, Isabella Dantas V. **Um estudo de transitividade acerca da representação da mulher afrodescendente escravizada nos contos Beyond the Bayou E La Belle Zoraide de Kate Chopin**. 2019. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

SILVA, Jordão Joanes Dantas da. **"Want to be a real hero?"**: uma análise Sistêmico-Funcional de anúncios em revistas em quadrinhos de super-heróis. 2011. 123 f. Dissertação (Mestre em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6325>. Acesso em: 5 jun. 2023.

SILVA, Marcos P. F. **Do léxico ao discurso**: um estudo das representações do rap de Emicida. 2020. 125 p. Dissertação (Mestre em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/23461>. Acesso em: 3 jun. 2023.

SILVA, R. B. DA. As representações sociais do feminino: um olhar sobre a boneca Barbie. **Comunicologia - Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília**, v. 9, n. 2, p. 181-192, 8 dez. 2016. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/5320>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SOARES, Vanessa de Sousa; ALEIXO, Klelia Canabrava; ROBERTO, Záira Jesus Pereira. Colonialidade do poder e direito penal: reflexão sobre a população carcerária e a seletividade do poder punitivo. **Argumenta Journal Law**, Paraná, n. 38, p. 185 - 208, 2022. Disponível em: <https://seer.uenp.edu.br/index.php/argumenta/article/view/1981>. Acesso em: 16 mar. 2023.

SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021. *E-book*.

SOUZA, Jayane. A inivibilização do corpo gordo nas revistas femininas brasileiras: estudo de caso sobre capas da revista digital Elle Brasil. **CAOS: revista eletrônica de Ciências Sociais**, João Pessoa - PB, v. 1, n. 28, p. 21-37, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/caos/article/view/62125/35444>. Acesso em: 17 mar. 2023.

TÍLIO, Rogério. 30 anos da ALAB: 30 anos de Linguística Aplicada e Ensino de Línguas no Brasil. In: **RAÍDO**, v.14, n. 36, p. 17-36, 2020.

VIAN JR., Orlando. Linguística sistêmico-funcional, linguística aplicada e linguística educacional. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.), Linguística aplicada na modernidade recente: Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 123-141.

WANN, Marilyn. Foreword. In: ROTHBLUM, Esther; SOLOVAY, Sondra. **The fat studies reader**. [S. l.]: New York University Press, 2009. p. ix - xxv.

ZAMBONI, Jésio. **Educação Bicha**: uma a(na[l])rqueologia da diversidade sexual. 2016. 115 f. Tese (Doutor em educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/8550>. Acesso em: 16 mar. 2023.

MATÉRIAS CITADAS EM NOTAS DE RODA PÉ

BRITO, Maria Carolina. A vida, música e história entre Bia e Bixarte. **Brasamag**, [S. l.], p. 0-0, 15 abr. 2021. Disponível em: <https://brasamag.com.br/a-vida-musica-e-historia-entre-bia-e-bixarte/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

CARULLA, Gabriel. Bixarte: as diversas faces de uma trans não binária dentro do Rap. **Brasil de Fato Paraíba**, [S. l.], p. 0-0 16 nov. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefatopb.com.br/2019/11/16/bixarte-as-diversas-faces-de-uma-trans-nao-binaria-dentro-do-rap>. Acesso em: 20 jan. 2023.

CAVALCANTI, Joel. Bixarte entra em nova fase: Atração de hoje do 'Natal na Usina', na capital, cantora e compositora paraibana se prepara para lançar álbum inédito que marcará sua nova linguagem estética. **A União**, João Pessoa - PB, p. 0-0, 23 dez. 2022. Disponível em: https://auniaio.pb.gov.br/noticias/caderno_cultura/bixarte-entra-em-nova-fase. Acesso em: 20 jan. 2023.

DIAS, Helena. "o rap mais bonito que tem no Brasil hoje é no Nordeste": afirma a multiartista Bixarte. **Brasil de Fato Pernambuco**, Recife, [S. l.], p. 0-0, 20 jul. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatope.com.br/2022/07/20/o-rap-mais-bonito-que-tem-no-brasil-hoje-e-no-nordeste-afirma-a-multiartista-bixarte>. Acesso em: 20 jan. 2023.

ESTADÃO EXPRESSO. No Brasil, 85% das pessoas obesas já sofreram gordofobia. **Estadão**, [S. l.], p. 1 -2, 14 jul. 2022. Disponível em: <https://mobilidade.estadao.com.br/na-perifa/no-brasil-85-das-pessoas-obesas-ja-sofreram-gordofobia/>. Acesso em: 19 mar. 2023.

JORNAL DA PARAÍBA. 'Negritudes: ontem e hoje': Bixarte. YouTube, 27 de nov. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A-ql3mVxAIE>. Acesso em: 20 jan. 2023.

LACERDA, Victor. Entrevista: O poder da palavra da mulher trans, negra e paraibana; conheça Bixarte. **Alma Preta**, [S. l.], p. 0-0, 17 maio 2021. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/cultura/entrevista-o-poder-da-palavra-da-mulher-trans-negra-e-paraibana-conheca-bixarte>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MELO, Rebeka. Transfobia: cantora paraibana Bixarte é agredida por dois homens em João Pessoa: "Me chamaram de viado". **Polêmica Paraíba**, [S. l.], p. 1 - 2, 11 nov. 2020. Disponível em: <https://www.polemicaparaiba.com.br/paraiba/transfobia-cantora-paraibana-bixarte-e->

agredida-por-dois-homem-em-joao-pessoa-me-chamaram-de-viado-veja-video/. Acesso em: 18 jul. 2023.

MOTA, Camilla Veras. Gordofobia: ‘Usavam minhas fotos para falar do meu corpo no WhatsApp’. **BBC News Brasil**, São Paulo, p. 1 - 2, 30 dez. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-63949805>. Acesso em: 17 mar. 2023.

Ordem dos Advogados do Brasil, seccional PARAIBA (OAB-PB). Comissão dos Direitos Humanos na OAB-PB acompanha caso de denúncia de transfobia da artista Bixarte. **OAB PARAIBA**, [S. l.], p. 1 - 2, 17 jun. 2021. Disponível em: <https://www.oabpb.org.br/post/comiss%C3%A3o-de-direitos-humanos-da-oab-pb-acompanha-caso-da-den%C3%Aancia-de-transfobia-da-artista-bixarte>. Acesso em: 18 jul. 2023.

TV CIDADE JOÃO PESSOA. Solta a voz – Bixarte. YouTube 17 de mai de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r52jZsgxuW8&t=13s>. Acesso em: 20 jan. 2023

VALENTE, Jonas. Brasil registrou 140 assassinatos de pessoas trans em 2021. **Agência Brasil**, [S. l.], p. 1-2, 29 jan. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-01/brasil-registrou-140-assassinatos-de-pessoas-trans-em-2021>. Acesso em: 6 dez. 2022.

VASCONCELOS, Grace. Paraíba registra 25 crimes violentos contra mulheres transexuais e travestis em 6 anos, segundo relatório. **G1 Paraíba**, [S. l.], p. 1 - 3, 8 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/07/08/paraiba-registra-crimes-violentos-contra-mulheres-transexuais-e-travestis-segundo-relatorio.ghtml>. Acesso em: 18 jul. 2023.

ANEXO I

CANÇÃO – REVOLUÇÃO + ANÁLISE DE TRASITIVIDADE

Eles querem me prender porque pensam que lá vão me silenciar
 Mas estão errados, porque dentro da cadeia os pretinhos que tiver eu vou empoderar
 O povo preto ta presente numa arma diferente
 Mostra que nós é potente
 Se ficar atrás de mim, derrubo até o presidente
 É que a gente é do gueto e ta vindo sem medo pra mostrar a merda que tu quer fazer
 Em terra de povo preto racista não tem poder
 Em terra de povo preto

Ei, presta atenção
 Eles querem nos matar porque sabem que bicha é revolução (2x)

Todo dia, sem mentira, morre gay em armadilha por polícia militar que não cansa de nos matar
 Eles querem nos calar e pra vala nos mandar
 Por isso bichas e bruxas vamos logo se juntar
 Eu sei que eles são pesados e só andam armados
 Eles são pesados e só trabalha com fuzil
 Mas se a gente se juntar, derruba a porra do Brasil
 Mas se a gente se juntar

Pode até tentar controlar a nossa magia, mas esse feitiço é pra bater de frente com a homofobia
 Faz, faz a roda aí senhor.
 Que a senzala aprendeu a ler e a casa grande já derrubou (2x)

Ei, presta atenção
 Eles querem nos matar porque sabem que bicha é revolução (2x)

Eles	querem	me	prender
Ator		Meta	Proc. Material
Experienciador	Proc. Mental	Fenômeno	

porque	[eles]	pensam	que lá vão me silenciar
	Experienciador	Proc. Mental	Oração Projetada

que	lá	[eles]	vão	me	silenciar
	Circ.: Lugar	Ator	Processo...	Meta	...Material

Mas	[eles]	estão	errados
	Portador	Proc. Relacional	Atributo

porque	dentro da cadeia	os pretinhos	que tiver	eu	vou empoderar
	Circ. Lugar	Existente/Meta	Proc. Existencial	Ator	Proc. Material

o	povo preto	ta [está]	presente	numa arma diferente
---	------------	-----------	----------	---------------------

	Portador	Proc. Relacional	Atributo	Circ.: Lugar	
Mostra	que	nós	é	potente	
Proc. Material		Portador	Proc. Relacional	Atributo	
se	[eles/alguém]	ficar	atrás de mim		
	Portador	Proc. Relacional	Circ.: Lugar		
[eu]	derrubo	até	o presidente		
Ator	Proc. Material		Meta		
é que	a gente	é	do gueto		
Proc. Relacional	Portador	Proc. Relacional	Atributo		
e	[a gente]	ta vindo	sem medo		
	Ator	Proc. Material	Circ.: Acompanhamento Negativo		
pra mostrar	a merda	que tu	quer fazer		
Proc. Material	Meta	Ator/Experienciador	Proc.: Mental/Material		
em terra de povo preto	racista	não tem	poder		
Circ. Lugar	Possuidor	Proc. Relacional	Possuído		
em	terra	de povo preto			
ei	[você]	presta	atenção		
	Experienciador	Proc. Mental	Escopo		
eles	querem	nos	matar		
Experienciador/Ator	Proc. Mental	Meta	Proc. Material		
porque	[eles]	sabem	que bicha é revolução		
	Experienciador	Proc. Mental	Oração Projetada		
que	bicha	é	revolução		
	Portador	Proc. Relacional	Atributo		
todo dia	sem mentira	morre	gay	em armadilha	por polícia militar
Circ. Tempo	Circ.: Acompanhamento Negativo	Proc. Material	Meta	Circ. Lugar	Ator
que	[eles]	não cansa	de nos	matar	
Ator	Proc. Material/ comportamental		Meta	Proc. Material	
eles	querem	nos	calar		
Experienciador/Ator	Proc. Mental	Meta	Proc. Material		
e	pra vala	nos	mandar		
	Circ. Local	Meta	Proc. material		

por isso	bichas e bruxas	[nós]	vamos	logo	se	juntar
Circ. Causa	Vocativo	Ator	Proc...	Circ. Tempo	Meta	Material

eu	sei	que eles são pesados				
Experienciador	Proc. mental	Fenômeno				

que	eles	são	pesados			
	Portador	Proc. Relacional	Atributo			

e	[eles]	só	andam	armados		
	Ator	Circ. Grau	Proc. Material	Atributo		

eles	são	pesados				
Portador	Proc. Relacional	Atributo				

e	só	[eles]	trabalha	com fuzil		
	Circ. Grau	Ator	Proc. Material	Circ.: Modo		

mas	se	a gente	se	juntar		
		Ator	Meta	Proc. Material		

[nós]	derruba	a porra do Brasil				
Ator	Proc. Material	Meta				

mas	se	a gente	se	juntar		
		Ator		Proc. Material		

[você]	pode (até) tentar controlar				a nossa magia	
Ator	Proc. Material				Meta	

mas	esse feitiço	é	pra	bater de frente com a homofobia		
	Portador	Proc. Relacional		Atributo		

faz	faz	a roda	áí	senhor		
Proc. Material	Proc. Material	Escopo Meta	Circ. Local	Ator		

[por]que	a senzala	aprendeu	a ler			
	Experienciador	Proc. Mental	Fenômeno			

e	a casa grande	[a senzala]	já	derrubou		
	Meta	Ator		Proc. Material		

ei	[você]	presta	atenção			
	Experienciador	Proc. Mental	Escopo			

eles	querem	nos	matar			
Experienciador	Proc. mental	Meta	Proc. Material			

porque	[eles]	sabem	que bicha	é	revolução	
--------	--------	-------	-----------	---	-----------	--

	Experienciador	Proc. Mental	Fenômeno		
			Portador	Proc. Relacional	Atributo

CANÇÃO – GORDO WEEK + ANÁLISE DE TRANSITIVIDADE

Quem foi que disse que ser gorda não é chique?
Te apresento Paraíba Gordo Week (2x)

Só pra quem duvidou
A Barbie agora é preta, travesti e engordou

Quebrando a normatividade
Corpo gordo chega nessa atividade
Quero as gordas estampadas nos outdoor do centro à favela de toda cidade
Não quero que me copie
Mas quero a sua compreensão
Pois ser gorda não é fora de moda
GG com mais R de revolução

Eu quebro tua fala, teu discurso sujo e a tua vitrine
Beleza, pra mim, vem lá de Niterói
Que se foda as suas Marquezines
As gordas vão ocupar
Tipo uma reparação histórica
Eu tô de bem com meu corpo, que se foda toda a sua aeróbica

Quem foi que disse que ser gorda não é chique?
Te apresento Paraíba Gordo Week (2x)

Quebrando os teus armários
A gente chega nesse esculacho
Falando que o corpo gordo também tem o seu espaço
As minhas ideias não cabem nesse teu padrão magro
Segura a comida que a gorda assassina tá com fome de MC fraco
Só fala comigo quando tá sozinho na rua
Não sou teu pano de escape
Por favor, não me abusa

A tua moda bebê, eu explodi
Gordura trans disseminada
As revistas eu invadi
A rainha agora é gorda
Com império de peso
Agora a modelo tem 110 quilos
Fashion Week em desespero
Estilistas cafonas
Gordas donas de empresas
Seu patrocínio é magro
Chegou o bonde das obesas
O bonde das obesas
O bonde das obesas

quem	foi que disse	que ser gorda não é chique
	Proc. Verbal	verbiagem

[eu]	te	apresento	Paraíba Gordo Week
Ator		Proc. Material	Escopo

só pra	quem	duvidou
	Experienciador	Proc. Mental

A Barbie	agora	é	preta, travesti e engordou
Portador	Circ. Tempo	Proc. Relacional	Atributo

[o corpo gordo]	quebrando	a normatividade
Ator	Proc. Material	Meta

corpo gordo	chega	nessa atividade
Ator	Proc. Material	Circ. Lugar

[eu]	quero	as gordas estampadas nos outdoors do centro à favela de toda cidade
Experienciador	Proc. Mental	Fenômeno

as gordas	estampadas	nos outdoors do centro à favela de toda cidade
Ator	Proc. Material	Circ. Modo ou Lugar?

[eu]	não quero	que [você] me copie
Experienciador	Proc. Mental	Fenômeno

que	[você]	me	copie
	Ator	Meta	Proc. Material

mas	[eu]	quero	a sua compreensão
	Experienciador	Proc. Mental	Fenômeno

pois	ser gorda	não é	fora de moda
	Portador	Proc. Relacional	Atributo

eu	quebro	tua fala, teu discurso sujo e a tua vitrine
Ator	Proc. Material	Meta

beleza	pra mim	vem	lá de Niterói
Ator	Circ. Ângulo: ponto de vista	Proc. Material	Circ. Lugar

que	se	foda	as suas Marquezines
	Ator	Proc. Material	Meta

As gordas	vão ocupar	tipo uma reparação histórica
Ator	Proc. Material	Circ. Maneira: comparação

Eu	tou	de bem	com meu corpo
Portador	Proc. Relacional	Atributo	Circ. Matéria

que	se	foda	a sua aeróbica
	Ator	Proc. Material	Meta

quem	foi	que	disse	ser gorda não é chique
Identificado	Proc. Relacional	Dizente	Proc. Verbal	Verbiagem

[eu]	te	apresento	Paraíba Gordo Week
Ator	Recebedor	Proc. Material	Meta

[nós]	quebrando	os teus armários
Ator	Proc. Material	Meta

a gente	chega	nesse esculacho
Ator	Proc. Material	Circ. Modo ou Lugar

[a gente]	[chega] falando	que o corpo gordo também tem o seu espaço
Dizente	Proc. Verbal	Verbiagem

que	o corpo gordo	também	tem	o seu espaço
	Possuidor		Proc. Relacional	Possuído

as minha ideias	não cabem	nesse teu padrão magro
Ator	Proc. Relacional	Circ. Lugar

[você]	segura	a comida
Ator	Proc. Material	Meta

que	que a gorda assassina	ta	com fome de Mc fraco
	Portador	Proc. Relacional	Atributo

[você]	(só) fala	comigo
Dizente	Proc. Verbal	Receptor

quando	[você]	ta	sozinho	na rua
	Portador	Proc. Relacional	Atributo	Circ. Lugar

[eu]	não sou	teu pano de escape
Portador	Proc. Relacional	Atributo

por favor	[você]	não	me	abusa
	Ator		Meta	Proc. Material

a tua moda	bebê	eu	explodi
Meta		Ator	Proc. Material

Gordura trans	disseminada

as revistas	eu	invadi
-------------	----	--------

Meta	Ator	Proc. Material		
a rainha	agora	é	gorda	
Portador	Circ. Tempo	Proc. Relacional	Atributo	
Com império de peso	agora	a modelo	tem	110 quilos
Atributo	Circ. Tempo	Portador	Proc. Relacional	Atributo
Fashion week	[está]	em desespero		
Atributo	Proc. Relacional	Atributo		
estilitas cafonas	gordas donas de empresas			
Vocativo	Vocativo			
seu	patrocínio	é	magro	
	Portador	Proc. Relacional	Atributo	
chegou	o bonde das obesas			
Proc. Material	Ator			

ANEXO II

Quadro 62 - Esquema de definições

Termo	Definição	Fonte
IDENTIDADE DE GÊNERO	A identidade de gênero reflete o senso profundamente sentido e vivido do próprio gênero de uma pessoa. Todo mundo tem uma identidade de gênero, que faz parte de sua identidade como um todo. Tipicamente, a identidade de gênero de uma pessoa é alinhada com o sexo que lhe foi designado no momento do seu nascimento.	BRASIL (2020)
ORIENTAÇÃO SEXUAL	A orientação sexual se refere à atração física, romântica e/ou emocional de uma pessoa em relação a outra. Todo mundo tem uma orientação sexual, que faz parte de sua identidade. Homens gays e mulheres lésbicas se atraem por indivíduos que são do mesmo gênero que eles e elas. Pessoas heterossexuais se atraem por indivíduos de gênero diferente do seu.	BRASIL (2020)
CISGÊNERO	Cisgênero é um termo empregado para descrever as pessoas cujo senso de seu próprio gênero está alinhado com o sexo que lhe foi designado no momento do seu nascimento. A identidade de gênero é distinta da orientação sexual e das características sexuais.	BRASIL (2020)
HETEROSSEXUAIS	Pessoas que têm sentimentos afetivos e atração sexual por outras pessoas com identidades de gênero diferente. Ou seja, alguém de identidade de gênero feminina que se relacione com outra pessoa de identidade de gênero masculina.	BRASIL (2020)

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 63 - Definições dos termos na sigla LGBTQIAP+

Termo	Definição	Fonte
LÉSBICAS	Denominação específica para mulheres que se relacionam, independentemente da identidade de gênero, afetiva e sexualmente com outras mulheres.	BRASIL (2020)
GAY	Denominação específica para homens que, independentemente da identidade de gênero, relacionam-se afetiva e sexualmente com outros homens.	BRASIL (2020)
BISSEXUAIS	Pessoas que se relacionam afetiva e sexualmente com homens e mulheres, independentemente da identidade de gênero.	BRASIL (2020)
TRANSEXUAIS, TRANSGÊNEROS, TRAVESTIS	<p>Este é um conceito relacionado à identidade de gênero e não à sexualidade, remetendo à pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. As pessoas transgênero podem ser homens ou mulheres, que procuram se adequar à identidade de gênero. Algumas pessoas trans recorrem a intervenções médicas, que vão da terapia hormonal à cirurgia de redesignação sexual, mas isso é pessoal e não são todas as pessoas transgênero que optam por essas intervenções - até por razões financeiras. Para se referir a elas, são usadas as expressões homem trans e mulher trans.</p> <p>As travestis, por sua vez, são mulheres trans que preferem ser chamadas dessa maneira por motivos políticos, de resistência, já que este termo está atrelado à marginalização das mulheres trans, que tinham como única alternativa a prostituição como modo de sobrevivência. Muitas mulheres trans se identificam atualmente como travestis justamente para tirar o estigma da palavra.</p> <p>Deste modo, mulher trans é a pessoa que se identifica como sendo do gênero feminino embora tenha sido biologicamente designada como pertencente ao sexo/gênero masculino ao nascer. O homem trans é a pessoa que se identifica como sendo do gênero masculino embora tenha sido biologicamente designada como pertencente ao sexo/gênero feminino ao nascer.</p>	JUSTIÇA DO TRABALHO, TRT 4º REGIÃO (RS) (2021)
QUEER	É um termo da língua inglesa usado para qualquer pessoa que não se encaixe na heterocisnormatividade, ou seja, que não se identifica com o padrão binário de gênero, tampouco se sente contemplada com outra letra da sigla referente a orientação sexual, pois entendem que estes rótulos podem restringir a amplitude e a vivência da sexualidade.	JUSTIÇA DO TRABALHO, TRT 4º REGIÃO (RS) (2021)

INTERSEXO	É uma pessoa que nasceu com a genética diferente do XX ou XY e tem a genitália ou sistema reprodutivo fora do sistema binário homem/mulher. Atualmente, são reconhecidas pela ciência pelo menos 40 variações genéticas, dentre elas XXX, XXY, XO, etc.	JUSTIÇA DO TRABALHO, TRT 4º REGIÃO (RS) (2021)
ASSEXUAL	É um indivíduo que não sente atração sexual por qualquer gênero. Isso não significa que não possam ter relacionamentos ou desenvolver sentimentos amorosos e afetivos por outras pessoas.	JUSTIÇA DO TRABALHO, TRT 4º REGIÃO (RS) (2021)
PANSEXUALIDADE	É uma orientação sexual em que as pessoas desenvolvem atração física, amor e desejo sexual por outras pessoas independentemente de sua identidade de gênero.	JUSTIÇA DO TRABALHO, TRT 4º REGIÃO (RS) (2021)
+	Demais orientações sexuais e identidades de gênero.	JUSTIÇA DO TRABALHO, TRT 4º REGIÃO (RS) (2021)

Fonte: produzido pelo autor.

Quadro 64 - Conceitos de práticas LGBTQIAP+fóbicas

Termo	Definição	Fonte
HOMOFOBIA	A homofobia é o medo, o ódio ou a aversão irracional em relação a pessoas lésbicas, gays ou bissexuais.	Livres & Iguais – Nações Unidas
TRANSFOBIA	A transfobia é o medo, o ódio ou a aversão irracional em relação a pessoas transgênero.	Livres & Iguais – Nações Unidas
BIFOBIA	A bifobia é o medo, o ódio ou a aversão irracional em relação às pessoas bissexuais.	Livres & Iguais – Nações Unidas

Fonte: produzido pelo autor.